

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA  
MESTRADO ACADÊMICO**

**GABRIELA BOREL DELARMELINA**

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA NO FUTEBOL DE  
MULHERES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS DAS ATLETAS DE ELITE**

**VITÓRIA  
2023**

GABRIELA BOREL DELARMELINA

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA NO FUTEBOL DE  
MULHERES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS DAS ATLETAS DE ELITE**

Dissertação/ submetido(a) ao Programa de Pós Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física

Área de concentração: Estudos Pedagógicos e Socioculturais da Educação Física. Linha de pesquisa: Estudos Históricos e Socioculturais da Educação Física, Esporte, Lazer e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Mariana Zuaneti Martins (CEFD/UFES)

Vitória  
2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

- D339p Delarmelina, Gabriela Borel, 1997-  
A profissionalização da carreira esportiva no futebol de mulheres no Brasil : Trajetórias das atletas de elite / Gabriela Borel Delarmelina. - 2023.  
122 f. : il.
- Orientadora: Mariana Zuaneti Martins.  
Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.
1. Futebol feminino. 2. Mulheres atletas. 3. Jogadoras de futebol. 4. Profissionalismo nos esportes. I. Martins, Mariana Zuaneti. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

---

GABRIELA BOREL DELARMELINA

**A PROFISSIONALIZAÇÃO DA CARREIRA ESPORTIVA NO FUTEBOL DE  
MULHERES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS DAS ATLETAS DE ELITE**

Dissertação apresentada ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Educação Física.

Trabalho Defendido e Aprovado em:  
\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Mariana Zuaneti Martins  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientadora

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Felipe Rodrigues da Costa  
Universidade de Brasília  
Examinador 1

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Renato Francisco Rodrigues Marques  
Universidade de São Paulo  
Examinador 2



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a Deus, que é a fonte de minha vida e minha fortaleza inabalável. A Deus, toda honra e glória, pois Seu amor incondicional e presença constante me deram coragem e perseverança. Agradeço Sua fidelidade e graça que me sustentaram durante todo o processo.

Ao meu pai e à minha mãe, que são minha base sólida e meu porto seguro em todos os momentos da minha vida, sou imensamente grata por seu amor, apoio e carinho. Eles estiveram ao meu lado nos bons e nos maus momentos, mantendo-me de pé e ajudando-me a seguir em frente. São exemplos de dedicação, perseverança e amor incondicional, e sou verdadeiramente abençoado(a) por tê-los como meus pais. Agradeço por cada sacrifício que fizeram por mim, por cada encorajamento nos momentos difíceis e por sempre acreditarem em mim. Seu amor e apoio foram fundamentais para eu alcançar este marco em minha vida acadêmica.

Agradeço imensamente aos meus queridos amigos da Grupa. Vocês me acolheram e abraçaram, transformando-me na pesquisadora que sou hoje. Sua inspiração e ajuda diária são essenciais para mim. Vocês fazem parte do meu crescimento acadêmico e pessoal.

De forma mais particular, agradeço aos amigos que embarcaram comigo nessa jornada louca de estudos sobre carreira esportiva. Um agradecimento especial para Letícia, Julieli, Samara, Kevin e Lucas. Vocês não apenas leram os textos comigo, mas dedicaram horas de suas semanas a reuniões, fazendo com que o meu horizonte de conhecimento fosse ampliado. Obrigada pela confiança nesse processo. Mais do que isso, obrigada pela amizade, me acompanhando nas horas boas e ruins, sempre dispostos ajudar. Vocês são parte disso.

Gostaria de expressar minha gratidão às minhas amigas Kerzia e Hanele (nem tanta gratidão assim) por embarcarem nessa jornada do mestrado junto comigo. Passamos por um processo conjunto, desde os estudos para a prova até a etapa final, e sem o apoio e a força delas, provavelmente eu não teria conseguido chegar até aqui. Agradeço também pelo suporte além dos estudos, pelo apoio em minha vida pessoal. Elas foram uma rede de segurança em momentos de dificuldade, sempre estando ao meu lado. Sei que posso contar com elas, assim como sempre estarei disposto(a) a lutar por elas.

Toda minha gratidão ao Wesley, MP e à Bruna por estarem ao meu lado durante o momento de pré-entrega do projeto. Eles leram e releeram meus textos, oferecendo sua ajuda desde os primeiros passos. Durante todo o processo do mestrado, eles foram pacientes ao ler meus textos, auxiliando-me a evoluir e aprimorar minha escrita. Sua dedicação e apoio foram

fundamentais para o meu crescimento acadêmico. Sou profundamente grata por sua disponibilidade em me ajudar e por acreditarem no meu trabalho.

Aos amigos da vida, que torceram e ainda torcem por mim diariamente. Juliana e Willian que, mesmo distantes da vida acadêmica, acreditam em cada passo que dou. Além disso, compreendem a minha rotina que é injusta com a nossa amizade também. Obrigada por seguirem comigo, apesar de tudo.

A Luiza que, por muito tempo, foi quem suportou os surtos e as alegrias. Obrigada por acreditar em mim.

A Fabi, que sem querer foi quem me acolheu em um momento em que ninguém mais conseguiu, por causa de sua sensibilidade gigantesca. Esse momento foi um ponto de virada em minha vida e em minha jornada acadêmica. Obrigada.

Agradeço aos amigos que fiz no processo, em especial ao Raul que, junto comigo, desafia as leis da física e me apresenta outras irrefutáveis. Que diariamente é companhia e um gradíssimo amigo. Que levanta debates relevantes o suficiente pra me fazer questionar muita coisa e constatar outras tantas. Que faz da minha vida, muitas vezes, mais leve. É tão generoso que faz muito por mim sem sequer perceber. O grande presente da minha pós-graduação. Obrigada.

Também sou grata aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Felipe Costa e Prof. Dr. Renato Marques, por dedicarem seu tempo para contribuir para este trabalho e fornecer sugestões valiosas. Suas contribuições enriqueceram significativamente a qualidade desta dissertação. Agradeço também por toda compreensão, desde a banca de qualificação até o presente momento.

Por último, mas não menos importante, gostaria de expressar minha imensa gratidão à minha querida orientadora, Mari. Desde o meu TCC até os processos mais recentes, ela tem sido uma guia incansável em minha jornada acadêmica. Agradeço a você, Mari, por todas as lições que me ensinou, por conversar comigo e, acima de tudo, por me ouvir atentamente. Você tornou esse processo o menos doloroso possível e foi aqui, neste momento, que aprendi o verdadeiro significado da generosidade. A generosidade de todas as pessoas que cruzaram meu caminho ao longo dessa jornada, incluindo o nosso grupo de estudos, é um reflexo da relação que temos com você. Obrigada, Mari.

A CAPES pelo apoio financeiro durante meu mestrado.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Modelo de abordagem holística.

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1** – Participantes da pesquisa.

**Quadro 2** – Quantidade de atletas que já haviam realizado a transição júnior para sénior por ano.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre Esclarecido;

**DC** – Dupla carreira;

**LDI** – Modelo de Intervenção para o Desenvolvimento da Vida;

**CBF** – Confederação Brasileira de Futebol;

**CONMENBOL** – Confederação Sul-Americana de Futebol;

**FA** – *Football Association*;

**FA WSL** – *Women's Super League*.

## RESUMO

Esta pesquisa surge em um contexto de mudança para o futebol de mulheres, marcado pela normativa da CONMENBOL que obrigou os clubes a terem equipes de mulheres para poderem disputar campeonatos continentais. Diante de um cenário que afeta diretamente o desenvolvimento de carreira daquelas que se dedicam ao futebol de mulheres, nos debruçamos a compreender das percepções e expectativas das atletas quanto à profissionalização da modalidade. Nesse sentido, buscou-se responder as seguintes questões: Quais são as tendências do processo de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil? Quais são as condições de desenvolvimento da carreira esportiva no futebol de mulheres? Como a literatura acadêmica tem descrito os efeitos das políticas recentes de fomento ao futebol de mulheres? O objetivo dessa pesquisa foi descrever como as mudanças recentes no futebol de mulheres brasileiro têm influenciado o desenvolvimento da carreira esportiva e das percepções e expectativas das atletas quanto à profissionalização da modalidade. Essa pesquisa se vale de uma abordagem qualitativa, que busca trabalhar de forma profunda com as percepções das atletas sobre esse processo. Foram entrevistadas 20 jogadoras que fazem parte de clubes que disputaram a série A1 do futebol brasileiro no ano de 2021 e 2022. As interpretações foram feitas através de análise temática. Como resultados, indicamos um caminho de profissionalização ainda incipiente, mas com mudanças significativas após a normativa da CONMENBOL. Ainda, é possível notar uma movimentação de clubes que estão disputando a série A1 do brasileiro, com maior presença de clubes tradicionais do futebol de homens, fazendo com que parte da profissionalização do futebol de mulheres se dê ancorada ao futebol de homens. No entanto, a profissionalização não necessariamente ratificou um cenário de valorização das mulheres no futebol. Ainda existe uma série de desafios a serem enfrentados. Tais desafios compreendem desde calendários nacionais e locais de competição que permitam às equipes se estruturarem para a atuação o ano todo a estrutura oferecida pelos clubes para o desenvolvimento da carreira. Além disso, a remuneração em forma de salário, a dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e uma diminuição na incidência da existência da dupla carreira no esporte também são tendências que se inverteram na última década. A presença de contratos ainda não é prevalente entre as atletas, de modo que sua integração ao mercado de “pés-de-obra” tem comprometido garantias e alguns direitos.

Palavras-chave: Carreira esportiva. Futebol. Mulheres. Profissionalização.

## **ABSTRACT**

This research arises in a context of change to women's football, marked by the CONMENBOL regulations that forced clubs to have women's teams in order to compete in continental championships. Faced with a scenario that directly affected the career development of those dedicated to women's football, we focused on understanding the recordings and expectations of the athletes regarding the professionalization of the sport. In this sense, we sought to answer the following questions: What are the trends in the process of professionalization of women's football in Brazil? What are the conditions for the development of a sports career in women's football? How has the academic literature described the effects of recent policies to promote women's football? The objective of this research was to describe how the recent changes in Brazilian women's football influenced the development of sports careers and athletes and expectations regarding the professionalization of the sport. This research uses a qualitative approach, which seeks to work in depth with the athletes' perception of this process. 20 players who are part of clubs that played in the A1 series of Brazilian football in 2021 and 2022 were interviewed. The interpretations were made through thematic analysis. As a result, we indicate a still incipient path of professionalization, but with changes after the CONMENBOL regulations. It is also possible to notice a movement of clubs that are playing in the Brazilian A1 series, with a greater presence of traditional men's football clubs, making part of the professionalization of women's football to be anchored to men's football. However, professionalization has not necessarily ratified a scenario of valuing women in football. There are still a number of challenges to be faced. Such challenges range from national and local competition calendars that expected the teams to be structured to perform throughout the year, to the structure offered by the clubs for career development. In addition, remuneration in the form of a salary, exclusive dedication to field soccer competitions and a decrease in the incidence of dual careers in sport are also trends that have reversed in the last decade. The presence of contracts is still not prevalent among athletes, so their integration into the "labor market" has guarantees and some compromised rights.

Keywords: Sports career. Soccer. Women. Professionalization.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>2511</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1. Organização da dissertação	17
<b>2. PERCURSO METODOLÓGICO</b>	<b>19</b>
2.1. Contexto pesquisado	19
2.2. Participantes	20
2.3. Instrumentos de pesquisa	22
2.4. Análise de dados	23
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>26</b>
3.1. O avançar da literatura esportiva: da dedicação exclusiva à aposentadoria atlética e, desta, à inclusão de novas transições	27
3.2. Discurso atual da carreira esportiva	34
3.3. Desdobramentos dos estágios de carreira	36
3.3.1. A abordagem holística de carreira	38
<b>4. O FUTURO DO FUTEBOL É FEMININO? PASSOS E IMPASSES PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES</b>	<b>44</b>
4.1. Descompasso entre crescimento e profissionalização do futebol de mulheres ao redor do mundo	48
4.2. Saltos e tropeços da profissionalização do futebol de mulheres no Brasil	53
<b>5. PROFISSIONALIZE-SE COMO UMA GAROTA? EFEITOS DAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL DE MULHERES NAS OPORTUNIDADES DA CARREIRA ESPORTIVA NO BRASIL</b>	<b>58</b>
5.1. As políticas de promoção do futebol de mulheres	61
5.2. Profissionalização da carreira esportiva no futebol de mulheres no Brasil	63
<b>6. A PROFISSIONALIZAÇÃO VIVIDA NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL</b>	<b>70</b>
6.1. A trajetória para ascender à elite do futebol brasileiro de mulheres	70
6.2. O desenvolvimento de dupla carreira no futebol de mulheres no Brasil	77
6.3. A vinculação e os salários na carreira	85
6.4. A profissionalização e as expectativas	90
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>104</b>
<b>REFERENCIAS</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>112</b>

## APRESENTAÇÃO

Minha história com o futebol começa logo em meus primeiros anos: uma bola foi o meu primeiro brinquedo. Eu preciso destacar duas pessoas que, juntamente comigo, são protagonistas da minha história - que é quase um romance - com o futebol: meu pai e meu avô. Como uma herança que atravessa gerações, meu avô deixou para meu pai o futebol, e meu pai, incansavelmente, tem compartilhado suas experiências, ideais e paixões por esse esporte comigo. E assim foi. Os dois me ensinaram a jogar. Os dois me ensinaram a amar as quatro linhas, a bola e o time. Aprendi a jogar quase ao mesmo tempo em que aprendi a torcer. Desde pequena, frequentei campos, vestiários, campeonatos, vitórias, derrotas e as comemorações dos times pelos quais meu pai e meu avô torciam, ou neles jogavam e/ou os lideravam.

Cresci respirando ares dos campos de futebol, lendo as jogadas, treinando durante a semana; aos finais de semana, assistia a todos os jogos possíveis dos campeonatos ao redor do mundo. Todo esse envolvimento fez com que eu criasse uma expectativa muito grande em querer seguir na modalidade e me tornar, de fato, uma jogadora. Lembro, porém, que esse sonho acabou tão cedo quanto começou: logo na primeira escola de futebol, eu fui a única menina.

No momento em que o clube firmou uma equipe de meninas, mesmo que reduzida - então, eu já estava nos 10 anos de idade -, a expectativa já não mais fazia parte do meu horizonte. Na época, eu não tinha tanta clareza sobre as razões de não acreditar nessa possibilidade. Refletindo sobre as condições, eu hoje enunciaria vários motivos para o meu ceticismo. Vários! Mais do que naquela época, hoje eu consigo afirmar que existiam. O campo era reduzido - usávamos 1/6 do tamanho total. A carga de treino era reduzida, bem como o tempo. Não havia competições. Os próprios treinadores não nos tratavam como potenciais. O comparativo com os meninos do mesmo clube era constante: “Vocês correm duas voltas ao redor do campo; eles correm dez”. Nós corríamos duas porque não permitiam que corrêssemos dez. “Vocês não conseguiriam”, dizia o próprio treinador.

Essas condições, falas e atitudes se somavam ao fato de que foram sendo reforçadas, ainda que sem qualquer motivo. Ao mesmo tempo, eu olhava à minha volta e percebia que não havia quem assistisse ao futebol de mulheres. Aos domingos, não havia nenhuma mulher jogando futebol na televisão. Nos jornais, rádios, revistas, em lugar algum eu as enxergava. Criei meus ídolos dentro do futebol de homens, mas não porque não existisse futebol de mulheres, mas porque eu não tinha acesso. Naquele momento, uma carreira no futebol sequer fazia parte das possibilidades que eu conseguia enxergar para as mulheres.

Criei para mim novos caminhos, condicionada, porém, consciente ou

inconscientemente, pela necessidade de que me permitissem respirar o futebol. Já na universidade, encontrei minha identificação profissional com o curso de Educação Física. Meu encontro com a área que escolhi ocorreu no mesmo momento em que comecei a fazer parte da Grupa de Estudos e Pesquisas em Gênero e Esporte (Grupa).<sup>1</sup> Nesse momento, as discussões sobre o futebol começaram a contemplar toda a minha inquietude de anos de envolvimento com a modalidade e o papel das mulheres no esporte. Essas inquietudes, que até hoje compartilho com os amigos/as da Grupa, se têm expandido para além das fronteiras da universidade.

Como principais ações para fomentar o futebol de mulheres, posso destacar: (1) a realização de um projeto de extensão para mulheres jovens que quisessem praticar e frequentar treinos de futsal, no qual atuei como bolsista voluntária, via organização e execução dos treinamentos por um ano, atividade com a qual continuo envolvida, agora de maneira remota, com mulheres também de outros estados; (2) em 2019, ano de Copa do Mundo, nos movimentamos para conseguir espaços dentro e fora da universidade para que os jogos fossem transmitidos - nesses espaços, promovemos bate-papos acerca da história de resistência de mulheres no futebol; (3) realização do simpósio *O Futebol de Mulheres no Brasil: Perspectivas e Desafios para Políticas Públicas (2019)*, que contou com muitos dos principais pesquisadores/as do tema no Brasil; (4) em sequência ao simpósio, a produção de um livro do qual sou coautora, com um capítulo intitulado "Políticas públicas no futebol de mulheres no Brasil: balanço e olhares para o futuro" (2020); (5) execução de um projeto de caravanas de futsal em escolas da Grande Vitória, interrompido por conta da pandemia; (6) elaboração de uma cartilha de boas práticas para o ensino de futebol para mulheres; (7) realização de *lives* com jogadoras de futebol e futsal, a fim de conferir visibilidade a suas histórias e carreiras, incluindo meninas que estão na iniciação esportiva.<sup>2</sup>

Todas essas experiências atravessam a minha história com o futebol e foram fundamentais no momento da escrita e decisão pelo objeto de minha pesquisa no mestrado. Ao iniciar o Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEF/Ufes), comecei a atuar na coordenação de um dos projetos da Grupa, nomeado

---

<sup>1</sup> A **Grupa** é uma grupa de estudos e pesquisas, sediada na Universidade Federal do Espírito Santo, que se debruça sobre a temática do esporte e das relações de gênero. Nossa proposta é de estudar o ensino e o treinamento do esporte atravessado pelos marcadores culturais de gênero e sexualidade, considerando que aprendemos e jogamos como pessoas imersas em relações sociais que influenciam nossa apropriação deste fenômeno.

<sup>2</sup> O registro de todas essas ações se encontra disponível em nosso site: [www.grupa.ufes.br](http://www.grupa.ufes.br)

*Desenvolvimento de Carreira Esportiva e Dupla Carreira*,<sup>3</sup> que se debruça sobre o estudo de carreira de mulheres em diversos esportes, mas, principalmente, no futebol. Ainda, produzimos um artigo que mostrou como as mulheres são narradas nas pesquisas de carreira esportiva na Europa (MARTINS et al., 2021). Este artigo e os estudos com o grupo têm sido fundamentais para a compreensão do meu objeto de estudo e para a própria familiarização com o meu referencial teórico-metodológico.

Ao olhar para as mudanças mais recentes do futebol de mulheres, percebo que elas, diferentemente de mim, prosseguiram na tentativa de firmar uma carreira nesse esporte, e se encontram em um cenário muito distinto do que vivi na infância. De alguma forma, essas mulheres, que perseguiram e conseguiram concretizar uma carreira no futebol, se defrontam hoje com um cenário de profissionalização que se desenvolve em saltos. Isso me levou a me interrogar sobre tal cenário, e tal foi o interesse que me senti movida a cursar o mestrado em Educação Física a fim de compreender as mudanças recentes no futebol de mulheres e os desafios atuais.

A pesquisa visa a colaborar com a investigação sobre o desenvolvimento de carreira esportiva no futebol de mulheres, considerando as interdições que tiveram influência em sua atuação no campo esportivo, com consequências que ainda perduram nos dias atuais no que tange à carreira das jogadoras. Ao fornecer um panorama das dificuldades encontradas por mulheres em sua adesão ao esporte e sua persistência nele, a pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento do futebol.

Falar em futebol não é somente falar de minha história, mas é também falar do maior fenômeno esportivo do mundo. Ainda assim, falar desse fenômeno é mostrar que ele não se apresenta - ou se apresentou - da mesma forma para todos e todas. Por isso, apresento o futebol de mulheres como um campo de interdições e resistências, que tem procurado se ressignificar e ser ressignificado por meio de legislações e campanhas. Por outro lado, trago as mulheres que tensionam cotidianamente as normas de gênero para estabelecer uma carreira como futebolista. Ou seja, estudar o futebol de mulheres é um ato político de resistência aos discursos e práticas que pretendem situar-nos em condição de inferioridade ou submeter nossos corpos e identidades a determinado padrão ou norma.

---

<sup>3</sup> O subgrupo faz parte do projeto *Caravana de Futebol de Mulheres*, que está pausado. Mesmo com a paralisação causada pela pandemia, nossas atividades prosseguem.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo se debruça sobre a forma segundo a qual as jogadoras desenvolvem uma carreira esportiva na modalidade de futebol no Brasil, no contexto de seu desenvolvimento. Tal contexto é marcado pelas recentes políticas de impulso, dentre as quais se destacam a regulamentação da Conmebol, que passou a vigorar a partir de 2019, e obrigou os clubes a terem equipes femininas para poderem disputar as competições sul-americanas masculinas. Embora seja uma política continental, essa regulamentação teve impacto no País ao fomentar a criação de equipes de mulheres nos grandes clubes brasileiros. Como consequência, o mercado de trabalho se expandiu com a participação delas nesse esporte, bem como se criaram condições para o estabelecimento de uma carreira profissional. Esta pesquisa se debruça sobre esse processo recente de sua profissionalização na modalidade, em particular sobre suas consequências para o estabelecimento da carreira esportiva.

Cabe destacar que, se, por um lado, o futebol é considerado o maior fenômeno esportivo do mundo, por outro, os protagonistas desse fenômeno, em geral, são homens (GOELLNER; KESSLER, 2018). Este aspecto é consequência de um processo histórico que se desenvolveu no século XX, no qual as mulheres tiveram impedido o acesso a grande parte das práticas esportivas, especialmente à do futebol (GOELLNER, 2006). Essa interdição, de acordo com Goellner (2006), foi ocasionada por barreiras de gênero,<sup>4</sup> constituídas a partir de construções sociais de uma dada feminilidade, para qual a aproximação com a modalidade tensionava e era considerada como masculinização da mulher. Por isso, é importante, em primeiro lugar, esclarecer que o uso do termo “futebol de mulheres” não passa de uma escolha política e teórica, que visa a extrapolar as representações de feminilidades e masculinidades que definem ainda uma hierarquia dos sexos e, portanto, de suas posições sociais, culturalmente construídas (GOELLNER; KESSLER, 2018).

A prática do futebol por mulheres, portanto, não foi apenas limitada, mas também proibida por normas sociais e culturais advindas de estereótipos atribuídos à modalidade, fato que ainda ecoa nos dias atuais (GOELLNER, 2006; FIFPRO, 2017). Não somente a sociedade contribui para o acontecimento, como a própria Federação Internacional de Futebol (Fifa) atua

---

<sup>4</sup> Partimos da perspectiva de gênero de Goellner (2005, 2006), que define o como construção social sobre o corpo, rodeada de processos e marcas que utilizamos como meio para nos identificar. Portanto, os corpos são generificados e fogem do binarismo entre masculino e feminino, em função de uma essência considerada imutável e natural.

nessa distinção, e a reforça, especialmente se considerarmos que a primeira copa do mundo de mulheres foi realizada 61 anos depois da estreia do mesmo campeonato para os homens (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Não obstante, as mulheres, no Brasil, foram proibidas pelo Decreto-Lei n. 3.199 de 14 de abril de 1941, do Conselho Nacional de Desportos, de praticar diversas modalidades esportivas, incluindo o futebol. Goellner e Kessler (2018) informam que a prática do futebol de mulheres no século XX, antes da proibição, tensionou a subordinação, consolidada em aspectos biológicos do corpo, por atenuar as diferenças e as relações entre os sexos. Isto se deu, ainda de acordo com as autoras, por se tornar um risco para o que já era socialmente estabelecido como atribuição do sexo feminino, bem como relativizar preconceitos e, dessa forma, abrir novos espaços para as mulheres.

As mulheres seguiram passando por interdições relacionadas à prática até o final da década de 1970. Ainda, é também nesse período que as mulheres entram com mais força no mercado de trabalho, fortalecendo o movimento sindical e feminista, tensionando os ideais de feminilidade (GOELLNER; KESSLER, 2018; ALMEIDA, 2018). Impulsionada pela nova organização esportiva no País, acabou por ser revogada a lei que proibia o acesso das mulheres ao futebol de salão (GOELLNER, 2005).

Neste momento, começam a surgir os primeiros clubes e campeonatos, conquistando espaço no calendário esportivo nacional e mudando as perspectivas do futebol de mulheres no Brasil (GOELLNER, 2005). Almeida e Pisani (2016) relatam que o Esporte Clube Radar (ECR), surgido no ano de 1981 – que mais tarde constituiu a base da seleção brasileira –, foi um dos primeiros clubes de futebol a pagar às atletas para desempenhar a modalidade, e levou a CBF a regulamentar o futebol de mulheres. As autoras apontam, ainda, que, mesmo no período pós-regulamentação, os salários eram menores que o salário mínimo da época.

Não por isso o interesse pelo controle dos corpos e dos comportamentos das jogadoras saiu do cerne da discussão. A imprensa esportiva da época, ao noticiar os campeonatos de mulheres, se preocupava, antes de qualquer coisa, com a masculinização de seus corpos, além de dedicarem espaços para que elas fossem retratadas em tom de erotização e fetichismo (ALMEIDA, 2018). Essa erotização era especialmente marcada por fotos de modelos contratadas, ou das próprias jogadoras, de biquínis e saltos, acompanhadas por frases que não tinham nenhum tom além do sexual.

Em relação às famílias e ao apoio da população, Almeida e Pisani (2016) mostram relatos das jogadoras que, no que se refere ao estabelecimento de carreira, confirmam a rejeição e o preconceito, além da afirmação de que elas não pertenciam àquele espaço. Ao adentrar,

eram hostilizadas e masculinizadas. Ainda, o prestígio e a aceitação, como relatado por jogadoras que atuavam na época, só vieram quando elas começaram a fazer sucesso no futebol. Ainda assim, alguns familiares resistiam em as apoiar, especialmente por conta da torcida em relação às jogadoras, confirmando a necessidade de uma aceitação, principalmente social.

No ano de 1983, os primeiros campeonatos estaduais foram organizados pelas federações, dessa vez regulamentados, mas, no ano seguinte, a competição deixou de ser organizada pela instituição até o final da década de 90. A retomada das federações com campeonatos estaduais de mulheres foi motivada pelo interesse e o apoio mais efetivo da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No ano de 1994, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino foi estabelecido como competição oficial pela CBF – e durou até o ano de 2001 (ALMEIDA, 2018). Neste momento, o campeonato brasileiro de mulheres foi regulamentado e aconteceu a primeira copa do mundo.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, mesmo com a existência da Lei Pelé (Lei 9.188, de 1995), que estabelecia a obrigatoriedade do profissionalismo no futebol sem distinção por gênero (SOUZA JUNIOR, 2013), as mulheres se encontravam na fronteira entre o amadorismo e o profissionalismo. Quando o futebol de mulheres foi regulamentado no Brasil, o dos homens já se apresentava em outro nível de desenvolvimento - especialmente por se consagrar tricampeão mundial, sendo reconhecido internacionalmente como exportador de jogadores (ALMEIDA, 2018).

Neste sentido, podemos afirmar que as consequências do período de proibição não só afetaram o desenvolvimento da própria modalidade, como também as possibilidades de investimento em uma carreira esportiva no futebol, com consequências até os dias de hoje na legitimidade da modalidade (WILLIAMS, 2006; CULVIN, 2021). Por isso, a dedicação a uma carreira esportiva de mulheres no futebol é um fenômeno novo e contemporâneo. É novo, porque as medidas organizacionais tomadas pelos principais órgãos regulamentadores da modalidade no País e no mundo, bem como o interesse comercial no esporte, são recentes (BARREIRA, 2021). Ao mesmo tempo, é contemporâneo, porque ressignifica os estigmas sociais já vividos e os reproduz, dada a contemporaneidade na qual estamos inseridos. Isso ocasiona desafios particulares e desconhecidos para a carreira esportiva para mulheres no futebol. Por isso, há necessidade de pesquisas que se debrucem exclusivamente sobre os desdobramentos de uma carreira esportiva no futebol de mulheres no Brasil no contexto atual de profissionalização.

Até a primeira década do século XXI, as mulheres envolvidas no futebol enfrentavam a ausência de profissionalização no esporte. Não havia vínculo empregatício com os clubes

devido ao papel predominante do Estado como patrocinador principal, resultando em salários baixos, quando disponíveis. Instituições privadas começaram a oferecer bolsas de estudo universitárias como alternativa (SOUZA JUNIOR, 2013; ALMEIDA, 2018). Essa realidade não se restringia ao Brasil. De acordo com a Federação Internacional dos Jogadores Profissionais de Futebol (FIFPRO, 2017), a média salarial das jogadoras era de 600 dólares mensais. De fato, porém, 50% delas não recebiam salário e quase 2/3 recebiam menos do que a média global. Como consequência, o futebol não ocupava o espaço de projeto de vida para as mulheres.

Esses tipos de auxílios oferecidos pelos clubes como maneira de construir um vínculo com as jogadoras (não salarial), as coloca em um processo de conciliação da carreira esportiva com uma segunda carreira (acadêmica/vocacional). Esse processo é designado por Ryba e colaboradores (2014) como “*dupla carreira esportiva*”. A Fifpro (2017) informa que 46% das jogadoras conciliam esporte e estudos e 30% combinam a carreira esportiva com trabalho. Esses números refletem a não estruturação de clubes, campeonatos e regulamentações que, repetidamente, obrigam as mulheres que desejam desempenhar uma carreira no futebol o façam em um contexto de dupla carreira esportiva, como forma de sobrevivência ou de ambicionar um futuro profissional, já que o esporte não é promissor para tal.

A segunda década do século XXI tem sido marcada, no entanto, pelo crescimento, em âmbito global, do futebol de mulheres, tanto em termos econômicos, quanto em termos midiáticos. As Copas do Mundo de 2015 e 2019 tiveram recordes de público presente nos estádios (CLARSKON *et al.*, 2022). Esse crescimento é paralelo à investida da Fifa em fomentar a modalidade (GLEDHILL; HARWOOD, 2015). Essa entidade promoveu uma campanha<sup>5</sup> de apoio a associações e instituições que pretendem criar e promover o desenvolvimento de futebol para meninas e mulheres, impulsionando mudanças em outras confederações, além de outras iniciativas que buscaram fornecer suporte financeiro para jogadoras, treinadoras, árbitras e assistentes, além de criar oportunidades para que elas pudessem se envolver mais ativamente nessa modalidade esportiva (SOUZA JÚNIOR, 2013).

A fim de se adequar a essas exigências - que visam à promoção de ações para a igualdade de gênero no futebol -, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) passou a exigir

---

<sup>5</sup> LIVE YOUR GOALS.

que os clubes que disputarem a Copa Sul-Americana<sup>6</sup> e a Copa Libertadores da América<sup>7</sup> mantenham uma equipe de mulheres ou se associem a algum outro clube em que a categoria atue em campeonatos oficiais<sup>8</sup> (ALMEIDA, 2018). Desde o ano de 2019, essa regulamentação passou a ser obrigatória. Cabe, neste momento, observar os efeitos dessa regulamentação para a profissionalização desse esporte, em particular para o estabelecimento da carreira esportiva.

Isto é, não se sabe a forma pela qual esse desenvolvimento recente da modalidade interferiu nas condições de estabelecimento de uma carreira esportiva. Por isso, não é possível precisar quais são as condições e perspectivas atuais de desenvolvimento da carreira esportiva de futebol de mulheres no Brasil e, portanto, as condições de profissionalização. Além disso, não se conhecem as atuais condições de trabalho, como também se desconhece se o crescimento da possibilidade de carreira está fazendo com que as atletas permaneçam mais tempo na carreira, tendo possibilidade, e daí o desejo, de se dedicar integralmente a ela.

Embora haja pesquisas que discutem os rumos atuais da profissionalização do futebol de mulheres (BARREIRA, 2022), essas pesquisas remetem a dados quantitativos ou a ouvir gestores/as ou analisar documentos. É necessário conhecer as percepções de quem vive cotidianamente a profissionalização da modalidade. Trata-se, portanto, de fazer uma exploração com o intuito, principalmente, de dar voz às atletas que, por décadas, foram silenciadas ou ignoradas, e por isso dar-lhes voz. Portanto, por mais que saibamos de um interesse recente e crescente no desenvolvimento da modalidade na profissionalização do futebol de mulheres, não sabemos, ao certo, se esse desenvolvimento atua diretamente na melhoria das condições de carreira. Afinal, são elas que sustentam o desenvolvimento desse esporte e não sabemos, de fato, se a profissionalização tem dado condições para que tal desenvolvimento seja sustentável para que as jogadoras a ele se dediquem e o tenham como seu, ou se o futebol tem sido considerado como parte de seu objetivo principal, isto é, se de fato chega a constituir seu projeto de vida.

## **OBJETIVO GERAL**

Considerando tal cenário, esta pesquisa tem como objetivo descrever como as mudanças

---

<sup>6</sup> Competição continental de clubes de futebol da América do Sul, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol desde 2002.

<sup>7</sup> Principal competição de futebol entre clubes profissionais da América do Sul, organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol desde 1960.

<sup>8</sup> A legislação foi elaborada no ano de 2016 e os clubes tiveram até o ano de 2019 para atender à exigência.

recentes no futebol de mulheres brasileiro têm influenciado o desenvolvimento da carreira esportiva e das percepções e expectativas das atletas quanto à profissionalização da modalidade.

## **OBJETIVO ESPECÍFICOS**

Como objetivos específicos, propomos:

- a) identificar como a literatura acadêmica recente tem descrito, em âmbito global, os efeitos das políticas recentes de fomento ao futebol de mulheres e quanto essas políticas têm repercutido na profissionalização e na carreira esportiva de jogadoras de futebol, evidenciando as mudanças recentes, as tendências e as lacunas dessa literatura;
- b) descrever as tendências do processo de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil para a carreira esportiva das atletas que participam dos campeonatos da elite;
- c) descrever as condições de desenvolvimento de carreira no futebol de mulheres no Brasil, interpretando os sentidos da profissionalização para as jogadoras.

### **1.1. Organização da dissertação**

O primeiro capítulo da dissertação tem como objetivo apresentar minha aproximação à temática de estudo e introduzir meu problema de pesquisa, evidenciando o foco da dissertação no processo de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil, em especial sobre os seus efeitos sobre o estabelecimento da carreira esportiva para as jogadoras de elite.

Essa dissertação está organizada nos seguintes capítulos.

Em primeiro lugar, uma apresentação da aproximação da pesquisadora com a temática.

Essa apresentação é seguida de uma introdução, com o objetivo de apresentar o problema da pesquisa e delimitar as lacunas, os objetivos e o contexto a ser abordado durante a dissertação. Em seguida, está o capítulo metodológico, cujo objetivo é apresentar o desenho de pesquisa e a forma como se deu a construção de seu *corpus* empírico. Neste capítulo propõem-se os processos metodológicos utilizados, os critérios de seleção das participantes da pesquisa, bem como uma rápida descrição de alguns de seus traços biográficos. Seguem, igualmente, o processo de construção do protocolo de pesquisa e o procedimento adotado na análise de dados.

O terceiro capítulo é dedicado ao referencial teórico-metodológico da pesquisa, em que se discutem um pouco do histórico do estudo da carreira esportiva, as principais tendências e os conceitos que vão embasar a dissertação. Ao final deste capítulo, por conveniente, um cotejamento ou confronto entre tais discussões com os estudos de gênero, evidenciando as

relações entre os estudos de gênero e os da carreira esportiva.

No quarto capítulo, serão abordados os processos de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil, incluindo as dificuldades enfrentadas pelas jogadoras devido ao desenvolvimento incipiente da modalidade. Serão aqui discutidos os desafios em suas trajetórias esportivas e os aspectos relacionados à profissionalização do futebol de mulheres no País, com ênfase nas consequências para as condições de trabalho e o desenvolvimento de carreira das jogadoras.

No quinto capítulo, serão abordadas as carreiras esportivas das jogadoras de futebol, destacando dois marcos importantes estabelecidos por políticas públicas que têm influenciado a trajetória e a profissionalização das mulheres no esporte. Parece importante explorar a importância do papel dessas políticas na reversão de algumas tendências nas últimas décadas, afetando aspectos como os vínculos com os clubes, a dedicação à carreira, a remuneração e a existência de competições. Constarão do capítulo a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização para atletas de elite no Brasil.

O sexto capítulo se deterá sobre as trajetórias de carreira das jogadoras de futebol no Brasil, mostrando os sentidos da profissionalização. A partir de relatos das atletas, serão ilustrados alguns dos caminhos por elas seguidos, bem como as adversidades encontradas na dedicação ao futebol profissional em clubes que disputam os campeonatos de elite do futebol brasileiro.

No sétimo capítulo, serão apresentadas as considerações finais.

## 2. PERCURSO METODOLÓGICO

Para descrever como as mudanças recentes no futebol de mulheres brasileiro têm influenciado o desenvolvimento da carreira esportiva e das percepções e expectativas das atletas quanto à profissionalização da modalidade essa pesquisa se vale de uma abordagem qualitativa, que busca trabalhar de forma profunda com as percepções das atletas sobre esse processo, percepções estas “[...] que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21)<sup>9</sup>. O intuito é escutar a experiência das atletas, que vivem cotidianamente o processo de profissionalização e que acompanharam, por meio dos efeitos na sua carreira, toda a transformação que o futebol de mulheres passou nesse processo.

### 2.1. Contexto pesquisado

Para escutar a percepção das atletas que vivenciaram o processo de profissionalização, é necessário realizar o campo da pesquisa junto àquelas que estão na “ponta”. O futebol brasileiro tem mudado de forma veloz nos últimos anos, de modo que o ranking da CBF não necessariamente revela a situação atual dos clubes em termos de profissionalização, porque, ao demonstrarem a pontuação dos últimos 5 anos, engloba um processo anterior ao do novo regulamento da CONMEBOL. Pela influência dessa regulamentação na própria conformação dos campeonatos nacionais, é mais interessante ter como contexto os clubes que o disputam.

Desde 2021, o campeonato brasileiro estava organizado em três divisões principais (A1, A2 e A3). A divisão A1 e a A2 são compostas por 16 times cada, enquanto a divisão A3 é composta por 32 clubes. A cada ano, são rebaixadas 4 equipes para a série A2, assim como se classificam as quatro primeiras dessa série para a primeira divisão. A série A3 conta com os 27 campeões estaduais, os quatro melhores colocados do Ranking Nacional de Clubes do futebol masculino e um clube da federação melhor rankeada no futebol de mulheres<sup>10</sup>.

Com esse formato, 64 equipes disputam o campeonato nacional, tentando nivelar cada uma das divisões. Como consequência desse processo, as equipes que têm investido no futebol de mulheres têm se concentrado predominantemente na série A1, de modo que é nela que se vislumbra a ponta do processo de profissionalização, bem como as principais intenções de constituir vínculos empregatícios com as atletas.

Por essa razão, buscamos, de forma intencional, como interlocutoras as jogadoras de

---

<sup>9</sup> Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob CAAE: 34357120.1.0000.5542.

<sup>10</sup> Se o clube já estiver classificado para as primeiras divisões, convoca-se o segundo e, assim, sucessivamente.

clubes provenientes de distintas regiões do Brasil que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, a fim de registrar o desenvolvimento de suas carreiras. Embora o estado de São Paulo seja predominante entre os clubes que mais investem no futebol de mulheres, buscamos jogadoras de distintas regiões do Brasil para escutar sobre as diferentes realidades que se justapõem nesse processo.

## **2.2. Participantes**

Para composição das participantes da pesquisa, estabelecemos critérios de inclusão que envolvem: (i) atuação nos clubes que participam do atual Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino série A1 em 2021 e 2022 ; (ii) experiência de pelo menos três anos na competição, o que indica uma vivência relevante na atividade; (iii) estar em processo de desenvolvimento de carreira esportiva no futebol por pelo menos cinco anos, possibilitando a análise de diferentes estágios de carreira; e (iv) ter idade entre 18 e 40 anos. Como critério de exclusão, foi considerado o desinteresse de participação após três contatos realizados.

Buscamos as atletas por contatos informais, de clubes das cinco regiões e por indicações de outras atleta que foram entrevistadas anteriormente. No total, foram entrevistadas 20 atletas, cinco das quais de clubes do Centro-Oeste; duas da Região Norte; quatro da Região Sul, oito da Região Sudeste e uma da região Nordeste. É importante destacar que trata-se de uma pesquisa realizada com jogadoras da elite do futebol brasileiro, e como uma pesquisa de elites, o acesso às participantes é limitado e difícil. Por essa razão, a rede de contatos das pesquisadoras contribuiu para iniciar o trabalho de campo, assim como utilizamos a estratégia bola de neve para compor o restante da amostra. A cada entrevista pedíamos ao final a indicação de outra jogadora que ela conhecesse e que pudesse nos passar o contato para participar. Solicitamos também jogadoras de outras regiões daquela entrevistada para buscar abarcar as diferentes realidades.

Outra forma de buscar o contato das atletas foi por meio da rede social Instagram, plataforma muito utilizada no meio do futebol e, via de regra, administrada pelas próprias atletas. Nesse caso, constatamos as atletas de um clube por mensagem particular e aguardamos retorno. A maioria não retornava, mas essa estratégia foi interessante para conseguir atletas de outras regiões do país, para além do Sudeste. No total, foram 4 atletas convidadas pela estratégia bola de neve, doze atletas pelos contatos informais nas redes sociais e 4 atletas de redes já previamente estabelecidas pela GRUPA. As entrevistas foram realizadas virtualmente, pela autora, gravadas usando um dispositivo de gravação digital e transcritas na íntegra. Tanto as

atletas quanto os clubes permanecem anônimos. As entrevistas tiveram média de 80 minutos de duração.

O quadro 1 apresenta as participantes, destacando a idade, o ano de transição para a categoria adulta - dado que revela há quantos anos a atleta vive o contexto de profissionalização do futebol de mulheres - e a região do clube atual.<sup>1</sup>

Quadro 1. Participantes da pesquisa

<b>Id Atleta</b>	<b>Região</b>	<b>Ano de transição</b>	<b>Idade (em 2023)</b>
Neia	Norte	2013	30
Maria	Norte	2014	29
Rose	Centro-oeste	2018	25
Geovana	Centro-oeste	2011	30
Marina	Centro-oeste	2010	28
Rita	Centro-oeste	2010	30
Leandra	Centro-oeste	2011	25
Madalena	Sul	2008	32
Ilda	Sul	2015	24
Antonia	Sul	2016	24
Tereza	Sul	2016	27
Kerzia	Sudeste	2018	24
Samara	Sudeste	2014	28
Fabiana	Sudeste	2016	23
Vera	Sudeste	2016	28
Bruna	Sudeste	2015	29
Lívia	Sudeste	2017	22
Luiza	Sudeste	2020	20

Iara	Sudeste	2011	28
Duda	Nordeste	2018	28

Fonte: elaboração própria

### 2.3. Instrumentos de pesquisa

Para escutar a percepção das atletas, nos valem de entrevistas semiestruturadas serão fundamentadas no instrumento de Côté e colaboradores (2005)<sup>11</sup>, que utiliza o método retrospectivo. Este procedimento é utilizado para a verificação do desenvolvimento de atletas em seu esporte, compreendendo o seu envolvimento, as identidades dos atletas, o ambiente, além dos fatores que podem alterar o nível de desempenho das participantes. Os autores justificam, por meio de sua fundamentação teórica, que a precisão e a confiabilidade das respostas dos indivíduos das participantes serão maiores do que quando se faz uso de perguntas gerais, uma vez que a entrevista se desenvolve com recordações e experiências de episódios já vividos.

O protocolo para a realização das entrevistas foi uma adaptação do instrumento de Côté e colaboradores (2005), que busca conhecer ano a ano o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, com profundidade. O propósito foi evidenciar detalhadamente em qual idade foi alcançado o alto nível, compreendendo como esse desempenho muda ao longo do seu desenvolvimento, considerando os grandes eventos da vida do entrevistado e seus objetivos. As linhas do tempo das atletas contemplavam, ano a ano, informações sobre clubes em que elas atuavam, a dedicação apenas a competições de futebol ou se havia conciliação com o futsal; dados sobre a dupla carreira; início de ocorrência de vínculos empregatícios e recebimento de auxílios; lesões; conquistas e convocações para a seleção.

O propósito aqui é evidenciar detalhadamente em qual idade foi alcançado o alto nível, compreendendo como esse desempenho muda ao longo do seu desenvolvimento, considerando os grandes eventos da vida do entrevistado e objetivo do mesmo. Isso nos ajudará a compreender como os níveis de carreira são organizados, os momentos de pico, de estagnação e das transições.

Utilizaremos essas informações como auxílio para compreender como o contexto da profissionalização está produzindo efeito sobre o desenvolvimento de carreira, a permanência

---

<sup>11</sup> Roteiro de entrevistas em anexo.

e a descontinuidade; trata especificamente das expectativas e perspectivas das atletas para com a profissionalização e continuidade de carreira no futebol de mulheres. A partir dos dados produzidos, pretende-se compreender e analisar como acontece o desenvolvimento da carreira esportiva de mulheres no futebol brasileiro nesse processo de profissionalização.

#### 2.4. Análise de dados

Para uma melhor organização das informações, as linhas do tempo das atletas foram agregadas e organizadas por ano, de forma que cada ano contemplasse informações sobre as atletas que já haviam feito a transição para a categoria adulta. A partir dessa visão geral das trajetórias de carreira das atletas, pudemos observar tanto os efeitos diretos quanto indiretos das mudanças que ocorrem no futebol de mulheres no País. Com base nessas informações, foi possível criar uma linha do tempo que destaca as mudanças nas trajetórias de carreira e as compara com algumas iniciativas e marcos do processo de desenvolvimento da modalidade, procedimento esse que embasou nossas discussões no capítulo cinco, onde há uma sistematização quantitativa das tendências da profissionalização sob as carreiras das atletas.

O quadro 2 especifica a quantidade de atletas que compõem o universo de cada ano da linha do tempo. Ou seja, a cada ano, contabilizamos apenas as atletas que já estavam se dedicando às competições adultas. Por exemplo, os dados referentes ao ano de 2010 são de apenas três atletas. Já no ano de 2015, os dados são os de 11 atletas que já disputavam competições adultas. Por fim, em 2020, todas as participantes da pesquisa já disputavam competições adultas e, portanto, faziam parte do agregado analisado. Para apresentação dos resultados, adotamos o período 2010 em diante, que agrega mais de uma atleta e é anterior a algumas das mudanças registradas na literatura, como a estruturação do campeonato brasileiro, bem como contextualiza pesquisas anteriores (ALMEIDA, 2018; SOUZA JUNIOR, 2013; KESSLER, 2015).

Quadro 2. Quantidade de atletas que já haviam realizado a transição júnior para sênior por ano

Ano	Frequência absoluta de atletas que já disputavam as competições adultas
2008	1 atleta
2009	1 atleta

2010	3 atletas
2011	6 atletas
2012	6 atletas
2013	7 atletas
2014	9 atletas
2015	11 atletas
2016	15 atletas
2017	16 atleta
2018	19 atletas
2019	19 atletas
2020	20 atletas
2021	20 atletas
2022	20 atletas

Fonte: elaboração própria

A análise dos dados foi realizada a partir de análise temática reflexiva, que exige dos(as) pesquisadores(as) um pensamento crítico e reflexivo sobre os dados produzidos (BRAUN; CLARKE, 2021). Para Braun e Clarke (2021) a subjetividade do pesquisador é fundamental para este tipo de análise. Assim, os temas surgidos não são descobertos, mas, através do envolvimento do pesquisador(a) com os dados, eles são conceituados e produzidos, considerando inclusive os posicionamentos pessoais e perspectivas teóricas (BRAUN; CLARKE, 2019; 2021). As autoras apontam que, apesar de sua flexibilidade teórica, a análise temática reflexiva não é neutra, implicando que o pesquisador(a) sempre traga consigo suposições para a análise, o que aponta para a sua subjetividade como parte central da análise temática reflexiva (BRAUN; CLARKE, 2019; 2021).

De acordo com Braun e Clarke (2006), o processo de análise temática envolve a identificação de padrões de significado aos dados produzidos, que não necessariamente ocorrem exclusivamente no momento da análise, mas também em outras etapas, tais como a

produção. As autoras afirmam que a análise temática é fundamental para as pesquisas qualitativas, inclusive por sua flexibilidade. Ela ajuda a fornecer um relato dos dados que é complexo, mas que, ao mesmo tempo, é rico e detalhado.

A escrita, nesse processo, é contínua e, por isso, deve começar desde as primeiras fases da análise, debruçando-se sobre as primeiras ideias de organização e esquemas de codificação (BRAUN; CLARKE, 2006). As autoras reconhecem que não há rigidez no processo e, na verdade, há a necessidade de flexibilidade para a sua aplicação (BRAUN; CLARKE, 2019). Por isso, se configura também como um processo de não linearidade e que não representa uma sucessão de fases, mas sim um movimento de ida e volta ao longo de todos os estágios.

Assim, Braun e Clarke (2006) propõem um guia com seis fases de análise, sendo elas a (i) familiarização com os dados, que diz sobre o processo de transcrição e leitura dos dados produzidos; (ii) a criação dos códigos iniciais, que trata da categorização das primeiras características interessantes dos achados, de forma sistemática; (iii) a busca de temas, onde os códigos são organizados em temas potenciais; (iv) a revisão dos temas, este que é um processo de verificação da consonância entre os temas, os códigos e o conjunto de dados; (v) a definição e nomeação de temas, que trata de um processo contínuo de análise e refinamento de cada tema, definindo a nomenclatura clara para cada um deles; e (vi) a elaboração do relatório, sendo esta a última oportunidade para a análise, selecionando exemplos dos dados, analisando estes exemplos e relacionando a análise a questão de pergunta para, por fim, produzir o relatório de análise.

Para o estudo em questão, de modo dedutivo e reflexivo, apontamos como categorias os seguintes temas: trajetória no futebol, dupla carreira, contratos e salários, percepções sobre a profissionalização. A partir desses temas, analisamos a forma pela qual as atletas têm vivido o processo de profissionalização do futebol nas diferentes regiões do país.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O tema de desenvolvimento de carreira esportiva é bastante atual, particularmente quando tratamos do discurso<sup>12</sup> da carreira em psicologia do Esporte. Os estudos que começaram a dar corpo ao discurso surgem no início dos anos 1980, proporcionando novos olhares sobre os que investem em uma carreira como atletas. Entretanto, antes dos referenciais mais recentes, que dão significado à expressão, as pesquisas que orientaram esse tipo de análise se embasaram, via de regra e de um modo geral, no desenvolvimento humano, não necessariamente vinculados ao campo esportivo.

O avançar da pesquisa sobre o desenvolvimento de carreiras contribuiu para ampliar o olhar dos pesquisadores para questões próprias da natureza e do desenvolvimento no esporte. Daí a necessidade de pesquisas específicas na área, a fim de compreender e descrever tais fenômenos. E isto constitui o cerne da discussão. Desde então, a pesquisa sobre desenvolvimento de carreira esportiva tem avançado na área; tem estabelecido modelos, criado discursos e narrativas, buscando oferecer aos atletas e às estruturas do esporte subsídios para auxiliar aqueles que nela investem.

Entretanto, o tópico *pesquisas em carreira*, apesar de apresentar alguma linearidade, não é fixo nem de extrema rigidez. Falar sobre carreira esportiva é considerar a dedicação ao esporte e à sua interação com o contexto estabelecido, ou o plano em que ele se situa. Isto é que o torna ‘emergente’ e torna emergente o próprio conceito de carreira, o que lhe impõe, como necessária, a constante atualização. Essa necessidade perpassa pelas mudanças das estruturas e relações sociais e culturais e, não menos, a própria não linearidade da carreira esportiva de atletas em relação ao tipo de esporte (STAMBULOVA; RYBA; HENRIKSEN, 2020).

Por tudo isso, a pesquisa de desenvolvimento de carreira passou, e ainda passa, por fases caracterizadas pelo assunto que está no cerne da discussão. Neste sentido, apresentarei, em seguida, o desenvolvimento do discurso sobre carreira esportiva no esporte, dividido em períodos e marcos centrais de discussão. Começarei escrevendo sobre a atenção dada à aposentadoria atlética e, em seguida, apresentarei as primeiras mudanças em relação a esse enfoque inicial. Essas mudanças são marcadas, em especial, pela aparição de novos estágios na carreira, que, mais adiante, serão conceituados a partir da literatura atual. Para tanto, apresentarei o discurso atual sobre carreira esportiva, o que tem predominado nas pesquisas da última década. Por fim, vou descrever como todas essas fases compõem o modelo atual.

---

<sup>12</sup> É dessa forma que o campo tem sido pensado, visando escapar à lógica positivista.

### **3.1. O avançar da literatura esportiva: da dedicação exclusiva à aposentadoria atlética e, desta, à inclusão de novas transições**

A *priori*, os estudos sobre carreira esportiva e seu desenvolvimento focaram, via de regra, uma transição principal. Paralelamente, e de modo geral, o ramo das ciências que se voltam sobre o tema é o da área da psicologia, que, aliás, é a que domina os estudos sobre o tema.

Já a aposentadoria atlética foi a questão predominante nas pesquisas na década de 1980, principalmente pelo caráter de grande mudança proporcionada pelos eventos. As primeiras delas apontavam para a descontinuidade da carreira como uma transição negativa, que traria consequências ruins para a vida dos atletas. Essas, apoiadas em modelos de gerontologia e de tanatologia social, ainda que estimulassem estudos sobre transição para a aposentadoria, falharam em as descrever ou expor para os atletas (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999). Neste sentido, as ideias da transição para a aposentadoria como evento único foram perdendo espaço, abrindo caminho para novas percepções, deslocando a centralidade negativa da transição, passando a encará-la como um processo.

Assim, a aposentadoria atlética passou a ser vista como um evento comum, podendo ser superado positivamente, inclusive por escolha voluntária do atleta, o que, ainda, abre espaço para uma nova vida. Esse deslocamento foi possível dada a própria configuração esportiva, que se diferenciava, por exemplo, da aposentadoria em outros âmbitos, tais como os de trabalho. Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) mostram que a ideia de “morte social” não consegue contemplar a descontinuidade da carreira esportiva.

Essa percepção fez com que os/as pesquisadores/as abrissem os olhos e espaço para a necessidade de um planejamento pós-carreira, além das possibilidades de transferência das habilidades esportivas para uma vida fora do esporte. Neste sentido, na década de 1990, mesmo que a aposentadoria atlética ainda ocupasse o cerne da discussão, o discurso de carreira esportiva avançou, sendo incorporado por modelos de desenvolvimento com base nas experiências de atletas. Nestes modelos, a aposentadoria atlética também muda de configuração, deixando de ser um evento singular e passando a ser interpretada como um processo (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999).

Taylor e Ogilvie (1994), ao descrever um modelo de aposentadoria atlética que considerava os resultados da literatura esportiva, também mostram como a descontinuidade esportiva tange outras esferas na vida, que sofrem mudanças juntamente com a carreira atlética.

Os autores apontam que a adaptação ao fim da carreira está intimamente ligada ao desenvolvimento de outras esferas da vida, como, por exemplo, a do investimento acadêmico. Ainda, mostram como o desenvolvimento esportivo restrito pode se tornar uma barreira nesse processo.

No modelo em questão, Taylor e Ogilvie (1994) objetivam detalhar o curso da aposentadoria atlética. Os autores dividem o processo em cinco etapas, que culminam em uma transição, com sucesso para a descontinuidade esportiva. Em cada uma das etapas, são detalhadamente apresentadas as questões críticas, levando em consideração a fundamentação teórica sobre o tema, que vem sendo discutida desde décadas anteriores. Para tal finalidade, os autores subdividem cada categoria em tópicos importantes, que tangem diretamente o tema principal. As etapas que compõem o modelo contemplam todo o processo de aposentadoria

A primeira etapa trata das causas para a aposentadoria, que é subdividida em idade, preterição, efeitos de lesão e livre escolha. A segunda etapa descreve os fatores relacionados à adaptação à aposentadoria. Taylor e Ogilvie (1994) argumentam que, dadas as mudanças provocadas pelo processo de descontinuidade esportiva na vida do atleta, a qualidade da adaptação é influenciada por como eles se relacionam com a situação. Neste sentido, a etapa é subdividida em elementos de contribuição para o desenvolvimento, percepções de controle, identidade social e fatores contributivos.

O terceiro passo lida com os recursos disponíveis para a adaptação à aposentadoria. Os autores exploram aqui os recursos necessários para superar as dificuldades de adaptação. Para tanto, o passo se subdivide em habilidades de enfrentamento, suporte social e planejamento de pré-aposentadoria. A qualidade da adaptação à aposentadoria atlética se configura no quarto passo. Esta etapa está necessariamente relacionada às anteriores. Taylor e Ogilvie (1994) destacam aqui a mudança da percepção sobre o desenvolvimento de carreira, indicando que o resultado da aposentadoria, a depender da presença ou ausência das variáveis anteriormente descritas no modelo, pode configurar-se em uma transição saudável. Por fim, a quinta etapa lida diretamente com as intervenções para superar as dificuldades da aposentadoria atlética. A dificuldade para encarar o fim de carreira está relacionada à interação de elementos estressantes, não só esportivos, mas de outras esferas da vida, também afetados pelo processo. A subcategoria relacionada à etapa trata dos aspectos relacionados a deficiências de aposentadoria.

O modelo em questão é classificado como modelo explicativo de transição de carreira (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Os diversos modelos se debruçam, segundo as autoras, no desdobramento da transição de todos os seus aspectos, tais quais as demandas, os

recursos para a superar e os possíveis resultados. A compreensão da transição para a aposentadoria como um evento e o desenvolvimento de modelos que foram usados para a interpretação do processo de descontinuidade orientou as pesquisas dedicadas às transições a fim de compreenderem as fases que precedem a aposentadoria e a sucedem (WYLLEMAN; ALFERMANN, LAVALLEE, 2004). Neste sentido, os autores mostram que, em base em às pesquisas de desenvolvimento de talentos, de carreira e prática deliberada, o envolvimento atlético passa a ser visto não mais como centralidade na aposentadoria, obtendo-se, agora, uma visão mais ampliada sobre o tema.

Essa mudança de foco culminou no reconhecimento de novas transições, consideradas como eventos existentes em todas as etapas da trajetória atlética, contemplando, inclusive, os primeiros anos de envolvimento no esporte no discurso do desenvolvimento de carreira. Alfermann e Stambulova (2007) classificam esses modelos como estágios descritivos de carreira, dividindo-a em fases e descrevendo as mudanças em cada uma dessas novas fases. São eles que, apesar de não descreverem o processo de transição, evidenciam as transições normativas de carreira. Sendo assim, novas demandas, dificuldades e barreiras são identificadas e se tornam cruciais para a continuidade na carreira. Dada a identificação desses novos elementos de mudanças, também é o momento que cede destaque inicial a outras esferas da vida que afetam diretamente o desenvolvimento de carreira esportiva.

Por exemplo, Stambulova (1994) nos alerta para a concentração do discurso sobre a carreira se vincular, por um certo período, estrita e exclusivamente ao seu momento de auge esportivo, em detrimento da dedicação a outras fases. Este fato, de acordo com a autora, tem como causa o contexto e a cultura do país em questão. Essa constatação mostra como, culturalmente, os discursos sobre o desenvolvimento de uma carreira esportiva podem sofrer influência de determinados locais e contextos.

Em 1994, Stambulova apresentou dois modelos de carreira esportiva desenvolvidos na Rússia, influenciados por abordagens consideradas mundialmente. De acordo com a autora, os modelos, apesar de artificialmente elaborados, ajudam a compreender um objeto real. Dois deles são apresentados *a priori*. Um, sintético, o do sistema de “pentabases”, faz uso de quatro características da carreira, além de um substrato, sendo este a própria carreira esportiva.

A autora utiliza como características: (i) a duração, relacionada aos anos de investimento; (ii) a generalização/especialização, que trata dos eventos esportivos que o atleta pratica e nas funções por ele/a dominadas dentro do mesmo esporte; (iii) o nível de realização, que se relaciona com as conquistas na carreira esportiva; (iv) e o custo, que se refere ao que foi

financeiramente, energeticamente investido pelos atletas, bem como as perdas relacionadas a outras esferas da vida, como a educação.

Nesse primeiro momento, mesmo que ainda não caracterizado como tal por Stambulova (1994), a preocupação do atleta com outras esferas da vida que ultrapassam a esfera do modelo esportiva já começa a dar indícios do que mais tarde será designado por Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) de abordagem holística da carreira esportiva. Além disso, também dá sinais de que o discurso da conciliação de carreiras começa a emergir.

A maneira pela qual é avaliada a carreira esportiva nesse modelo acontece objetivamente pela própria reputação do atleta, ou subjetivamente, dada a sua própria satisfação, fornecendo uma descrição sintética da carreira (STAMBULOVA, 1994). Como sintética, a autora define a partir de características essenciais. Por outro lado, a partir de uma estrutura com períodos e crises, está identificado o modelo analítico. Este, por sua vez, baseia-se, cronologicamente, nos estágios da carreira, dividindo os períodos de treinamento esportivo, seus diversos períodos, os níveis do esporte e a idade relacionada a determinado estágio.

Dada tal organização, transições previsíveis podem ser identificadas, ou crises, como prefere Stambulova (1994). A autora identificou, no modelo, sete diferentes crises a serem superadas para a continuação na carreira, sendo elas:

1. O início da especialização esportiva;
  2. A transição para o treinamento intensivo especial no esporte escolhido;
  3. A transição do esporte popular de massa para o esporte de alto rendimento;
  4. A transição do esporte júnior para esporte adulto;
  5. A transição do esporte amador para o esporte profissional;
  6. A transição do ápice para o fim da carreira esportiva;
  7. O fim da carreira esportiva.
- As carreiras dos atletas reais podem incluir um número variável de crises (STAMBULOVA, 1994, p. 226, tradução livre).

Cada uma dessas transições tem uma série de demandas próprias, identificadas, com as quais os atletas precisam lidar e superar para prosseguir. Wylleman, Lavallee e Alfermann (1999) argumentam que a natureza das transições também deve ser levada em consideração. Como definido pelos autores, essas transições podem ser normativas ou não-normativas, a depender da sua previsibilidade. Aquelas geralmente relacionadas a mudanças de nível, ou de estágio, já previstos no modelo, são consideradas normativas e, portanto, têm um maior grau de previsibilidade. Por outro lado, as não normativas, além de não serem previstas nos modelos, são as que podem ocorrer - ou não - inesperadamente. Os autores ainda apontam para uma outra característica dessas transições, mostrando que elas podem ocorrer no ambiente esportivo ou em outros ambientes não-atléticos, que, ainda assim, interagem com a carreira, tendo então como característica a sua origem. Danish, Petitpas e Hale (1993) mostram que a superação

dessas mudanças depende dos recursos obtidos pelo indivíduo, além das experiências anteriores em eventos semelhantes.

Assim, Wylleman, Lavalle e Alfermann (1999) destacaram quatro transições principais dentro do desenvolvimento de carreira, todas normativas. São elas a transição para a especialização esportiva, a transição para o treinamento intensivo, a transição para os esportes de elite e a transição para fora dos esportes de elite. Os autores ainda indicam que, de modo geral, dada a tendência das décadas anteriores, a concentração de pesquisas sobre o processo de aposentadoria é maior do que as dedicadas às demais transições, o que supõe maiores informações sobre a descontinuação de carreira.

Ao se debruçar, portanto, sobre a transição para a descontinuidade, Wylleman, Lavalle e Alfermann (1999), com base no arcabouço teórico do tema, destacam as causas da aposentadoria esportiva que, de modo geral, se desdobram em fatores relacionados ao esporte – tais como a própria idade, as lesões e a desconvocação. No entanto, quando a decisão por fazer a transição é tomada voluntariamente, outros fatores, extra desportivos, são levados em consideração, tais como as relações pessoais, sociais e psicológicas. Isso aponta para a natureza interativa da carreira esportiva com outros ambientes da vida do atleta, como apontado por Danish, Petitpas e Hale (1993).

Estes autores (1993), ao propor o modelo de Intervenção para o Desenvolvimento da Vida (LDI), consideram, assim como Wylleman, Lavalle e Alfermann (1999), o desenvolvimento duradouro, que abrange a vida toda. Neste sentido, os autores consideram que, para esta abordagem, é necessário investigar outros domínios da vida do atleta, como: os estágios passados e futuros de sua trajetória, o próprio ambiente em que o desenvolvimento está acontecendo, além dos eventos de mudanças, já nomeados anteriormente de ‘transições’.

Wylleman e Lavallee (2004) mostram que a carreira do atleta afeta não somente a si próprio, mas a outros níveis também. O investimento em uma carreira implica diretamente um investimento nessas outras esferas por um período extenso. Neste sentido, esses níveis, que interpelam e são interpelados pela decisão de investir em uma carreira esportiva, sofrem suas interferências, inclusive para o fim de uma carreira. Assim, o evento da descontinuidade não é isolado nem exclusivo do atleta, mas também é um momento de alterações afeta igualmente o ambiente que o cerca e as pessoas que ali estão.

Os autores mostram, ainda, que a atenção dada às transições falava um pouco da entrada no esporte e, com mais ênfase, de sua saída, ignorando as demais, empregadas no desenvolver da carreira e que poderiam influenciar fortemente o envolvimento esportivo dos atletas. Por exemplo, Stambulova (1994), considerando outras transições, além da final, mostra como o

atleta deve lidar não só com os próprios objetivos e expectativas, mas também com os dos pares e dos ambientes de treinamento em cada uma das fases e estágios alcançados. Naquele momento em que as demandas foram destacadas, pode-se perceber a identificação de outras esferas da vida que podem afetar as rotinas do esporte. A autora mostra que, mais tarde, na idade adulta, as demandas de desenvolvimento também passam por uma necessidade de conciliação de objetivos esportivos com objetivos de vida, o que implica um novo tipo de conciliação.

Pode-se observar, então, que se ater somente ao desenvolvimento atlético, quando consideramos a formação no esporte, se negligenciam outros níveis da vida que também afetam a carreira esportiva. Nesses outros níveis, como exemplificado por Stambulova, também acontecem transições e mudanças, concomitantemente às esportivas. Neste sentido, Wylleman e colaboradores (1999) propõem uma abordagem holística da carreira, considerando o atleta e todos os níveis que interagem com a carreira. Além disso, os autores propõem uma abordagem de vida inteira, contemplando também todo o período de seu desenvolvimento no esporte.

Na proposta em questão, os autores apresentaram um modelo que abordava outros três níveis que interagem com a carreira: (i) o nível psicossocial, que trata de como as relações são desenvolvidas e com o que <sup>são</sup> representam em cada etapa da vida do atleta; (ii) o nível psicológico, mais diretamente relacionado com as fases da vida do atleta, como infância, adolescência, etc.; (iii) e, por fim, o nível acadêmico/profissional, que trata das transições nas etapas escolares, bem como para o nível superior e uma ocupação. Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) dizem que o modelo mostra a ampliação da compreensão das transições que ocorrem na carreira, de modo a se poder compreender, pela investigação empírica, a interação das transições e estágios enfrentados por um atleta.

Ao explorar os desdobramentos nas transições nos níveis propostos por Wylleman e colaboradores (1999), que ultrapassam a carreira esportiva, Wylleman e Lavellee (2004) chamam a atenção para o desenvolvimento de identidades. De acordo com os autores, ao explorar o nível psicológico, durante a adolescência os atletas passam por mudanças significativas tanto no âmbito esportivo, quanto nas outras esferas da vida. É em meio a esse período que eles estabelecem a sua identidade. Esta, além de ser crucial para os adolescentes em seu desenvolvimento, também é para os alunos atletas, expondo o nível de envolvimento com o esporte. Entretanto, o nível de desenvolvimento de uma identidade atlética pode acarretar consequências positivas - como o engajamento esportivo, ou negativas, como a falta de exploração de outras esferas e outras identidades, terminando por excluir algumas e prejudicando a carreira de atletas em conciliação.

Essa identidade de atleta, ou seja, o quanto o indivíduo se identifica com seu papel esportivo, também afeta o sucesso da transição. De acordo com Wylleman e Lavallee (2004), a identidade atlética, quando exclusiva, pode afetar o desdobramento de transições, como a do fim da carreira. Por isso, afirmam a importância do equilíbrio da auto identidade, que não se restringe a seu papel esportivo.

No nível social, destacam a atuação e a presença dos pais na carreira. Essa atuação está presente em todo o desenvolvimento da carreira esportiva. De fato, há uma fluidez no papel deles em cada estágio atingido pelo atleta, o que também supõe para eles uma transição nesse nível. De modo geral, porém, os pais parecem, assim como os filhos, compreender o seu respectivo estágio de carreira e tentam oferecer o suporte necessário e requerido para que a carreira seja de sucesso. Por isso, o papel dos pais se torna fundamental, por atuarem diretamente desde a entrada no esporte e passarem por transições junto com os filhos atletas (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Wylleman e Lavallee (2004) destacam, também, a atuação dos treinadores no nível social. Assim como os pais, a relação com os treinadores igualmente sofre mudanças de acordo com o nível alcançado pelo atleta. Em cada um deles, o treinador desempenha um tipo de papel diferente, para garantir que as demandas sejam atendidas. No entanto, o que vale ser apontado é que o tipo/qualidade de relação entre treinador-atleta pode afetar positivamente ou negativamente seu sucesso diante de transições. Por exemplo, o uso de um *feedback* de qualidade aumenta o sucesso nas transições, enquanto, por outro lado, determinado tipo de relação pode levar ao *burnout* esportivo do atleta. Ainda, há alguma evidência da relação pais-treinadores, que também muda com o avançar da carreira esportiva (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Como há transições no desenvolvimento acadêmico, Wylleman e Lavallee (2004) demonstram como essas vão ocorrer simultaneamente a transições esportivas, quando tratamos do nível acadêmico/vocacional do modelo holístico. Isso acontece, em especial, pela obrigatoriedade de alunos, atletas ou não, estarem na escola por pelo menos algum período, evidenciando dois importantes e imprescindíveis aspectos na vida do jovem – o da carreira e o do estudante, com a obrigação de se desenvolver potencialmente nas duas áreas. Embora pareça positivo para o desenvolvimento de identidades, a dificuldade de conciliação tem sido um grande motivo para encerrar a carreira esportiva.

São várias as possibilidades de desdobramento em uma carreira de conciliação entre estudos e esportes e, por isso, também múltiplas são as transições. Wylleman e Lavallee (2004) nos mostram uma série de possibilidades de desenvolvimento nesse momento em especial. Por

exemplo, a transição para o ensino médio provoca uma série de mudanças na vida do atleta enquanto aluno, exigindo mais adaptação ao novo ambiente, socialmente falando, ou as próprias capacidades físicas necessárias para seguir no esporte. É também nesse momento que o volume de aulas costuma aumentar. A saída do ensino médio culmina em um período de decisões também na carreira esportiva, podendo o atleta decidir por seguir em DC, ou seja, ingressar em uma universidade, ou interromper uma das carreiras. Esta decisão é, muitas vezes, motivada pela falta de oportunidade de seguir em carreira esportiva - principalmente no caso das mulheres -, e ter de seguir uma carreira profissional ou apostar na baixa possibilidade de se profissionalizar no esporte, praticando-o em período integral.

Este fato reflete, inclusive e continuamente, a condição financeira. Neste sentido, o nível financeiro trata dos custos da carreira esportiva, bem como os dos investimentos esportivos e aqueles por quem são apoiados (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004). *A priori*, a família é responsável por arcar com os custos de se tornar atleta, mas, com o passar dos anos e dos estágios de carreira, novos agentes financiadores podem surgir, inclusive como auxílio, no caso de esportes com mercado esportivo mais frágil, ou não profissional.

Pode-se perceber que o discurso de desenvolvimento da carreira esportiva foi influenciado por outras áreas que não a esportiva. Por isso, dadas as particularidades do desenvolvimento de carreira no esporte, fez-se necessário que um escopo fosse desenvolvido para contemplar as facetas particulares do tema, considerando o processo de formação esportiva numa perspectiva holística. Em 2007, Alfermann e Stambulova também destacaram como os modelos descritivos dos estágios da carreira esportiva, via de regra, se sobrepunham, o que mostra um avanço significativo na construção de um arcabouço teórico sobre o tema. Embora o discurso até então elaborado seja robusto, é preciso alertar para a natureza fluida e mutável da carreira esportiva. Por isso, após ter apresentado brevemente os primeiros passos da pesquisa no tema, abordarei, em seguida, o discurso que hoje em dia vigora nessa área específica.

### **3.2. Discurso atual da carreira esportiva**

Atualmente, Alfermann e Stambulova (2007) definem carreira esportiva como o envolvimento plurianual e voluntário em um esporte, no qual o atleta busca pelo ápice de desempenho atlético em um ou mais eventos esportivos. As autoras fazem uma analogia com a carreira como uma vida em miniatura, comparando seus estágios às fases do desenvolvimento humano, tipo adolescência e idade adulta. Elas ainda destacam que a carreira esportiva pode ser amadora ou profissional, a depender do *status* dos atletas. O que define o nível de sua carreira,

ou seja, se é local, regional, nacional ou internacional, é o nível mais alto de competição alcançado. Por isso, desenvolver uma carreira de elite não depende do *status* profissional, mas do nível de competição. As carreiras de elite são aquelas cujo nível internacional já foi alcançado.

As autoras mostram, ainda, que o desenvolvimento da carreira esportiva começa nos primeiros contatos com o esporte e inclui o processo de aposentadoria. Para melhor compreender o desenrolar da carreira, Stambulova e colaboradores (2009) propõem um modelo que resulta da combinação de outros modelos já propostos, elaborando-o com base em estágios semelhantes, que se sobrepõem. Sendo assim, elaboram um modelo composto por cinco estágios consecutivos que uma carreira esportiva compreende, sendo eles: (i) a iniciação, que contempla os anos de diversificação esportiva; (ii) o desenvolvimento, estágio no qual se inserem os anos de especialização; (iii) o investimento, quando os atletas investem na aquisição de habilidades; (iv) a manutenção, estágio final da carreira; (v) a descontinuação esportiva, que culmina na aposentadoria.

A mudança de um estágio para outro, ou o avanço entre os estágios, é marcado por um evento de mudança, ou transição. As transições, como já discutido anteriormente, sempre estiveram no cerne da discussão sobre carreira esportiva e, cada vez mais, têm ganhado novas configurações, dadas as mudanças em relação à carreira. Para Alfermann e Stambulova (2007), as transições são mudanças na trajetória da carreira, carregadas de demandas que, para continuar no esporte, ou se aposentar, os atletas precisam enfrentar. Neste sentido, as demandas de transição se apresentam como um conflito sobre o que o atleta precisa ser, o que ele quer ser e o que ele é. As autoras consideram esse processo como estimulante para a busca de recursos para lidar com a situação.

Portanto, conseguir desenvolver uma carreira esportiva e obter sucesso está intimamente ligado à superação desses eventos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Quando consideramos essas transições, previstas no modelo de desenvolvimento de carreira esportiva, estamos lidando com transições normativas. Por outro lado, há transições que não estão descritas no modelo e que são menos previsíveis. Essas são consideradas transições não normativas. Stambulova e colaboradores (2020) ressaltam que, recentemente, uma nova categoria de transições foi reconhecida a fim de contemplar estes diversos eventos de mudança na vida do/a atleta. Como transição *quase normativa* entendem-se as transições passíveis de previsão para uma determinada categoria de atletas. De acordo com os autores, transições culturais ou transições para um centro de treinamento especializado são exemplos de transições

*quase normativas*. De modo geral, tanto para as transições normativas quanto para as quase normativas, são necessários recursos que operem como facilitadores do processo.

Stambulova e colaboradores (2009) caracterizam tais recursos como todos os fatores que auxiliam no processo de superação das transições, sejam eles de dentro ou de fora da esfera esportiva. Estes são fundamentais para facilitar o processo de superação do evento. As barreiras, por outro lado, são tudo aquilo que dificulta e nele interfere. Entretanto, há artifícios que podem funcionar tanto como barreira, quanto como recurso, a depender da situação. Por exemplo, a identidade atlética, ou seja, o quanto o sujeito se identifica com o seu papel de atleta (LALLY; KERR, 2005) é um recurso se se pensar nas transições normativas durante a carreira. Mas, para a transição de descontinuação esportiva, ela funciona como barreira.

Assim, podemos indicar algumas tendências ao pensar na ajuda para a superação desses eventos. De acordo com Alfermann e Stambulova (2007), a prevenção, que é ter em vista as demandas dessas transições, sejam elas normativas ou não. O enfrentamento de crises, que visa a encontrar estratégias para as superar, em casos mais graves deve enfrentar consequências negativas, vindas da não superação de crises, por estarem relacionadas a intervenções clínicas.

Além da superação da transição, cada nível da carreira esportiva tem demandas próprias, além de configurações particulares. Em cada um dos estágios, novas transições surgem do contexto esportivo, ou extra desportivo, sejam elas não normativas ou quase normativas.

Na sequência, detalharei as características dos estágios, bem como o desenvolvimento particular de cada um deles pode interferir em questões futuras do desenvolvimento da carreira esportiva.

### **3.3. Desdobramentos dos estágios de carreira**

A carreira esportiva é desenvolvida em estágios que se sucedem e que são delimitados dadas as suas características, demandas e configurações. Cada um dos estágios tem importância particular para o desenvolvimento da carreira e a passagem por cada um deles pode configurar no sucesso da carreira esportiva (STAMBULOVA et al., 2009). Entretanto, dada a particularidade de cada esporte, bem como a particularidade das carreiras dos atletas, as fases de desenvolvimento podem sofrer mudanças e adaptações.

Há, nesse sentido, uma particularidade no que diz respeito ao início da carreira esportiva. No modelo apresentado por Stambulova (2009), os primeiros anos de envolvimento esportivo se dividem em (i) anos de amostragem ou (ii) anos de especialização. Essas duas

fases, apesar de serem apresentadas sequencialmente, podem ou não serem contempladas no envolvimento esportivo inicial.

Por exemplo, esportes cujo o pico de desempenho acontece nos primeiros anos de envolvimento, tal qual a ginástica, os atletas são especializados precocemente, não usufruindo do primeiro estágio da carreira. Por outro lado, esportes de *endurance*, onde o pico de desempenho se dá no final da idade adulta, como o *triathlon*, geralmente os atletas se especializam mais tarde, passando por todos os estágios da carreira (STAMBULOVA et al., 2009). Isso mostra que a própria configuração do esporte pode determinar os estágios iniciais do desenvolvimento da carreira. No entanto, é importante apontar que, mesmo em contexto de possibilidade de utilização dos anos de amostragem, ou diversificação esportiva, não são todos os ambientes que aderem a tal.

De acordo com Alfermann e Stambulova (2007), a fase de desenvolvimento se caracteriza pelo foco exclusivo ao/aos esportes que se dedicam. Nessa fase, a quantidade de competições aumenta e, orientados/as pelos treinadores/as os atletas estabelecem metas esportivas e dedicam-se mais ao treinamento estruturado. Nesse sentido, a busca dos atletas é pela aquisição de habilidades e seus compromissos atléticos, aumentando, assim, seu nível competitivo e suas competências em tal esporte. Por isso, há um fortalecimento da identidade esportiva, ao mesmo tempo em que aumenta a dificuldade de conciliar a rotina esportiva com outras, tais como os estudos.

Ainda, Alfermann e Stambulova (2007) mostram que no estágio de perfeição/manutenção é quando os/as atletas se tornam especialistas em seus esportes. Esse estágio é marcado pela responsabilização do atleta sobre o seu desempenho competitivo e os/as treinadores/as assumem um papel de mentores. Esse também é o momento em que o atleta se encontra na elite esportiva, onde o estilo de vida é organizado a partir das rotinas esportivas de treinamentos e competição, tornando essa a principal esfera de sua vida no momento. Por isso, a identidade atlética segue forte, sendo alimentada, também, pelas conquistas esportivas.

Por fim, a descontinuidade esportiva refere-se ao período de aposentadoria, onde os atletas diminuem ou param de competir, e a participação esportiva converte-se em uma esfera recreativa. Nesse sentido, nesse momento a identidade também precisa ser negociada, para que o/a atleta se adapte ao seu novo estilo de vida (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2009).

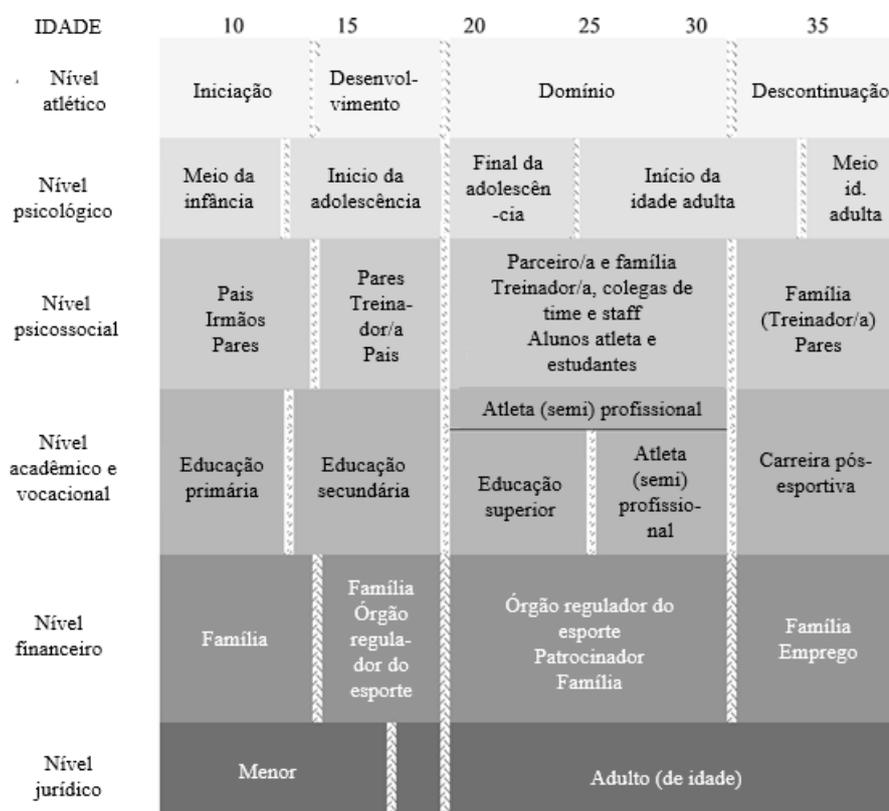
Dado o caráter desenvolvimentista da carreira esportiva (STAMBULOVA; RYBA; HENRIKSEN, 2020), muitos são os atravessamentos sobre o tema. Por isso, ao tratar do desenvolvimento de carreira, faz-se necessário partir de uma abordagem mais ampla, que considere não só os estágios de desenvolvimento, mas outros agentes que podem atuar no

processo sequencial e contínuo da carreira. Portanto, tratarei, a seguir, do modelo de abordagem holística sobre a carreira esportiva como uma alternativa para avançar na compreensão do desenvolvimento de carreira.

### 3.3.1. A abordagem holística de carreira

Assim, ao considerar o desenvolvimento da carreira esportiva, lidamos com todos os eventos que envolvem a carreira. Neste sentido, olhar para o atleta desconsiderando o contexto no qual ele está inserido, bem como as outras esferas de sua vida, não é suficiente. De acordo com Stambulova e colaboradores (2009), a abordagem holística de um atleta em carreira esportiva é essencial, uma vez que, além do de atleta, ele também assume outros papéis sociais. Para uma abordagem mais completa e inclusiva, Willeman e Lavallee (2004) propuseram um modelo holístico, que contempla outras esferas que não só a esportiva. A figura 1 mostra esse modelo, o mais recente, apresentado por Wylleman (2019).

Figura 1. Modelo de abordagem holística



Fonte: Wylleman (2019). Tradução livre.

No modelo em questão, destaca-se a transição dos atletas em cada nível de sua vida, bem como a interação dos níveis em cada uma das transições. Wylleman e Lavallee (2004) propõem o modelo que considera uma perspectiva de início ao fim e destaca a natureza contínua e a interação dessas transições em diferentes níveis. De acordo com a figura 1, é possível notar que as mudanças entre os estágios do nível atlético ocorrem, muitas vezes concomitantemente a outras nos demais níveis contemplados pelo modelo. Essa interação, ou acontecimento simultâneo de eventos em várias esferas da vida, somam-se em demandas a serem superadas para seguir na carreira esportiva. Neste sentido, para a sua continuidade, é necessário que supere não somente as transições do nível atlético, mas todas as outras contempladas nos outros níveis. Isto se deve ao fato de que, dada a sua natureza interativa, a não superação da transição em algum dos níveis pode prejudicar o desenvolvimento holístico, entre eles, o de sua carreira esportiva.

O primeiro nível do modelo proposto pelos autores trata das transições da carreira esportiva, com base no modelo de Bloom (1985), que considera quatro estágios. No caso de nossa pesquisa, optamos por utilizar a combinação de estágios comuns aos de abordagem dos estágios de carreira conforme apontado por Alfermann e Stambulova (2007). Neste sentido, consideramos um estágio a mais, que, no caso do componente apresentado por Wylleman e Lavallee (2004) com base em Bloom (1985), está englobado no estágio de iniciação. Portanto, consideramos a iniciação dividida entre (i) anos de amostragem e (ii) especialização, bem como os demais estágios presentes no nível atlético da figura 1. Ainda, no nível atlético, são consideradas as transições e os estágios da carreira esportiva, tomando como base a faixa etária, já apontada por outras pesquisas, mas que pode variar a depender do esporte (WYLLEMANN; LAVALLEE, 2004).

O nível psicológico contempla os estágios de desenvolvimento humano, que, de acordo com os autores, se relacionam à participação no esporte competitivo e à preparação para competições de cada faixa etária, bem como outras tarefas, como o desenvolvimento de auto identidade, respectiva a cada estágio. Ainda, as transições no desenvolvimento psicológico apontam para a motivação na participação esportiva quando na infância. Na adolescência, cabe ao atleta compreender as demandas do esporte competitivo e estar pronto, do ponto de vista cognitivo e emocional, para progredir. Além disso, é o momento de estabelecer a sua auto identidade, o que pode gerar consequências positivas ou negativas para a sua carreira. Neste sentido, os autores dizem que o desenvolvimento dos atletas nesse nível tem influência na capacidade de progressão entre os estágios de carreira.

A mudança social do atleta acontece juntamente com seu desenvolvimento esportivo. Por isso, o nível psicossocial tratará das mudanças representativas de seu convívio na esfera esportiva e em outras camadas da vida. De modo geral, além do envolvimento social do atleta, também considerará como seus relacionamentos influenciam na qualidade do seu envolvimento esportivo. Neste sentido, este nível também considera os suportes recebidos pelo atleta. São consideradas, portanto, as relações com os pais, com os pares e com os treinadores.

O relacionamento parental é relacionado ao provimento de recursos - emocionais ou financeiros - em toda a trajetória atlética, além do papel crucial no engajamento esportivo inicial. Esta relação muda a cada estágio alcançado, compreendendo as demandas de cada um deles e com elas colaborando. O papel dos/as treinadores/as na relação com o atleta também muda de acordo com a demanda de cada estágio de desenvolvimento. Além disso, eles contribuem - ou não - com a qualidade da transição e com a capacidade do atleta de lidar com as demandas do próximo estágio.

No nível acadêmico/vocacional, são destacadas as transições da vida escolar, bem como as possibilidades futuras de engajamento universitário e profissional. É importante observar que, nesse nível, podemos identificar não só a interação com o nível atlético, mas também um novo e possível desdobramento na carreira esportiva: o estabelecimento de duas carreiras, concomitantemente, configurando a dupla carreira esportiva (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2014).

A dupla carreira é estabelecida muito cedo, principalmente a depender da obrigatoriedade educacional de muitos países. Neste sentido, a combinação de carreiras é uma realidade que acompanha o desenvolvimento de uma carreira no esporte por grande parte da trajetória atlética, desde a infância (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019). Estar em dupla carreira, porém, obriga os atletas a dividir seu tempo e energia buscando o desenvolvimento em duas tarefas igualmente importantes. O desenvolvimento de dupla carreira esportiva apresenta, por isso, algumas transições com particularidades vindas da combinação das próprias carreiras (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004; STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019).

Como apontado por Wylleman e Lavallee (2004), por exemplo, a transição para o ensino médio provoca uma série de mudanças na vida do atleta enquanto aluno, exigindo mais adaptação ao novo ambiente, socialmente falando, ou às próprias capacidades físicas necessárias para seguir no esporte. É nesse momento, inclusive, que o volume de aulas e de treinamento aumentam. Por isso, no continente europeu, o surgimento de escolas esportivas foi importante principalmente por oferecer um calendário que permitia se ajustar com as rotinas esportivas dos atletas. Por outro lado, não estar em um ambiente como tal exige uma negociação

constante com os dirigentes para que o calendário esportivo possa ser cumprido, como pode, eventualmente, provocar um possível desequilíbrio entre as demandas das duas esferas.

A saída do ensino médio culmina em um período de decisões que afetam inclusive a carreira esportiva, podendo o atleta decidir em seguir em dupla carreira ou interromper uma das duas. Essa decisão, muitas vezes, é motivada pela falta de oportunidade de seguir em carreira esportiva e tornar-se profissional ou pela baixa possibilidade de se tornar profissional e praticar o esporte em período integral (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Em caso de possível opção entre transitar para o nível superior, ou transitar do nível júnior para o sênior, as demandas acadêmicas começam a evidenciar cada vez mais as desvantagens do esporte de alto rendimento, além de ficar cada vez mais clara a necessidade de seguir por uma carreira além do esporte. É nesse momento, também, que a identidade esportiva dos atletas fica abalada, uma vez que podem deixar de fazer parte da equipe ou de equipes principais, conflitando com o que viviam no ensino médio. Do mesmo modo, os pais atuam nessa decisão, muitas vezes, por exigir a formação universitária.

Neste sentido, os atletas experienciam mais cansaço e falta de tempo, além de mostrar aos pares o quanto seja crucial a decisão de sustentar a dupla carreira (DC). A descontinuação, por outro lado, depende do próprio *status* da carreira – entenda-se, por isso, o ponto atingido pelo aluno na área cursada na faculdade. Nesse momento, as mulheres, com maior frequência do que os homens, tendem a assumir novos trabalhos, especialmente em função da baixa profissionalização na maioria dos esportes (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019). Quando a transição se faz para fora do esporte, a maioria dos atletas busca a segurança do mercado de trabalho ordinário, chancelada pelo diploma escolar.

São muitas as demandas enfrentadas por alunos/as-atletas, o que exige dedicação e esforço para o seu enfrentamento. Por isso, essas demandas da carreira esportiva e da vida acadêmica tendem a competir entre si, fazendo com que os atletas, por vezes, precisem priorizar uma em detrimento de outra (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019). Entretanto, para seguir na dupla carreira com sucesso, desempenhando com êxito uma e outra e alcançando as metas traçadas, é necessário encontrar um equilíbrio que garanta o ajustamento da combinação de rotinas (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019). Além disso, Stambulova e Wylleman (2019) alertam para a necessidade de se manter também a vida em outras esferas.

Neste sentido, lidar com dupla carreira e garantir equilíbrio na combinação das duas requer dos/as atletas que lidem com barreiras que, além das que já são comuns ao desenvolvimento de qualquer carreira, são particulares da DC. Estas são as que interferem no ajuste da DC (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019), tais como: faltas de flexibilização de

horários; faltas de programas de apoio aos atletas em DC; falta de apoio financeiro; outras barreiras pessoais, como lesões, falta de tempo para a socialização, etc. Por isso, é de extrema necessidade que os/as atletas em DC desenvolvam recursos para o enfrentamento dessas questões (STAMBULOVA; WYLLEMAN, 2019). Stambulova e Wylleman (2019) mostram o quanto os recursos pessoais são cruciais para o estabelecimento da DC e para o ajuste de rotinas, enquanto o apoio externo funciona como complementar. Os autores mostram como os pares são importantes nesse momento, em especial para o desenvolvimento de competências para lidar com a DC.

Além disso, há outros temas que não podem ser ignorados, como as barreiras ou os recursos para a DC, a depender do estágio e da transição em questão. A identidade atlética pode funcionar como fator motivacional para a dedicação ao esporte, quando muito saliente, embora possa culminar na exclusão de outras identidades - como a acadêmica - e interferir em seu equilíbrio. Daí ser fundamental que o desenvolvimento de identidades seja amplo, fugindo da exclusividade.

Por fim, o nível financeiro, pois muito requerem, em termos de custos, uma carreira esportiva e a necessidade de a família arcar, no início da carreira, para que seja possível tornar-se atleta. Há ainda o problema da pressão de se tornar atleta bem-sucedido para recompensar o esforço familiar, o que também afeta no desenvolvimento da DC (WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Ao considerar o discurso europeu sobre a dupla carreira de mulheres, Martins e colaboradores (2021) destacam algumas questões que lhe são particulares. Uma delas é que as mulheres, via de regra, conseguem desenvolver competências para melhorar o gerenciamento da DC, no caso de ela vir a ser priorizada. A priorização da DC, no entanto, surge das poucas possibilidades de ganhos econômicos esportivos, quando comparadas às dos homens. Entretanto, para que essas relações não culminem em consequências para outras esferas da vida, são necessárias políticas públicas de apoio a atletas em conciliação de carreiras (MARTINS *et al.*, 2021).

Uma segunda questão diz respeito aos discursos culturais sobre a prática esportiva de mulheres, que se convertem, muitas vezes, em mais uma barreira, ou ao menos numa trajetória distinta, para o seu desenvolvimento (MARTINS, *et al.*, 2021). As mulheres têm uma probabilidade maior de não acreditar que seu projeto de vida não deva ser mobilizado pelo investimento esportivo; e essa ideia, geralmente, é apoiada por familiares próximos. Essa percepção está relacionada, evidentemente, às menores chances de profissionalização, que assolam o esporte de mulheres. Neste sentido, as mulheres tendem a abandonar a carreira

esportiva ou a se dedicar de forma prioritária a uma carreira acadêmica/vocacional, descreditando das possibilidades de seguir desenvolvendo a DC e um projeto de vida vinculado ao esporte.

Para os autores, há questões que atravessam o desenvolvimento da DC de maneiras diferentes entre homens e mulheres, que perpassam desde as possibilidades econômicas até os discursos afirmativos atravessados por questões de gênero, que tendem a manter vinculada a ideia de desenvolvimento de carreira esportiva a representações de masculinidade. Tais questões podem ser particularmente marcantes no futebol, em especial no Brasil, uma vez que o esporte é o mais popular do País, embora ainda muito vinculado à uma representação masculina da prática, de modo que os campeonatos e clubes de mulheres ainda estão em processo de consolidação (MARTINS, *et al.*, 2021). Neste sentido, as chances de desenvolvimento de carreira colocam-se de forma bastante distinta para homens e mulheres, como demonstrou a pesquisa de Souza Junior (2013) e Almeida (2018). Cabe, na atualidade, compreender as mudanças que a expansão da modalidade proporcionada pela nova regulamentação da Conmebol.

No próximo capítulo, nos deteremos mais profundamente nos processos de profissionalização do futebol de mulheres no Brasil e, por consequência, da profissionalização das carreiras esportivas dessas jogadoras. Nele focaremos as condições adversas de trabalho, causadas pelo desenvolvimento incipiente da modalidade, que representam barreiras no desenvolvimento da carreira das mulheres e da profissionalização do esporte. Trataremos, assim, dos desafios encontrados por elas na trajetória esportiva, bem como das facetas da profissionalização do futebol de mulheres no Brasil.

#### 4. O FUTURO DO FUTEBOL É FEMININO? PASSOS E IMPASSES PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES<sup>13</sup>

Neste capítulo, apresentaremos um cenário entre o otimismo e a incerteza, entre importantes passos, embora recheados de impasses, sobre as condições de profissionalização do futebol de mulheres em termos globais e nacionais, evidenciando os principais desafios que a literatura tem descrito a esse respeito. Um olhar especial é conferido à profissionalização, e a suas consequências para as condições de trabalho e de desenvolvimento de carreira para as jogadoras.

Adotamos, por base, a literatura dos últimos cinco anos sobre a temática, em diálogo com os relatórios da Federação Internacional de Associações Profissionais de Futebol (Fifpro), entidade sindical que tem sistematicamente reunido dados globais sobre essa questão. O capítulo se desenvolve em três tópicos: i) profissionalização do futebol de mulheres, do ponto de vista global; ii) caminhos que a profissionalização têm tomado no Brasil e; iii) desafios que a problemática ainda enfrenta.

Em 2007, as mulheres da seleção brasileira de futebol se tornaram vice-campeãs mundiais e subiram à premiação carregando a faixa com os dizeres: “Brasil, precisamos de apoio”. O futebol de mulheres ainda era bastante desconhecido no nosso país. Poucos clubes estruturavam suas equipes; os campeonatos ainda eram voláteis. As vedetes daquela seleção, como Marta e Cristiane, jogavam fora do País. Esse desconhecimento, todavia, contrastava com os excelentes resultados que a seleção apresentava em copas do mundo e em jogos olímpicos. Isso nos fazia indagar o que poderia ser se a modalidade fosse incentivada. Ademais, o protesto nos provocava a pensar qual seria o lugar das mulheres no “país do futebol” (MARTINS *et al.*, 2021).

O futebol é o esporte que mais cresce entre as mulheres no mundo nos últimos anos (JACOBS, 2014). Devido ao aumento do número de jogadoras, impulsionadas por diversos fatores que, via de regra, partem de políticas públicas, o número de apoiadores da modalidade em nível internacional vem aumentando potencialmente (JACOBS, 2014). A cobertura da mídia, a transmissão de jogos, a popularização da modalidade, bem como o aumento da frequência e a quantidade de público nos estádios é, ao mesmo tempo, demonstração e produto de uma mudança estrutural em como o futebol de mulheres tem sido abordado ao redor do

---

<sup>13</sup> Uma versão parecida do texto foi publicada no livro “ESTUDOS DO FUTEBOL: temas emergentes e desafios contemporâneos” (ATHAYDE, P. F. A.; HUNGARO, E. M. (Org.), 2023).

mundo. Não à toa, em 1995, Joseph Blatter, então presidente da Fifa, previra que o futuro do futebol (e da Fifa) seria feminino (PFISTER, 2006).

No entanto, mesmo diante desse crescimento e dessa previsão, o futebol de mulheres ainda está distante de alcançar seu pleno potencial de desenvolvimento (FIFPRO, 2017; 2020). O relatório “2020 Raising Our Game Report”, da Federação Internacional de Associações Profissionais de Futebol (FIFPRO, 2020), destaca que urge dar atenção especial às condições de trabalho e de desenvolvimento de uma carreira esportiva. A Fifpro (2020) observa ainda que o aumento do investimento e do patrocínio que permeia o contexto atual não foi revertido em melhores condições para que as atletas se desenvolvam e se dediquem à modalidade. Essas condições, adversas para o desenvolvimento da carreira nas quais as jogadoras se encontram, resultam em barreiras para o crescimento e o desenvolvimento da modalidade, convertendo-se em dificuldades para a profissionalização do futebol de mulheres.

Esse cenário tem chamado a atenção do maior órgão regulamentador do futebol, a Federação Internacional de Futebol (Fifa) que, por sua vez, vem defendendo o desenvolvimento desse futebol, divulgando documentos com diretrizes e princípios em relação às competições sustentáveis para o desenvolvimento do esporte (GLEDHILL; HARWOOD, 2015). Além dos documentos, a Fifa promoveu campanhas de apoio a associações e a instituições que pretendem criar e promover o desenvolvimento de futebol para meninas e mulheres. A intenção foi de que as ligas competitivas de futebol sejam expandidas e que os programas de categoria de base sejam desenvolvidos, assim como a infraestrutura e a governança (JACOBS, 2014). Estes aspectos são fundamentais para a profissionalização da modalidade.

As iniciativas para a promoção do futebol de mulheres têm início a partir de 2004, quando a Fifa colocou a modalidade como um pilar fundamental para o futebol, comprometendo-se a pensar planos para induzir e aumentar as oportunidades para as mulheres no esporte (BARREIRA *et al.*, 2020). A primeira confederação que se comprometeu a colocar em ação um plano de desenvolvimento da modalidade foi a União das Federações Europeias de Futebol (Uefa), que tem, desde 2010, sistematicamente avaliado o desenvolvimento dos futebol de mulheres e tem traçado planos de desenvolvimento para fomentar, incrementar e contribuir para que uma sua participação mais democrática nessa modalidade, seja como atletas, seja na condição de lideranças (BARREIRA *et al.*, 2020). Em contraposição, apenas em 2016 a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) começou a atuar no futebol de mulheres. A principal ação da entidade se fez a partir da mudança da Regra de Licenciamento dos clubes, que vigorou a partir de 2019, propondo aos clubes sul-americanos que mantenham equipes femininas ativas para disputar as competições continentais entre homens.

Essas iniciativas têm repercutido em maior visibilidade do futebol de mulheres. Com competições europeias estruturadas, os clubes têm investido na formação de equipes e as audiências têm crescido exponencialmente, superando recordes a cada novo ano. Por exemplo, a partida das equipes espanholas do Real Madrid e do Barcelona, pelas quartas de final da *Champions League* de 2021-2022, teve mais de 91.000 pessoas presentes no estádio. Cabe destacar que esse crescimento esteve alinhado à iniciativa dos clubes em sediar os jogos em estádios maiores. Segundo a Fifpro (2020), era comum que as competições europeias acontecessem em estádios com capacidade média de 10.000 espectadores. Isso justificaria, por exemplo, uma média de 8 mil espectadores na Eurocopa de 2017.

O crescimento do futebol de mulheres teve como ponto marcante a Copa do Mundo da França, de 2019, que alcançou uma audiência de mais 17 milhões de espectadores - maior que o dobro da média de 8 milhões da Copa de 2015 (CLARSKON *et al.*, 2020). Essa onda feminina no futebol já estava repercutindo em diversos países, promovendo mudanças nos campeonatos e a profissionalização da modalidade. Por exemplo, na Inglaterra, a profissionalização veio com “um mínimo de 16 horas de contato por semana para as jogadoras; um nível mínimo de investimento por clube; uma academia como parte do clube e *fair play* financeiro e teto salarial” (CLARSKON *et al.*, 2020, s/p, tradução nossa). Na Espanha, o crescimento das competições veio acompanhado de reivindicação por parte das jogadoras pela criação de um convênio coletivo de futebol (REIS; MARTINS, 2019), o que culminou em uma greve em 2019.

No âmbito nacional, algumas iniciativas têm sido tomadas para incremento da modalidade. Entre avanços e retrocessos, entre protestos das atletas e sinalizações e recuos da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (GOELLNER, 2020) e entre pressões advindas do governo federal, destacamos alguns marcos de consolidação da modalidade e de indução do futebol de mulheres no País. O primeiro marco é a organização de um campeonato brasileiro perene, com calendário mais próximo de uma dinâmica anual e de extensão territorial nacional, que se iniciou em 2013. É importante destacar que esta competição resultou de uma iniciativa da Secretaria Nacional de Futebol, que negociou uma forma de o governo federal conseguir contribuir para a organização do campeonato. A solução negociada naquele momento foi por meio de um patrocínio de R\$ 10 milhões da Caixa Econômica Federal, fechado num acordo com a CBF. Nesse momento, a confederação não organizou diretamente a competição, terceirizando-a para a *Sport Promotion*, uma empresa privada especializada na organização de competições esportivas de futebol. Esta iniciativa, ademais, veio em conjunto com a organização de parceria com o Ministério do Esporte e a Conmebol para organizar a Copa Libertadores feminina, a criação de Grupo de Trabalho Nacional para discutir rumos da

modalidade; a Copa Brasil escolar sub-7; a consolidação de cotas para meninas e mulheres no Programa Segundo Tempo e a destinação de bolsa-atleta para as jogadoras de futebol. O segundo marco, de 2016, é a nova regra de licenciamento da Conmebol. Por fim, destacamos a nomeação da ex-jogadora Aline Pellegrino para o departamento de futebol da CBF, em 2020. Além de seu histórico como atleta, Aline esteve engajada com a profissionalização da modalidade quando atuou estruturando o departamento de futebol de mulheres na Federação Paulista de Futebol, comprometida com o seu desenvolvimento em todos os âmbitos, desde as categorias de base até a elite (GOELLNER, 2020).

Em 2022, quinze anos após o protesto das jogadoras da seleção brasileira, percebemos que muita coisa mudou. O Brasil descobriu o futebol de mulheres. As maiores equipes passaram a ter departamento feminino, mas, ainda assim, o cenário é bastante precário. Em 2020, por exemplo, comemorava-se que 10 das 16 equipes que disputavam a primeira divisão do Campeonato Nacional não eram amadoras (MENDONÇA, 2020). Revelador pode ser o exemplo da equipe do Vasco da Gama.

Embora o Vasco promova campanhas com temáticas de “respeito e igualdade”, adotando a palavra “inclusão” ao levantar a bandeira de apoio à comunidade LGBTQIA+ na maioria de seus jogos, e se declare como a equipe que combateu primeiramente o racismo, seu time feminino viveu grandes controvérsias. Em 2010, o Vasco iniciou um convênio com o time feminino da Marinha, para que as jogadoras representassem o clube. Naquele momento, o clube era o único entre os maiores do estado a ter uma equipe de futebol de mulheres. O convênio garantiu alguma estabilidade às jogadoras, uma vez que os salários eram garantidos pela carreira enquanto militares (LANCE!NET, 2013), diferente da equipe masculina, que, naquele momento, sofria com atrasos salariais. Em seguida, o Vasco garantiu dois novos patrocínios exclusivamente para a equipe feminina, que naquele momento disputava a série A2 do Campeonato Brasileiro. Apesar dos novos patrocinadores, no Campeonato Brasileiro A2, jogou seis jogos e não conseguiu sequer uma vitória, terminando como o último colocado de seu grupo, sacramentando o rebaixamento para série A3 - última série do campeonato. Entretanto, apesar de conhecido como tal, o Vasco não conseguiu estruturar de forma consistente um departamento de futebol de mulheres, mesmo com a ajuda de parceiros empenhados. Esses impasses, entretanto, não anulam as perspectivas otimistas para a Copa de 2023.

#### **4.1. Descompasso entre crescimento e profissionalização do futebol de mulheres ao redor do mundo**

Há cerca de 30 anos, foi organizada a primeira copa do mundo do futebol de mulheres. Embora esse dado possa causar estranheza para quem hoje vê a dimensão que o jogo das mulheres têm conquistado. Todas essas mudanças e reivindicações por igualdade são bastante recentes. Na esteira da multiplicação dos campos feministas, alcançado nos mais diversos setores paralelos na sociedade civil (ALVAREZ, 2014), o futebol tem sido uma das arenas na qual, globalmente, temos assistido ao ativismo e à reivindicação por direitos e por avanços no que se refere à igualdade (FIFPRO, 2020). A Fifpro informa que essa mudança, que também acontece na esfera política institucional das confederações esportivas nacionais e continentais, avança também para as esferas legislativas locais, sob pressão social, que tem influenciado o desenvolvimento da profissionalização do esporte. Um exemplo disso foi quando o Barcelona decidiu que suas equipes, a feminina e a masculina, fariam a pré-temporada nos Estados Unidos juntas, o que sinalizava um grande avanço. No entanto, no voo até a destinação, a equipe masculina teve acesso a uma área mais luxuosa do avião, enquanto a feminina foi colocada na classe econômica (QUIXANO, 2018). Essa discriminação causou grande polêmica diante da opinião pública, fazendo com que o clube precisasse se justificar.

Uma outra ação que pode ter impactado significativamente o futebol de mulheres, tanto como produto, quanto pela participação de mulheres, foi o aumento do número de times na Copa do Mundo a partir de 2015. O relatório divulgado pela Fifpro (2020) relata que o acréscimo de oito seleções na competição pode ter contribuído para o aumento da audiência. Evidentemente, este aumento está diretamente ligado ao crescimento econômico do futebol de mulheres que, teoricamente, pode contribuir para a profissionalização da modalidade. No entanto, quando as mulheres jogam por suas seleções, elas ainda sofrem com problemas que se assemelham ao que é vivido nos clubes. Por exemplo, das jogadoras dinamarquesas que atuam por seu país, 29% ainda se consideram amadoras; 41% das meninas têm um contrato unilateral e somente 6% têm um contrato integral (BRANDT-HANSEN; OTTESEN, 2019).

Assim, podemos observar que o futebol de mulheres tem caminhado em direção ao crescimento. Tal crescimento é representado não só pelo número de espectadores nos principais eventos esportivos da modalidade, mas também pela quantidade de mulheres que estão jogando futebol. Este dado também é representativo dentro das associações e federações de futebol dos países.

Por exemplo, na Polônia, o número mulheres que fazem parte da Associação Polaca de Futebol (PFA) hoje - e que disputam competições regulares organizadas pela associação - é significativamente maior quando comparado ao da década de 1990, passando de centenas de jogadoras a mais de 10 mil nos dias atuais, segundo a própria Associação Polaca de Futebol (PFA) (GRYGOROWICZ *et al.*, 2019).

Apesar do crescimento eminente e exponencial, há evidências de que construir uma carreira no futebol não tem sido fácil para as mulheres. Os dilemas sobre a profissionalização, segundo a Fifpro (2017), fazem com que mais de 90% das jogadoras afirmem refletir sobre deixar o futebol precocemente, em função, por exemplo, de razões financeiras e da própria carreira. Essas razões podem se traduzir na média salarial mundial por elas recebida - para as que recebem, uma vez que 50% das jogadoras não têm qualquer salário - , que fica em torno dos US\$ 600 dólares mensais, ou menos do que isso, para quase dois terços das que têm salário (FIFPRO, 2017). Ainda, pouco mais da metade tinha contrato com os clubes, cuja duração média é de um ano, ilustrando a instabilidade do que seja desenvolver uma carreira no futebol e a precariedade, em termos globais, do cenário da profissionalização,.

Construir uma família também está entre as razões pelas quais as mulheres consideram deixar o jogo. Quase 50% das jogadoras afirmam que deixariam o futebol, uma vez que a falta de apoio por meio de políticas parentais é uma realidade em seu futebol (FIFPRO, 2017). Este dado é ilustrado pelo fato de que mais de 60% daquelas que têm filhos não recebem nenhum apoio em favor dos filhos (FIFPRO, 2017). Além disso, a maternidade também não deve ser um problema, como recomendado pela Fifpro (2017). A associação afirma que, além de apoio e proteção, as jogadoras devem usufruir de condições de treinamento que possam oportunizar o seu retorno, em condições plenas de desempenho, após o parto (FIFPRO, 2017).

Por essa via, podemos conferir que o crescimento da modalidade não é acompanhado de uma melhora substancial das condições de trabalho das que investem em uma carreira de futebol, nem na organização e padronização do funcionamento desse mercado de trabalho do futebol (FIFPRO, 2020). Isso fica ainda mais claro quando pensamos na profissionalização. No futebol de mulheres, há três tipos de dedicação à modalidade: amadora, semiprofissional e profissional (WILLIAMS, 2006). Embora a Fifa não reconheça formalmente esses *status*, a partir dos dados divulgados pela Fifpro (2017), é possível observar que é de menos de 25% o número que representa as jogadoras que se identificam com o *status* profissional. Ou seja, mais de 75% das mulheres que se dedicam ao futebol ao redor do mundo não usufruem de alguma estabilidade para dedicar a vida a esse esporte.

Este dado reflete uma face de precarização do desenvolvimento da carreira no futebol de mulheres. Assim, ao observar que 43,8% das jogadoras se identificam como amadoras (FIFPro, 2017), também podemos apontar que mais da metade daquelas que não são profissionais não têm nenhum vínculo empregatício ou contratual, além de direitos trabalhistas e de proteção como fruto de sua dedicação ao futebol. Isso pode atingir diretamente a longevidade da carreira que, segundo a associação, independente do status percebido pelas jogadoras, são igualmente cobradas em desempenho pelos clubes (FIFPRO, 2017).

A situação se agrava quando a Fifpro (2017) usa os termos da Fifa sobre ser profissional, para que as jogadoras se reconheçam em seu *status*. Apenas 18% do total se encontra no espectro profissional quando é adotada a definição de que é necessário ter um contrato escrito e conseguir suprir todas as próprias despesas com o que é recebido do futebol (FIFPRO, 2017). Portanto, há de se perceber que grande parte das jogadoras se encontra na fronteira entre o amadorismo e o profissionalismo. Deste modo, ao se perceber uma certa predominância de identificação entre as mulheres com o termo semiprofissional, que não é usado pela Fifa, a Fifpro (2017) se vale dessa categoria para identificar de fato onde grande parte das jogadoras se localiza.

O semiprofissionalismo corresponde a um *status* indefinido de emprego, uma vez que há sobreposição do profissionalismo sobre o amadorismo. Dessa forma, não há nenhuma padronização sobre a existência ou inexistência de contratos, pagamentos e segurança. A grande maioria das jogadoras está concentrada entre amadoras e semiprofissionais, enquanto apenas uma pequena parcela se reconhece como profissional no futebol (FIFPro, 2017). A associação indica o semiprofissionalismo como um campo de incertezas e de sobreposições entre amadorismo e profissionalismo. Nesta esfera, localizam-se 32,% das jogadoras, que sofrem com a problemática de que muitas se qualificariam como profissionais, a partir do que é estabelecido pela Fifa, mas não ganham a vida com o futebol, enquanto outras, que se reconhecem amadoras, usufruem de condições profissionais (FIFPro, 2017). Esse cruzamento de fronteiras acontece principalmente porque em ambos os extremos do espectro, o que de fato se tem é insegurança, falta de direitos, como licença, tratamentos e estabilidade.

Outros tipos de vínculos entre clubes e atletas, como o oferecimento de bolsas de estudo, são estabelecidos e alimentam, cada vez mais, o borro dessa fronteira. Esses tipos de auxílios oferecidos pelo clube como maneira de construir um vínculo com as jogadoras (não-salarial), as coloca em um processo de conciliação da carreira esportiva com uma segunda carreira (acadêmica/vocacional). Esse processo é descrito, por Ryba e colaboradores, (2014) como dupla carreira esportiva. A Fifpro (2017) registra que 46% das jogadoras conciliam esporte e

estudos, enquanto 30% combinam carreira esportiva com trabalho. Estes números refletem a não-estruturação de clubes, campeonatos e regulamentações que, repetidamente, obrigam as mulheres que desejam desenvolver uma carreira no futebol o façam em um contexto de dupla carreira esportiva, para terem com que sobreviver de sonhar com um futuro profissional, já que o esporte não é promissor para tal.

Embora a situação de precariedade e de instabilidade da carreira também afete o futebol de homens (CULVIN, 2021), no caso das mulheres há ainda mais inseguranças, como questões de violência e assédio, ausência de direitos vinculados à maternidade e o enfrentamento cotidiano aos estereótipos de gênero, que ocasionam discriminações das mais diversas (FIFPRO, 2017). Como consequência, as mulheres, mais vezes do que os homens, preferem a condição de dupla carreira, justamente pela falta de vínculo e perspectivas de profissionalização, o que lhe permite que uma outra carreira vai lhe ofereça a possibilidade de um segundo plano, caso o futuro na modalidade não funcione. Mesmo que ambos os gêneros tenham experiências parecidas, ao se considerar o período de estabelecimento da dupla carreira, os desafios para as mulheres apresentam mais particularidades se comparados aos de seus pares homens. Essas particularidades podem culminar não somente em novas barreiras para a carreira esportiva, como também em um processo de direcionamento à dedicação exclusiva a uma carreira em detrimento da outra (HARRISON *et al.*, 2020). Culvin (2021) caracteriza esses passos como traços de precariedade, que interferem diretamente nas carreiras das jogadoras. Para a autora, a dupla carreira aumenta a dificuldade em relação à profissionalização, porque limita a quantidade extra que as jogadoras podem receber (CULVIN, 2021), além de restringir o trabalho em tempo livre (BRANDT-HANSEN; OTTESEN, 2019). Isso cria uma dependência da bolsa e constitui um caminho que as afasta do futebol que cede à dedicação pela educação, uma vez que, concluídos os estudos, a carreira esportiva passa a não ser sustentável. Grygowicz e colaboradores (2017) mostram que, além disso, o valor de bolsas de estudos recebido não era suficiente para que mulheres jogadoras se sustentarem (BRANDT-HANSEN; OTTESEN, 2019). Uma vez que a renda recebida dos esportes ou com bolsa não é suficiente, as mulheres precisam de mais uma jornada para conseguir arcar com os custos de vida (HARRISON *et al.*, 2020; ANDERSSON; BAKER-RUCHTI, 2018). De acordo com Harrison e colaboradores (2020), essa necessidade toma o lugar do sonho de jogar futebol integralmente. Isso porque o estabelecimento de uma dupla carreira, que concilie esporte com trabalho, exige da atleta, eventualmente, uma transição de volta para o nível amador (HARRISON *et al.*, 2020).

Outro aspecto destacado por Culvin (2021), que afeta a profissionalização do futebol de mulheres, é a vigilância dentro da carreira esportiva dessas jogadoras. O fato de o seu futebol se erguer à margem da mídia *mainstream* e do futebol de homens faz com que ele dependa da veiculação da imagem das jogadoras para se sustentar. Como consequência, elas adquirem o hábito de preservação da forma, o que Culvin (2021) denominou de ‘aparência atlética’, exigindo uma vigilância constante de seus comportamentos. Essa vigilância, embora prevalentemente individual, também é social, como se as pessoas estivessem atentas e em busca de falhas em cada uma delas no processo de serem profissionais e de preservarem esse *status*. Isto exige um comportamento que condiz com as percepções públicas do que seja ser uma jogadora de futebol. Um controle que não afeta somente os campos e os locais de desenvolvimento do esporte, mas todos os âmbitos da vida das jogadoras. Neste sentido, para sustentarem a visibilidade do futebol de mulheres – fulcral para a profissionalização -, elas se submetem a esses sistemas de vigilância constante que se capilarizam em todas as esferas da vida.

A consequência nefasta é que, mesmo inseridas em um sistema predominantemente precário de desenvolvimento de carreira esportiva, delas se esperado um determinado tipo de comportamento cordial, que isenta o clube de críticas e com pouca requisição por melhorias no sentido de que a não incorporação desse comportamento possa significar tensões dentro do clube e com as companheiras de equipe (CULVIN, 2021). Ainda, de forma geral, as jogadoras só aceitam a precariedade porque parece ser a única maneira de jogar futebol profissional, e, ainda assim e curiosamente, espera, em troca, um sentimento de gratidão.

A autora destaca, todavia, que não se trata de responsabilizar as mulheres por quaisquer que sejam as condições de profissionalização em que estão inseridas. Pelo contrário, seu futebol sofre uma precarização estrutural, que é renovada, reiterada e reforçada pelas instituições que regem a modalidade. A Fifpro (2020) tem mostrado como a falta de regulamentação dessa indústria futebolística pode ser mais um fator limitante para o desenvolvimento do futebol de mulheres. A associação tem registrado que, apesar do crescimento, ainda faltam condições de trabalho e planos de carreira viáveis em várias regiões, fato ilustrado pela falta de normas trabalhistas globais em que as atletas possam se apoiar. Assim, padrões globais para o desenvolvimento da carreira esportiva no futebol de mulheres precisam ser estabelecidos, garantindo empregos estáveis e seguros, criando ambientes apropriados de competição e treinamento, a fim de promover não só o crescimento da indústria, como também o desenvolvimento sustentável do jogo (FIFPRO, 2020).

A internacionalização do futebol é um agravante, neste caso, em especial pelas discrepâncias nas condições de desenvolvimento de uma carreira no futebol de mulheres ao redor do mundo e pela ausência de uma padronização das condições de trabalho. A implementação do *Transfer Matching System* (TMS), oficialmente, em 2018, para o monitoramento das movimentações internacionais de transferências de mulheres, se configura como uma das ações para o desenvolvimento do futebol de mulheres ao redor do mundo. No entanto, é destacado pela Fifpro (2020) que essa ação recente supõe uma necessidade ainda mais urgente da proteção de direitos daquelas que trabalham com o futebol.

Portanto, o trabalho das organizações e governanças do futebol se faz fundamental para que, combinado ao crescimento econômico, o pleno potencial de cada atleta em suas carreiras seja desenvolvido e seus direitos e sua integridade sejam garantidos (FIFPRO, 2020).

Por isso, a Fifpro (2020) afirma que é através de ações que consolidem uma base para a profissionalização no futebol de mulheres, constituída essencialmente pelas condições de trabalho, que contribuirá para o desenvolvimento do jogo acompanhado e o crescimento da indústria.

#### **4.2. Saltos e tropeços da profissionalização do futebol de mulheres no Brasil**

Goellner e Kessler (2018) apontam que as restrições no processo de profissionalização das jogadoras de futebol sofrem forte influência do período em que as práticas competitivas estavam proibidas. Proibido de 1941 a 1979, regulamentado a partir de 1983, para mulheres, o futebol no Brasil, de acordo com Souza Junior (2013), raramente se configurava em uma possibilidade de desenvolvimento de carreira profissional no início do século XXI. Mesmo com a existência de uma legislação que tornava o futebol uma atividade profissional, sem distinção de gênero (SOUZA JUNIOR, 2013), as jogadoras brasileiras se encontram na fronteira entre o amadorismo e o profissionalismo.

O contexto descrito por Osmar Souza Junior remete ao início da segunda década do século XXI, momento em que os departamentos femininos dos clubes começaram a se reestruturar. Foi, igualmente, momento de marcos importantes para as competições, como a primeira versão da Copa Libertadores da América, em 2009. Foi nessa época que a equipe do Santos F.C. retomou suas atividades e apresentou a contratação temporária da jogadora Marta, até então eleita quatro vezes a melhor do mundo. Contrastava com esse cenário o fato de que a possibilidade de viver do futebol ainda era remota para a maioria das jogadoras

Mas isso não passou de uma onda fugaz. Em 2012, a equipe com maior visibilidade e condições para que as atletas pudessem desenvolver uma carreira esportiva, o Santos, anunciou a extinção do departamento de futebol de mulheres (SOUZA JUNIOR, 2013). O clube justificou essa extinção em base à falta de patrocínio, insistindo não ser rentável manter esse departamento. O episódio mostra como era frágil a iniciativa de erguer o futebol de mulheres no País. Apenas em 2013, com incentivo do governo federal é que as competições nacionais começaram a se estruturar no País, de forma mais perene. Nas primeiras edições, no entanto, pouco participavam clubes tradicionais de futebol masculino. De certa forma, esse cenário produziu um desenvolvimento particular da modalidade, que só veio a alterar seus rumos no final da década, quando da aprovação do novo regulamento de licenciamento de clubes da Conmebol.

Isso configurou um cenário de quase meia década sem grandes clubes atuando no futebol de mulheres. Apenas em 2015 assistimos a uma nova tentativa de criação de equipe de mulheres dentro do próprio Santos, a partir de uma promessa do então recém-eleito presidente, Modesto Roma Jr. Em 2016, a equipe do Corinthians começa a estruturar um departamento em parceria com a equipe do Audax. Esse processo de organização de equipes femininas dentro dos clubes tradicionais se aprofunda, no entanto, apenas após 2019, o que, por sua vez, sofre o abalo no ano de 2020, com a pandemia da Covid-19. Portanto, praticamente durante toda a segunda década do século XXI, o cenário de precariedade e de ausência de profissionalização descrito por Souza Junior (2013) representava a realidade predominante do futebol de mulheres. Ou seja, apesar das tentativas de estruturação da modalidade, ainda predominava um cenário amador, de poucos campeonatos e sem uma gestão profissional da modalidade, dependente de inserção de verbas públicas e que caminhava à margem do futebol espetacularizado do País.

Aliado a esse processo, em 2016, a Federação Paulista de Futebol (FPF) contratou a ex-jogadora Aline Pellegrino para organizar o departamento e das competições femininas. Com um plano de visibilidade da modalidade e busca de investidores, Aline reorganizou o campeonato e criou categorias de base. Como resultado da confluência desses dois processos, ao final de 2019, o campeonato paulista registrou recorde de espectadores em sua partida final, entre Corinthians e São Paulo, reunindo 28 mil torcedores (FOLHA S. PAULO, 2020).

Apesar disso, esse crescimento não repercutiu em melhores condições e profissionalização para as jogadoras. Um levantamento da Folha de S. Paulo, de 2019, mostrava que dos 52 times que disputavam as diferentes divisões do campeonato brasileiro, apenas 8 continham 100% das atletas com registro profissional. Isso demarcava que apenas 15% dos clubes poderiam ser considerados profissionais no País, a despeito de a Lei Pelé estabelecer essa obrigatoriedade dentro do futebol, como apontou Souza Junior (2013). Nesse mesmo ano, a juíza Ana Paula Almeida Ferreira, do Rio de Janeiro, obrigou a equipe do Fluminense a reconhecer o vínculo empregatício de uma jogadora, abrindo possibilidades de reversão desse cenário de amadorismo ou semiprofissionalismo que predominava no País.

Em 2020, a CBF colocou como pilar estratégico o desenvolvimento do futebol de mulheres. Com isso, Pia Sundhage assumiu o comando da Seleção Brasileira e Aline Pellegrino assumiu a coordenação de competições da CBF. Inovou, portanto, ao oportunizar espaços para que as mulheres pudessem assumir cargos de liderança. Como resultado, foi possível observar algumas mudanças, como o primeiro torneio nacional feminino a utilizar a tecnologia do árbitro de vídeo e a equiparação salarial entre a seleção masculina e a feminina do Brasil.

Entretanto, esse crescimento não necessariamente se traduziu em desenvolvimento. A entrada de clubes tradicionais do futebol de homens passou a refletir um monopólio por esses times. A discrepância entre as equipes que vinham desenvolvendo um projeto esportivo no futebol de mulheres foi notória. Como resultado, temos os exemplos da segunda rodada do Campeonato Paulista de 2020: o São Paulo Futebol Clube goleou por 29 x 0 o Taboão da Serra, demonstrando toda a fragilidade desse segundo time, apesar da estruturação da modalidade (CHAVES, 2020). O Bahia dispensava suas jogadoras e suspendia suas atividades em 2021, assim que a equipe masculina enfrentou o rebaixamento (GOMES, 2021). O Kindermann, equipe tradicional do futebol de mulheres, com mais de uma década de existência, vice-campeã brasileira, encerrava suas atividades (MANO, 2021).

Para 2022, novas perspectivas se colocaram em cena, com o anúncio de que a CBF estimularia todas as atletas da série A1 do Brasileirão feminino a tirarem a carteira assinada (BRASIL DE FATO, 2020). Além disso, a CBF divulgou a campanha por competições regionais, que não aconteceram, para estruturar um calendário para as equipes se dedicarem ao longo do ano. No entanto, neste ano, como fruto dessa onda de crescimento e visibilidade, as finais do Campeonato Brasileiro apresentaram recordes de público presente no estádio. O Corinthians reuniu 41 mil presentes na última partida do campeonato, promovendo o recorde de público em uma partida do continente sul-americano. Além disso, também assistimos a recordes de premiação às equipes campeãs. Ainda assim, as competições femininas e masculinas estão bem distantes de obterem a mesma premiação (ASSESSORIA CBF, 2022).

A despeito de todos esses avanços, continuam as restrições no processo de profissionalização para grande parte das atletas. Dificuldades, muitas vezes, decorrentes da falta de estrutura nos clubes, dentro dos quais as mulheres não recebem nem mesmo o tratamento de lesões (BALARDIN *et al.*, 2018). Ainda hoje, a maior parte dos clubes não dispõe de vínculo empregatício com as atletas e encontra no Estado, por meio da concessão de bolsas, um apoiador, além das instituições privadas universitárias, com a instituição de bolsas de estudos (ALMEIDA, 2018).

As bolsas são um tipo de auxílio oferecido pelo clube como maneira de construir um vínculo não salarial ou contratual com as jogadoras. Esse vínculo as coloca em um processo de conciliação de dupla carreira. Esse processo reflete a não profissionalização dos clubes e dos campeonatos, a ausência de uma regulamentação específica que nivele as equipes ou que contribua para que a dupla carreira possa ser estruturada. Como resultado, obrigam as mulheres que desejam desempenhar uma carreira no futebol a se conformar com essa única opção, em especial nos contextos semiprofissionais ou amadores.

Esse contexto de dupla carreira esportiva é ainda presente. Pereira (2022) destaca que o oferecimento de bolsas é uma forma de atrair as jogadoras para um clube, mas o apoio à conciliação, praticamente inexistente. Como exemplo, o autor menciona um clube de faculdade que oferecia bolsas de estudos mas para instituições distantes dos locais de treinamento. Daí tornar-se a dupla carreira praticamente inviável para a maior parte das atletas. Ou seja, mesmo atraídas pela bolsa, a maioria das jogadoras pararam de estudar devido às dificuldades de conciliação com os treinos (PEREIRA, 2022). Mesmo assim, a possibilidade de estudar era o que sustentava o vínculo com o clube.

Neste sentido, podemos afirmar que as consequências do período de proibição não só afetaram o desenvolvimento da própria modalidade, como também as possibilidades de investimento em uma carreira esportiva no futebol. Por isso, a dedicação a uma carreira esportiva de mulheres na área ser um fenômeno novo e contemporâneo. É novo, porque as medidas organizacionais tomadas pelos principais órgãos regulamentadores da modalidade no País e no mundo, bem como o interesse comercial no esporte, são recentes (BARREIRA, 2021). Do mesmo modo, é contemporâneo porque ressignifica os estigmas sociais já vividos e os reproduzem, dada a contemporaneidade na qual estamos inseridos. Assim, a profissionalização do futebol de mulheres tem facetas e desafios próprios que precisam ser enfrentados em nosso país.

\*\*\*

No próximo capítulo, trataremos das carreiras esportivas das jogadoras a partir de dois marcos, consolidados por políticas públicas, que ditaram algumas tendências para a trajetória esportiva – e profissionalização – das mulheres no futebol. Dessa forma, apresentaremos como essas políticas atuaram de forma incisiva na inversão de algumas tendências na última década. Mostramos como os vínculos com os clubes, a dedicação à carreira, a remuneração e a presença de competições se têm alterado neste cenário.

## 5. PROFISSIONALIZE-SE COMO UMA GAROTA? EFEITOS DAS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL DE MULHERES NAS OPORTUNIDADES DA CARREIRA ESPORTIVA NO BRASIL<sup>14</sup>

Neste capítulo, analisaremos a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite no Brasil. Apontaremos para dois marcos que desviam tendências nas oportunidades de carreira: i) em 2013, a organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino; ii) a nova regulamentação da Conmebol, em 2019.

Mostraremos como tais mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol de homens, diminuindo a incidência de clubes de elite propriamente femininos, além de mudanças que inferem diretamente no estabelecimento e desenvolvimento da carreira esportiva na última década.

Em janeiro de 2011, a então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, recebeu a jogadora Marta, que havia sido indicada pela quinta vez ao título de melhor atleta do ano no mundo. Após o encontro, a jogadora afirmou que a presidenta havia prometido maior atenção ao futebol de mulheres no país (PASSARINHO, 20211).

Nesses anos, o futebol de mulheres no Brasil ainda era marcado pela falta de atenção, investimento, reconhecimento, profissionalismo, ausência de ações perenes, o que gerava um quadro de instabilidades de “efeito sanfona”, de retração e crescimento (KESSLER, 2015 p. 58). Essa caracterização criou, em torno do futebol brasileiro de mulheres, “um discurso de ausências”, que destacava suas carências e precariedades, reiterando, na visão de Kessler (2015) uma noção de “falta de futuro”.

O cenário da segunda década do século XXI no Brasil contrasta com o otimismo vivido em termos globais. O futebol, considerado o esporte que mais crescia entre mulheres no mundo nos últimos anos, devido ao aumento do número de jogadoras, impulsionado por diversos fatores, vem fazendo o número de apoiadores da modalidade aumentar potencialmente em nível internacional (JACOBS, 2014). A cobertura da mídia, a transmissão de jogos, a popularização da modalidade, bem como o aumento da frequência e quantidade de público nos estádios é, ao mesmo tempo, demonstração e produto de uma mudança estrutural em como o futebol de mulheres tem sido abordado ao redor do mundo.

---

<sup>14</sup>Esta pesquisa contou com financiamento da Capes e do Programa Academia e Futebol, da Secretaria Nacional de Futebol e Direitos do Torcedor.

Desde 1995, esse futebol ganhou espaço na agenda da Federação Internacional de Futebol (Fifa), quando Joseph Blatter, então presidente da entidade, previu que o futuro do futebol (e da Fifa) seriam femininos (PFISTER, 2006) - futuro esse que só se concretizaria quando a modalidade se tornasse lucrativa para a entidade (KESSLER, 2015). A Copa do Mundo de 2019, finalmente, materializou esse otimismo, atraindo mais de um milhão de espectadores pelo mundo (CULVIN; BOWES, 2023). Esse crescimento não se limitou ao número de espectadores nos principais eventos da modalidade, mas também se refletiu na quantidade de mulheres jogando futebol em nível competitivo, criando para as atletas um significativo espaço para envolvimento e oportunidades de profissionalização (KESSLER, 2015).

Apesar do crescente interesse pelo futebol de mulheres, a profissionalização da modalidade ainda é um desafio. Segundo a Federação Internacional dos Futebolistas Profissionais (FIFPRO, 2017), mais de 90% das jogadoras refletem sobre deixar o futebol precocemente devido a razões financeiras e de instabilidade de carreira. A média de remuneração mundial das jogadoras que recebem salário é de cerca de US\$ 600 por mês, ou menos, para quase dois terços delas (FIFPRO, 2017). Além disso, apenas pouco mais da metade das jogadoras têm contrato com clubes, com duração média de um ano, o que ilustra a instabilidade e a precariedade do cenário global de sua profissionalização. Mesmo com o crescimento, a modalidade ainda precisa de melhorias substanciais nas condições de trabalho e na organização do mercado de trabalho (FIFPRO, 2020).

No futebol de mulheres, existem três tipos de dedicação: amadora, semiprofissional e profissional (WILLIAMS, 2006). No entanto, menos de 25% das jogadoras se consideram profissionais, o que significa que a maioria delas não possui estabilidade financeira no esporte (FIFPRO, 2017). No Brasil, mesmo com o recente investimento na modalidade e a regulamentação da Conmebol (BARREIRA, 2020), o status profissional ainda não é reconhecido para todas as jogadoras da Série A1 do Campeonato Brasileiro (BRASIL DE FATO, 2020).

Além disso, os vínculos entre clubes e atletas e as formas de remuneração também são limitados. A oferta de bolsas de estudo é comum, mas não é suficiente para que as jogadoras vivam exclusivamente do esporte (RYBA et al., 2014).. Isso leva muitas delas a conciliarem o futebol com estudos acadêmicos ou trabalho, conhecido como dupla carreira esportiva. A falta de estrutura dos clubes, competições e regulamentações faz com que as mulheres no futebol tenham que buscar outras atividades para garantir sua sobrevivência ou planejar um futuro profissional, uma vez que o esporte não oferece essa segurança financeira.

Embora a situação de precariedade e de instabilidade da carreira também afete o futebol de homens (CULVIN, 2021), a marginalização da modalidade vem, muitas vezes, de seus organizadores, que o consideram menos importante, e seus patrocinadores, que o consideram menos atrativo e rentável (CULVIN; BOWES, 2023). No caso das mulheres, ainda existem outras inseguranças, como questões de violência e assédio, ausência de direitos vinculados à maternidade e o enfrentamento cotidiano aos estereótipos de gênero, que ocasionam discriminações das mais diversas (FIFPRO, 2017).

Consequentemente, as mulheres tendem a preferir a condição de dupla carreira em maior proporção do que os homens, devido à falta de vínculo e perspectiva de profissionalização. Isso ocorre porque a instabilidade na carreira é atravessada pelas relações de gênero, uma vez que o futebol ainda não é considerado uma oportunidade de carreira sólida e promissora para as mulheres. Entendemos por gênero a forma como significamos culturalmente as diferenças entre ser homem e ser mulher, e como essas diferenças são produzidas e significadas relacionalmente, através de dinâmicas de poder que estruturam hierarquias e desigualdades. Isso também envolve dinâmicas de resistência e transgressão (SCOTT, 1995).

Esse contraste entre o cenário de otimismo de crescimento do futebol de mulheres e os dilemas para o desenvolvimento de condições profissionais para a carreira esportiva, bem como seus atravessamentos de gênero, nos fazem questionar como algumas políticas de desenvolvimento da modalidade têm afetado (de forma direta ou indireta; intencional ou não intencional) as jogadoras que investem em uma carreira no futebol de elite. Buscando compreender como esse cenário se desenvolve no Brasil, analisarei a relação entre as políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres no país e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite da modalidade. Com isso, serão evidenciados os efeitos de políticas, de medidas e regulamentos nas oportunidades de carreira para as mulheres no futebol no País.

O estudo está dividido em cinco seções. Após a primeira seção, apresentamos um balanço da literatura sobre as mudanças e políticas recentes que têm impulsionado seu futebol tanto global quanto nacionalmente, demonstrando a forma pela qual a profissionalização do futebol de mulheres ganhou contornos particulares. Em seguida, na terceira seção, descrevemos o percurso metodológico utilizado na pesquisa. Na quarta seção, apresentamos os resultados obtidos e as interpretações desses dados em diálogo com a literatura recente, para, por fim, esboçarmos nossas conclusões sobre dois marcos que mudam as trajetórias de carreira das atletas: a organização do campeonato brasileiro, a partir de 2013, de forma mais tímida e, a partir de 2019, a nova regulamentação da Conmebol.

### 5.1. As políticas de promoção do futebol de mulheres

No século XXI, entidades promotoras do futebol em âmbito global passaram a dedicar mais atenção às políticas de desenvolvimento das mulheres nesse esporte (CULVIN; BOWES, 2023). Essas políticas foram necessárias para compensar os efeitos dos anos de proibição do futebol para mulheres, que aconteceu ao redor do mundo. As consequências da proibição não se restringiram a limitar a participação das mulheres nessa prática, mas também resultaram na marginalização cultural e econômica da modalidade (WILLIAMS, 2006).

As iniciativas documentadas para desenvolvimento do futebol de mulheres se iniciam em 2004, quando a Fifa colocou a modalidade como um pilar fundamental para o futebol, comprometendo-se a pensar planos para induzir e aumentar as oportunidades para as mulheres no esporte (BARREIRA et al, 2020). Também apresentou, em 2012, ações para que as federações afiliadas organizassem, desenvolvessem e promovessem o futebol de mulheres, em especial com o intuito de prestar aporte financeiro a jogadoras, treinadoras, árbitras e assistentes, além de oportunidades de participar mais ativamente desse tipo de esporte (SOUZA JÚNIOR, 2013). Com isso, seus objetivos consistiam em: aperfeiçoar a infraestrutura do futebol de mulheres nas confederações e federações afiliadas; aumentar o número de mulheres e meninas nas categorias de base, nas escolas e nas equipes, fossem elas amadoras ou profissionais, e criar um calendário coordenado dos jogos das seleções femininas (SOUZA JUNIOR, 2013).

A primeira confederação que se comprometeu a colocar em ação um plano de desenvolvimento da modalidade foi a União das Federações Europeias de Futebol (Uefa), que tem, desde 2010, sistematicamente avaliado o desenvolvimento dos futebol de mulheres e tem traçado planos de desenvolvimento para fomentar, incrementar e contribuir para que haja uma participação mais democrática das mulheres nessa modalidade, seja como atletas, seja como lideranças (BARREIRA et al, 2020).

Em contraposição, apenas em 2016 a Conmebol teve sua atuação mais incisiva no futebol de mulheres. A principal ação da entidade se fez a partir da mudança da *Regra de Licenciamento* dos clubes, que vigorou a partir de 2019, implicando para os clubes sul-americanos manter equipes femininas ativas para disputar as competições continentais no futebol de homens (BARREIRA et al., 2020).

Em âmbito nacional, é interessante salientar algumas iniciativas anteriores à normativa da Conmebol. Após a Copa do Mundo a Fifa de futebol da Alemanha (2011), a ex-jogadora Michael Jackson foi nomeada pelo ministro do Esporte Aldo Rebelo, como coordenadora-geral

de Futebol Feminino na Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Consumidor do Ministério do Esporte (KESSLER, 2015). Em 2012, o então ministro Aldo Rebelo criou um grupo de trabalho, que teve participação de pessoas ligadas ao futebol de mulheres, que buscava construir um diagnóstico e apontar soluções para melhorar o futebol no país (BRAIS, 2012). Ademais, em parceria com a Conmebol, o Ministério apoiou a realização, de 2012 a 2014, de três Copas Libertadores da América de futebol feminino no Brasil: em 2012, em Pernambuco; em 2013, em Foz do Iguaçu-PR; e em 2014, em São José dos Campos, competição iniciada em 2009 (BORGES, 2013). Estas duas últimas edições contaram, cada uma, com um investimento de R\$ 600 mil do Ministério do Esporte.

Outra competição, também organizada pelo Ministério do Esporte, foi o Campeonato Brasileiro Feminino, retomado após 11 anos de interrupção, por meio de um patrocínio de R\$ 10 milhões da Caixa Econômica Federal. Em 2013, o "Brasileirão Feminino CAIXA" foi organizado pela CBF e contou com a participação das 20 melhores equipes do *ranking* nacional de clubes.<sup>15</sup>

As equipes foram divididas em cinco grupos regionalizados, com quatro equipes em cada grupo, o que facilitava o deslocamento para o jogo entre elas. Cada equipe jogou quatro partidas dentro do próprio grupo; as duas melhores equipes de cada grupo avançaram para a próxima fase. Esse formato apresentava a mesma consequência negativa da Copa do Brasil de Futebol feminino, competição existente desde 2007. Na maioria das vezes, as equipes disputam apenas quatro jogos na competição e são eliminadas, não tendo um calendário contínuo ao longo do ano. Isso resulta na dissolução das equipes ou na disputa de campeonatos amadores e outras modalidades, como o futsal (SOUZA JUNIOR, 2013).

Como resultado, até a vigência da nova regulamentação da Conmebol, o cenário do futebol de mulheres no Brasil se configurava pela interiorização dos clubes (ALMEIDA, 2018). Até 2017, os cinco primeiros clubes do *ranking* nacional da CBF eram do interior: São José (São José dos Campos/SP); Vitória da Tabocas (Vitória de Santo Antão/PE); São Francisco (São Francisco do Conde/BA); Foz Cataratas (Foz do Iguaçu/PR) e Ferroviária (Araraquara/SP). O cenário da nova regulamentação da Conmebol mudou esse cenário, com a entrada dos clubes tradicionais do futebol de homens.

Com isso, há uma tendência de parte do futebol de mulheres em se profissionalizar de forma diferente do que aconteceu com o masculino (CULVIN; BOWES, 2023). Ao contrário

---

<sup>15</sup> *Ibid.*

de um processo de popularização, seguido de espetacularização, a profissionalização do futebol de mulheres se deu já buscando a integração com a matriz espetacularizada do futebol (KESSLER, 2015).

A matriz espetacularizada do futebol é aquela que ocorre em estádios, com profissionais remunerados e altamente treinados, com visibilidade local e midiática, direcionado principalmente para consumo dos torcedores (DAMO, 2005). Dadas as particularidades do futebol das mulheres, a integração a essa matriz ocorre de forma problemática, já que, muitas vezes, os jogos acontecem em estádios precários, sem público e, até pouco tempo atrás, sem torcida ou cobertura midiática (KESSLER, 2015).

Como resultado, temos uma situação paradoxal. Por um lado, a profissionalização do futebol de mulheres, fruto das pressões políticas dos movimentos feministas por igualdade em todos os campos sociais, que adentram também a esfera esportiva. Por outro, sua legitimação restringida pelos discursos e interpelações de gênero que marginalizaram a prática por décadas (CULVIN; BOWES, 2023). Observar as consequências particulares desse paradoxo para o processo de profissionalização da carreira das atletas no futebol brasileiro é o nosso objeto a seguir.

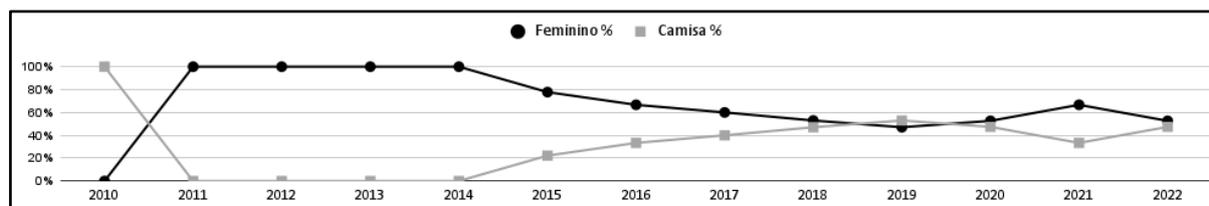
## **5.2. Profissionalização da carreira esportiva no futebol de mulheres no Brasil**

Para observar os efeitos das mudanças nas políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres na carreira de atleta, buscamos sistematizar indicadores que informassem o impacto nas seguintes variáveis: condições estruturais dos clubes; condições de trabalho na modalidade e condições esportivas para o desenvolvimento na modalidade.

Como indicadores das condições estruturais dos clubes que estariam à disposição dessas atletas para a dedicação ao treinamento, utilizamos como indicador a atuação em um clube tradicional do futebol brasileiro. No futebol de mulheres, esses clubes são chamados de "clubes de camisa". Eles indicariam melhores condições em termos de dedicação ao treinamento, ainda que não necessariamente, uma vez que existem há muitas décadas, possuem patrimônios físicos e clubes sociais à disposição, além de já estarem integrados à matriz espetacularizada, participando, portanto, de competições, tendo acesso a patrocínios e possuindo torcidas organizadas e vínculos afetivos com torcedores (KESSLER, 2015). Por essa razão, a equipe de mulheres desses clubes herdaria algumas dessas condições. Por outro lado, a atuação em equipes específicas do futebol de mulheres teria uma menor estrutura física e financeira à disposição, já que estas, em sua maioria, foram fundadas no século XXI e dependem de

subsídios das prefeituras para continuar com seus projetos, tendo, como consequência, dificuldade em manter-se ao longo do tempo (KESSLER, 2015). Como exemplo desse aspecto, Kessler (2015) informa que, na edição de 2013 do Campeonato Brasileiro, por ter trocado os nomes, nenhuma equipe gaúcha participou da competição, uma vez que a classificação teve como base o *ranking* das edições anteriores da Copa do Brasil.

Gráfico 1. Participação das atletas em clubes “de camisa” ou equipes específicas de mulheres



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico 1 ilustra a presença das atletas nesses diferentes tipos de equipe. Na edição do Campeonato Brasileiro de 2013, que contemplava apenas equipes classificadas no *Ranking* Nacional de Clubes, as atletas atuavam, basicamente, nas equipes tradicionais femininas. Em 2014, em vez de selecionar as 20 melhores equipes do *ranking* de clubes da CBF referente a 2013, foram selecionadas as 8 equipes do *ranking* mais a campeã da Copa do Brasil de 2014. Já as outras 11 equipes que foram convidadas eram as melhores equipes do Brasileirão Masculino de 2013. Dessas, 8 equipes aderiram; as demais vagas foram preenchidas por seus sucessores (KESSLER, 2015). Essa mudança produziu efeitos, aumentando a proporção das atletas que já estavam presentes nas equipes femininas dos clubes de camisa do futebol de homens. No entanto, esse efeito ainda não incluía a maioria das atletas em razão de, muitas vezes, tais equipes serem fruto de parcerias com projetos que já existiam, o que fazia com que sua interrupção ocorresse em anos seguintes - por exemplo, a parceria entre o Corinthians e a equipe do Audax, que se findou assim que a Conmebol mudou seu regulamento e as alvinegras decidiram ter um plantel próprio (BARLEM, 2017).

Esse formato do campeonato de 2014, como meio de impulsionar os clubes de camisa a terem equipes femininas, foi visto, à época, com bastante ceticismo (KESSLER, 2015). Tal desconfiança é confirmada pela não prevalência de vínculo das atletas entrevistadas com esses clubes, conforme registrado no gráfico 1. Embora medidas como a lei do Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut), que vinculava a renegociação de dívidas dos clubes com o estado à existência de departamentos femininos, também pudesse contribuir para a criação dessas equipes femininas dentro das

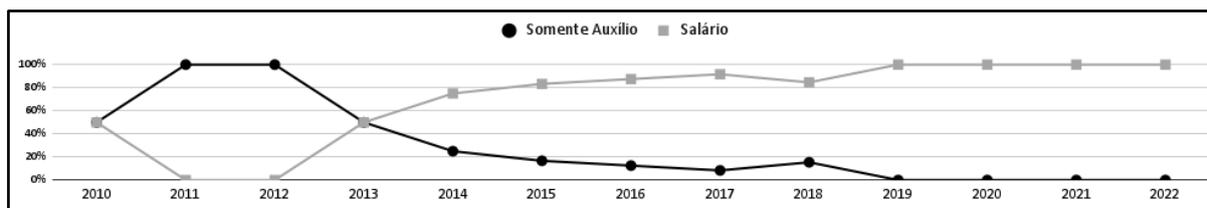
tradicionais, ponto de inversão no gráfico que ocorre apenas em 2018, às vésperas de tal aspecto se tornar obrigatório pela Conmebol.

A profissionalização do futebol de mulheres tem sido, em parte, ancorada no futebol de homens. Embora esse relacionamento tenha contribuído para o rápido crescimento e o reconhecimento da modalidade das mulheres, esse vínculo, atualmente, também gera contrapartidas para o clube como um todo. O Corinthians é um exemplo, pois seu lema #respeitaasminas não se limita ao plantel das mulheres. Esse lema articula as políticas de desenvolvimento da modalidade com uma perspectiva feminista plural e descentralizada, que visa discutir a igualdade em diversas áreas sociais (ALVAREZ, 2014).

Por um lado, a entrada do campo discursivo feminista no futebol e nos clubes tradicionais de homens é um desenvolvimento interessante. Afinal, o futebol é um campo extremamente generificado, que produz e reproduz uma densidade de representações de masculinidade, tornando-se resistente à entrada das mulheres, especialmente em cargos de liderança e de tomada de decisão (BRYAN; POPE, RANKIN-WRIGHT, 2021). Por outro lado, embora os discursos feministas estejam cada vez mais presentes no futebol, a dependência das equipes de mulheres em relação aos clubes tradicionais de homens pode perpetuar hierarquias e dificultar a sustentabilidade dessas equipes. Um exemplo disso são os clubes brasileiros que, quando sofrem rebaixamento nas competições masculinas, acabam por desfazer as equipes femininas (GOMES, 2021).

Em segundo lugar, para verificar a forma pela qual as mudanças produziram efeitos concretos sobre as condições de profissionalização da carreira no futebol de mulheres, observamos indicadores de remuneração, de dedicação exclusiva ao esporte e da existência de contratos. A presença de remunerações diversas, além do salário ou até mesmo substituindo salário, era condição prevalente no futebol de mulheres no início da segunda década do século XXI e caracterizava uma relação disfarçada de emprego (SOUZA JÚNIOR, 2013). De alguma forma, é depois do Campeonato Brasileiro em 2013 que a presença de remuneração em forma de salário ultrapassa as remunerações de auxílio, como é possível visualizar no gráfico 2. Além disso, em 2019, 100% das atletas já recebiam remuneração salarial para se dedicar ao futebol, embora esse dado por si só não ateste a dedicação exclusiva ao esporte ou a presença da profissionalização.

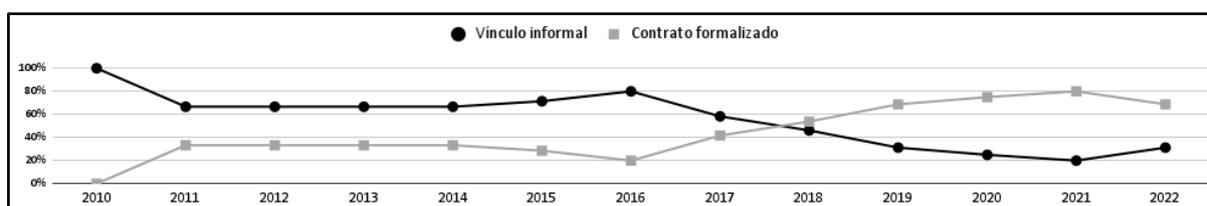
Gráfico 2. Forma de remuneração das atletas, por ano



Fonte: Elaboração própria.

A questão do vínculo das atletas com o clube também é um dos indicadores da instabilidade na dedicação à carreira esportiva no futebol, embora não seja um impeditivo para a sua profissionalização. Dados da Fifpro (2017) demonstram que mais da metade das atletas entrevistadas pelo mundo não têm nenhum vínculo empregatício ou contratual com o clube, além de não dispor de direitos trabalhistas. Isso pode afetar diretamente a longevidade da carreira que, segundo a associação, independente do *status* das jogadoras, elas são igualmente cobradas pelo desempenho nos clubes (FIFPRO, 2017). A partir da internacionalização do mercado de “pés- de-obra” no futebol de mulheres, desde a entrada das mulheres no *Transfer Matching System* (TMS) da Fifa, em 2018, que prevê o monitoramento das movimentações internacionais de transferências de mulheres, ficam patentes a formalização dos vínculos entre atletas e clubes, a regulamentação do trabalho e a proteção de direitos daquelas que trabalham com o futebol. No caso brasileiro, esse cenário se completa com a nova regulamentação da Conmebol e a entrada dos “clubes de camisa”, de modo que a existência de contrato empregatício formal começa a se inverter após 2018, numa proporção, todavia, menos acelerada que a presença de salários, como é possível visualizar no gráfico 3.

Gráfico 3. Tipo de vínculo das atletas com os clubes

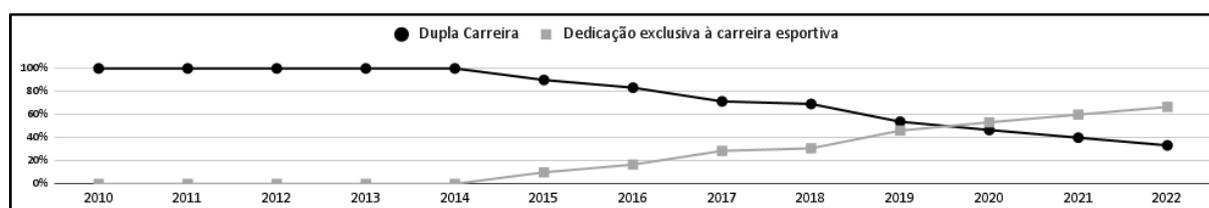


Fonte: Elaboração própria.

O *status* de profissional, portanto, no futebol, foi, ao longo da última década, um *ethos* mais do que um contrato formalizado (KESSLER, 2015). No entanto, ter uma remuneração salarial que permita à atleta dedicar-se ao esporte é condição necessária para que ela saia da condição de amadora, embora não seja suficiente para torná-la profissional. Para considerá-la profissional, a despeito de contrato, seria necessário, ao menos, que tivesse a possibilidade de

se dedicar exclusivamente ao esporte (CULVIN; BOWES, 2023). Para verificar essa situação, observamos os dados agregados de dupla carreira na linha do tempo das atletas. A condição da dupla carreira, isto é, dedicação combinada ao esporte e aos estudos ou ao trabalho caracterizava a dedicação da maioria das atletas até 2019, como visualizamos no gráfico 4. Apenas após 2019, a proporção de atletas em situação de dupla carreira começa a cair, embora, em 2022, ainda não tenha desaparecido.

Gráfico 4. Presença da *dupla carreira* entre as atletas



Fonte: Elaboração própria.

A conciliação com a dupla carreira pode afetar a dedicação profissional da modalidade por limitar a quantidade extra que as jogadoras podem receber (CULVIN, 2021), além de restringir o trabalho em tempo livre (BRANDT-HANSEN; OTTESEN, 2019). Se, por um lado, a dupla carreira acadêmica pode contribuir para minimizar a dificuldade de reconversão após o final da breve carreira esportiva (DAMO, 2005), ela também pode criar uma dependência da bolsa de estudos para a atleta e tornar-se um caminho que a afasta do futebol pela dedicação à educação, uma vez que, findos os estudos, a carreira esportiva passa a não se sustentar. Essa situação, por exemplo, estava presente no futsal de mulheres paulistas, cujas atletas, em sua maioria, cursavam ensino superior enquanto recebiam a bolsa de estudos dos clubes e abandonavam o esporte após o término da faculdade (SOUZA; MARTINS, 2018).

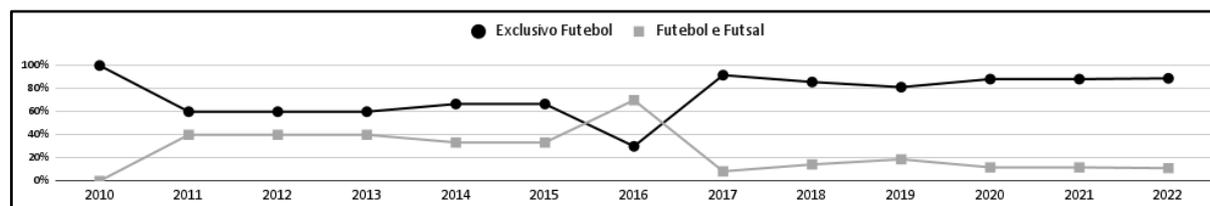
Além disso, Grygowicz e colaboradores (2017) dizem que o valor recebido de bolsas de estudos não era suficiente para as mulheres jogadoras se sustentarem, de modo que outro emprego ou auxílio era necessário para que pudessem arcar com seus custos de vida (ANDERSSON et al., 2019). De acordo com Harrison e colaboradores (2020) essa necessidade toma lugar do sonho de jogar futebol integralmente. Isso porque o estabelecimento de uma dupla carreira, que concilia esporte com o trabalho, exige da atleta, eventualmente, fazer uma transição de volta para o nível amador (HARRISON et al., 2020). Ou seja, no caso analisado, as dificuldades para a conciliação da dupla carreira parecem ter sido enfatizadas na medida em que o futebol de mulheres vai ordenando seu calendário competitivo ao longo do

ano, demandando das atletas viagens para competir e se dedicar com mais afinco aos treinamentos do esporte.

Observando os três indicadores de condição de dedicação profissional ao esporte, notamos que os anos de 2018 e 2019 são marcos na inversão da tendência. Dos três, a remuneração em forma de salário foi o que mais se acentuou, enquanto que contratos e a dupla carreira ainda estão em processo de mudança. Isso indica alguns desafios para a integração do futebol de mulheres ao mercado de “pés-de-obra”, isto é, à circulação da mão de obra específica do futebol que, além de força de trabalho, também é fonte de renda para os clubes, em especial no processo de produção de futebolistas (DAMO, 2005 p.15).

Por fim, o desenvolvimento da performance esportiva das atletas depende de um conjunto de elementos, dentre os quais as tecnologias de preparação/treinamento para os jogos, ajustadas a partir das demandas do clube (DAMO, 2005 p.14). Para verificar o tipo de treinamento a que as atletas são submetidas, utilizamos como indicador de profissionalização a dedicação exclusiva a competições de futebol. Isso porque era comum no início do século XXI a combinação dos treinamentos e das competições de futebol e futsal em nível adulto para as jogadoras. No caso do futsal paulista, por exemplo, Souza e Martins (2018, p.35) informam que 21% das atletas se dedicavam às duas modalidades, o que podia "significar para os clubes uma economia em relação à contratação, ao salário e aos benefícios concedidos às jogadoras, pois não precisavam contratar atletas para as duas modalidades".

Gráfico 5. Participação em competições exclusivas de futebol de campo



Fonte: Elaboração própria.

No que se refere a esse indicador, o gráfico 5 demonstra que a demanda por uma dedicação exclusiva das atletas ao futebol de campo já se apresentava em 2013, a partir da organização do Campeonato Brasileiro de Futebol, mas foi apenas em 2017 que as tendências se inverteram e que a combinação de dedicação ao futsal se tornaram praticamente nulas. As consequências dessa combinação podem ser perversas, segundo Souza e Martins (2018), uma vez que as demandas fisiológicas e as competências tático-técnicas distintas entre as duas modalidades podem impedir a jogadora de atingir a excelência num dos esportes.

\*\*\*

No capítulo seguinte, trataremos dos desdobramentos da profissionalização na carreira esportiva no futebol de mulheres no Brasil. Elucidaremos, dessa forma, as maneiras como as jogadoras têm acessado a modalidade esportiva e os meios que as permitem permanecer. Além disso, trataremos das mudanças recentes no futebol de mulheres, destacando como a profissionalização das jogadoras têm se desenvolvido nesse contexto.

## 6. A PROFISSIONALIZAÇÃO VIVIDA NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

A profissionalização das carreiras no futebol de mulheres é um processo recente, ligado a regulamentações, normativas e ações de organizações que regem o futebol em âmbito global. Analisá-las nesse contexto torna-se relevante. Somado a essa estratégia, ouvir as atletas se faz fundamental para compreender como o processo de profissionalização está sendo vivido. Assim, este capítulo tem o objetivo de elucidar as trajetórias das jogadoras que constituem o futebol de mulheres no Brasil e que estão desenvolvendo a carreira nesse contexto de mudança.

### 6.1. A trajetória para ascender à elite do futebol brasileiro de mulheres

A existência de campeonatos nacionais no futebol de mulheres é uma realidade relativamente recente. O campeonato brasileiro, como já enunciamos, é datado de 2013, de modo que, se a categoria elite ainda é recente no país, as categorias de formação, como resultado, começaram a se estruturar apenas após a indução da regulamentação da CONMEBOL que entrou em vigor a partir de 2019 (BARREIRA et al., 2021). Nesse sentido, as jogadoras que hoje atuam nos principais clubes e campeonatos do país, via de regra, passaram por um processo de formação de base não diretamente vinculado a clubes e campeonatos de futebol de campo. Por essa via, a formação das atletas da elite do futebol brasileiro, bem como o seu acesso às equipes seniores, se estabelece de uma forma diferente do futebol de homens.

O futsal, nesse contexto, cumpre um papel fundamental nas trajetórias individuais das atletas, não apenas no processo de iniciação, mas também ao longo dos anos de investimento e desenvolvimento de base. Mais do que uma intenção de usar o futsal como esporte formador para o futebol de campo, o que ocorre é que a ausência de campeonatos e clubes de campo torna mais favorável a iniciação por meio das quadras, que demandam uma estrutura e uma equipe menor e mais acessível.

Sim, uma única base, assim foi no futsal né, desde pequena eu jogava. Então sempre tive contato com o futsal. Agora no campo eu nunca tive. (Tereza, Sudeste).

É que eu nunca tive contato com o campo, né? Nunca. Sempre futsal, futsal, futsal, futsal. (Tereza, Sudeste).

Como resultado, o futsal é a modalidade central para a maioria e a chegada no futebol torna-se um acaso. No início de suas trajetórias esportivas, ele aparece nas escolas e nas aulas de educação física, sendo este um primeiro contato com o esporte formal. Os campeonatos

escolares são, dessa forma, as primeiras oportunidades de experiências competitivas para as jogadoras no início de sua formação, de alguma forma, corroborando para cenários anteriormente descritos que sinalizam para a inexistência de espaços de treino sistematizados até a adolescência das meninas (SOUZA; MARTINS, 2018; SANTANA; REIS, 2003).

A entrada nas escolinhas ou nos clubes de futebol surge mais tarde, mas não necessariamente como um ambiente formativo, uma vez que a maioria não aponta essa ser uma experiência no esporte de base. Apesar de também oferecer o contato com competições e com o esporte formal, não é um espaço preocupado, via de regra, com a formação de jogadoras especificamente. É possível inferir essa conclusão uma vez que aquelas que se encontram nesse tipo de ambiente costumam fazer parte de turmas mistas com grande maioria de meninos - muitas vezes há apenas uma menina, que já possuía experiência anterior, e por conseguinte, uma habilidade bem desenvolvida na modalidade, o que facilitou sua integração nesses espaços (HILLS et al., 2021).

Ou seja, a observação da trajetória de formação das atletas evidencia uma não estruturação dos caminhos formativos que podem ter diversas consequências. Em primeiro lugar, muitas vezes, se faz necessário o estabelecimento de uma rede de segurança, composta por outros agentes, geralmente homens, que validem constantemente a presença da menina em um espaço repleto de meninos. Isso se faz necessário pois, em alguns casos, sem essa validação, as meninas não conseguem sequer estar presente naqueles lugares. Em segundo lugar, ao participar de equipes que disputam competições, muitas vezes, organizadas, principal ou unicamente, para meninos, a participação delas pode se tornar difícil ou impossibilitada. É comum a notícia de meninas que, mesmo treinando com os meninos, foram impedidas de disputar um campeonato. Ou seja, elas perdem a possibilidade de aprender nos eventos competitivos. Em terceiro lugar, a participação como única menina ou minoria, pode gerar um sentimento de solidão que é alimentado pela ausência de “modelos” (*role models*), fator que pode ser decisivo no processo de escolha para dedicação integral à carreira no futebol (RONKAINEN; RYBA; SELÄNNE, 2019).

Mais tarde, o futsal toma um espaço diferente na vida das meninas. Aquelas que, de alguma forma, já praticam o esporte em ambientes informais e outras que decidem dedicar-se ao mesmo, mas não têm vínculo formal com qualquer clube, iniciam sua prática sem colocá-lo como central na vida. Na verdade, é ele que, muitas vezes, abre caminhos para o acesso à educação superior. Por isso, o empenho esportivo, nesse contexto, se desloca da tentativa de estabelecimento de uma carreira esportiva e se centra nos possíveis ganhos e acesso a outras

esferas que antes talvez não fossem permitidos. Além disso, o envolvimento com o futsal também passa pelas oportunidades.

O envolvimento das meninas com o futsal também pode ser explicado pela existência de campeonatos estruturados em alguns estados do Brasil. Em especial no sul do país, onde o esporte tem muita tradição. Nessas localidades há uma estruturação maior dos campeonatos de base de futsal, fazendo com que, de alguma forma, as meninas reconheçam nesse espaço o lugar para sua formação inicial. Em algum momento, elas começam a dividir o tempo de dedicação ao futsal com o futebol, marcando o início da transição entre quadra e campo. É importante apontar que, no momento de transição do futsal para o futebol, as meninas costumam, por um tempo, praticar e competir em ambos, simultaneamente - muitas vezes em categorias diferentes, como ilustra a fala da jogadora, que se dedicava à base no futsal, mas já integrava equipes adultas do futebol de campo:

Era os dois porque no campo não tinha tinha uma categoria sub-dezessete, era sub- vinte e a gente treinava com meninas adultas. No futsal como tinha várias competições no estado, a gente jogava sub-dezessete, sub- vinte e sub- dezoito. Mas no campo só adulto mesmo. (Iara, Sudeste)

Assim, parece que o processo de formação, via futsal, e o acesso à categoria principal do futebol acontecem simultaneamente. Nesse sentido, podemos apontar para um processo formativo cujo a passagem por equipes de base (mesmo que fora do futebol) e equipes principais, acontecem ao mesmo tempo, ilustrando a desestruturação da formação para as atletas. Nesse momento de conciliação de modalidades não há um equilíbrio claro de dedicação às duas. Os treinamentos, por exemplo, costumam acontecer em uma só modalidade e, na outra, o time só é reunido e organizado para a disputa de campeonatos. A idade também é uma questão para o envolvimento com uma das duas.

Então, na época a gente tinha que jogar e treinar campo, mas a preferência que eles davam para gente, as mais novas, era os campeonatos de futsal. (Rose, Centro-oeste)

Era bem pesadinho, a gente só não tinha vida. A gente só treinava e estudava, mas eu achava um pouquinho complicado quando a gente chegava perto de, por exemplo, jogava uma competição de campo e às vezes a gente estava muito forte no futsal. Mas a dimensão é muito diferente, o domínio, o passe, tudo é muito diferente. Então às vezes essa parte técnica dava uma confundida e eu acho que atrapalhava um pouco. (Iara, Sudeste)

Quando o futsal é a prioridade, geralmente essas meninas ainda não se dedicam exclusivamente a carreira esportiva, ou sequer pensam no esporte enquanto projeto de vida. Por outro lado, quando o futebol é central no projeto esportivo em que estão inseridas, geralmente elas competem pelo futsal quando existe uma associação entre universidades e clubes. Essa

associação é a que sustenta a dupla carreira das meninas em que, em troca de uma bolsa de estudos, elas compõem o time que representa a instituição nos campeonatos universitários. Ainda, há raras exceções em que as meninas são liberadas pelo clube de futebol para competir por clubes de futsal em campeonatos informais, fora de temporada.

E: Você ainda joga quadra? A: Jogo. Recebo muitos convites para jogar. Agora nas férias eu recebi três para jogar, mas um infelizmente passou do prazo de inscrição, né? [...] Se Deus quiser, se der certo, eu vou lá jogar. E: Você chega a jogar pelo CLUBE no futsal também? L: Geralmente a gente joga só CAMPEONATO ESTADUAL, né? [...]. E: E é tudo bem para o clube você ir jogar para outro, igual você vai jogar para esse agora? L: praticamente, eles liberam, entendeu? [...]. Antigamente prendiam mais. Hoje em dia não, entendeu? E é só avisar, né? Tomar cuidado para não se machucar, entendeu? Mas é bem tranquilo. (Neia, Norte).

O interesse das jogadoras por essa transição entre modalidades é marcado pela necessidade de complementação de renda vinda do esporte, tendo em vista que, de acordo com elas, jogando na campeonatos informais de futsal e recebendo por partida disputada, muitas vezes, é possível ter uma renda maior do que aquela paga em alguns clubes.

Evidentemente, a dedicação a ambos os esportes acontece em um período extenso da carreira. Apesar de muitas jogadoras valorizarem o envolvimento com as quadras, além de preferirem o futsal ao futebol, há um momento, para a maioria, cuja decisão precisou ser feita. A iminência da decisão acontece principalmente na fase de investimento da carreira esportiva. Quando o esporte toma essa centralidade na vida das atletas e, portanto, torna-se parte do projeto de vida das mesmas, a dedicação a uma só modalidade é requerida, inclusive pelo fator desgaste.

Então era bem cansativo, mas como tinha competições e principalmente quando se aproximava das competições de futsal, os treinos ficavam muito cansativos e o nosso treinador não tirava o campo, porque nessa época a gente também era convocada para seleção e ele era o treinador da sub dezessete. E ele sempre estava levando cinco, seis atletas do time para as convocações. Então a gente não podia ficar sem o campo. Então de dia dia tinha campo e a noite futsal. (Iara, Sudeste).

O interessante, neste momento, é entender como acontece essa transição. Apesar de a tratarmos como escolha, o futebol é um acaso na vida da maioria, já que são atletas que vinham construindo uma trajetória formativa junto ao futsal. Quando as oportunidades no futebol de campo se concretizam, algo que não é necessariamente esperado ou buscado pelas atletas, elas percebem que é nele que se mostram as possibilidades de uma carreira profissional no esporte, na qual seja possível viver da renda conquistada com a dedicação à carreira esportiva:

E daí apareceu uma proposta para o CLUBE, né? Que na verdade era o antigamente. E eu fui, minha mãe falou “ah, filha vai e tenta, né?” Que

querendo ou não o campo era mais visionado, tipo, tinha mais visão de jogo, o povo estava vendo, estava crescendo, então fui (Tereza, Sudeste).

Então, chega num determinado tempo que tu tem que escolher, né? Entre um ou o outro. Como eu te falei, você não consegue focar em uma coisa fazendo só os dois. E aí o campo... o que acontece? Eu escolhi o campo, porque [...] no cenário atual, o campo consegue te fazer profissional, já o futsal não consegue ter tanta visibilidade, né? Tanto que no campo já não tem muita, né (visibilidade)? Futsal menos ainda, né? Mas eu também sempre gostei de campo. O meu pai também sempre foi meu incentivador maior, ele sempre falava “vai pro campo, é bom, mas vai tenta, experimenta” e aí acabou que no campo eu vi mais oportunidades do que no futsal, sabe? (Kerzia, Sudeste)

[...] Ele falou que ele era um dos que acreditavam que eu não deveria largar o campo em si. E era onde ia dar dinheiro, onde o futebol estava crescendo mais do que o futsal. (Rose, Centro-oeste)

Nesse sentido, podemos notar como a exposição do futebol contribui para as jogadoras buscarem por essa modalidade. Isso chama a atenção para o olhar da estruturação do esporte: quanto maior a visibilidade e quanto mais estabelecido, mais atrativo se torna. O futebol de campo conta com o fato de compor uma matriz espetacularizada (DAMO, 2005) que, após a entrada dos “clubes de camisa”, tem sido estendida às mulheres - o que torna as possibilidades de uma carreira profissional mais ambiciosas. Em adição, a precarização das condições de desenvolvimento de carreira no futsal de mulheres, muito provocada pela ausência de campeonatos nacionais de alto nível competitivo da modalidade, tem potencial dano às possibilidades de estabelecimento de carreira profissional (SOUZA; MARTINS, 2018) - já que não se estabelece calendário anual, dificultando arrecadação de patrocínio e investimento, resultando em clubes bastante dependentes do fomento público.

Outro ponto curioso do envolvimento das atletas com o futsal e transição para o campo se estabelece nas convocações para as seleções de base. As atletas, mesmo que em dedicação exclusiva ao futsal, já eram convocadas para seleção do futebol campo. Inclusive, muitas delas apontaram a seleção brasileira como oportunidade de contato com a formação de base no futebol de campo, ausente na sua trajetória enquanto atletas. É também via seleção que elas não só iniciam a transição para o campo, como também estabelecem redes informais que, no futuro próximo, as aproximam e contribuem para a transferência entre clubes. Nesse sentido, as seleções de base suprem uma lacuna muito importante na formação das jogadoras de futebol no Brasil e na própria estrutura da modalidade no país.

Acaba que algumas coisas do campo eu fui aprender mesmo, eu tô aprendendo, na verdade, né? Eu tô aprendendo agora, que eu só tô jogando campo. Algumas táticas, né? Que é diferente do futsal para o campo. A gente só aprende mesmo quando você foca em uma modalidade só, né? Que no meu caso está sendo agora né? Então acaba que tu não tem essa base do campo, né? Que normalmente a base acaba tipo, tu sai um pouco atrás assim entre aspas, né? Aí um pouco atrás só que no futebol feminino também não tem, né?

Campo para quem é muito novo. Então não tem base, né? O que acaba dificultando muito na evolução das atletas. A gente consegue perceber que as atletas exploram quando tem mais idade, né? Ao contrário do masculino. Porque elas têm... eu tive, né? Graças a Deus... mas normalmente não tem essa base, né? Começa a jogar mais velha ou começa no campo mais velha. (Kerzia, Sudeste).

Além disso, a visibilidade promovida pela convocação a uma seleção de base também é apontada como fator positivo para as oportunidades de carreira oferecidas às jogadoras. Apesar desse destaque enquanto elas remetem à convocação nas categorias de base, quando perguntadas sobre o envolvimento com a seleção principal, algumas jogadoras não apontam isso como objetivo central de carreira. Em primeiro lugar porque, de acordo com elas, representar a seleção brasileira é consequência do trabalho realizado no clube. Depois, muitas apontam como um sonho passado que hoje não tem tanta centralidade. Por último, algumas destacam que atualmente há um número elevado de atletas competentes na seleção e concorrendo pela vaga. Esse resultado pode ser um reflexo, inclusive, da localidade – e clubes – em que as mulheres desenvolvem sua carreira no esporte e, portanto, as condições de treinamento que são oferecidas a elas.

Por exemplo, algumas jogadoras, que vieram do interior de estados brasileiros, afirmam que o início de sua trajetória como atleta aconteceu em times que eram reunidos única e somente para jogar campeonatos locais – no futsal. Ainda que muito jovens, já compunham essas equipes que, via de regra, eram predominantemente formados por mulheres adultas. Até para aquelas que se envolviam com outras, um pouco mais organizadas, que, inclusive, se reuniam para treinamentos e buscavam competições em cidades vizinhas, os custos do envolvimento eram investidos do próprio bolso.

Nesse sentido, o futsal tem um papel forte na formação das atletas e na permanência da mesma nas carreiras. O que é possível observar é que a relação entre futsal e futebol tende a se estender para o fortalecimento de ligas estaduais. Isso acontece devido ao grande número de atletas recrutadas ou contratadas pelos times de campo e convocadas para seleções de base no futebol, enquanto jogadoras de futsal. Assim, a tradição dos estados em campeonatos femininos de futsal pode garantir a manutenção e a ascensão de uma liga de futebol competitiva. Essa relação se apresenta como uma dependência do futsal para estruturação do futebol de campo.

Refletido nos destaques dos estados nas competições brasileiras, pode ser que essa dependência explique os lugares cujo a viabilidade de manter uma carreira dedicada ao futebol seja mais proeminente, desejada e a onde possui a concentração de títulos e talentos do futebol brasileiro. Há, nesse sentido, duas tendências a serem apontadas: a entrada dos maiores investimentos em alguns estados e as consequências para o circuito que até então existia naquele

contexto de prática de futebol e futsal por mulheres, que passa então a ceder suas atletas das categorias sub 15 em diante para o futebol de campo.

A primeira diz respeito aos efeitos dessa migração entre ambos os esportes para o futsal. Esse movimento faz com que a modalidade se torne frágil e menos atrativa para as atletas. Nesse sentido, menores são as oportunidades de angariamento de fundos por parte dos times - dada a visibilidade e o enfraquecimento da liga pelo movimento das atletas - e, fatalmente, condições menos favoráveis para o desenvolvimento da carreira. Sendo assim, a não estruturação da base no campo e essa relação contínua com o futsal tende a ser prejudicial para ambos os esportes. Isso porque se o futsal deixa de formar atletas, que potencialmente vão ao futebol, e o futebol não estruturava até então suas categorias de base, dependendo de alguns poucos clubes, sem um grande circuito competitivo. Não restava outro caminho às atletas senão conciliar o futebol e o futsal até a idade adulta.

Por outro lado, a migração entre clubes e estados também tende a ser uma alternativa que resta às equipes, dada a ausência de categoria de base dentro dos clubes. Como consequência, as ligas estaduais ficam cada vez menos fortalecidas, à exceção de alguns estados mais ricos do ponto de vista econômico. Por meio da contratação de jogadoras de outros estados, esses clubes conseguem estruturar uma equipe mais forte para disputar os campeonatos nacionais. A entrada de investimento financeiro, em geral, proveniente dos clubes tradicionais do futebol de homens, consolida um cenário cada vez mais presente nos campeonatos de mulheres. Sendo assim, há um outro tipo de concentração de atletas e de tendência de ligas fortalecidas, mas não necessariamente de condições ideais de carreira. De modo geral, é um fator reconhecido pelas jogadoras que, por fim, também reconhecem as disparidades desse movimento.

Eu acho que o time que mais teve investimento foi o CLUBE DO SUDESTE TRADICIONAL DO FUTEBOL DE HOMENS. O clube contratou muito. Acho que de todos os clubes quem contratou mais foi o CLUBE, entendeu? Eles tiveram que desembolsar bastante dinheiro, né? Porque vocês levaram a JOGADORA.. Contrataram mais uma agora que ela estava na Espanha. [...] Então é um investimento grande, né. As meninas não estão indo por dez mil (de salário). [...] Aí acaba a competição também se não, não investir né? Isso é importante, né? Porque tem isso. (Neia, Norte).

Nesse sentido, apontamos para uma tendência em que o futsal aparece como fundamental para o desenvolvimento das equipes de futebol. Esse cenário ilustra a precarização na estruturação de categorias de base do futebol brasileiro, no caso das mulheres. Essa dependência do futebol para com o futsal tende a ser prejudicial para ambas as modalidades, uma vez que a migração das atletas para o campo pode contribuir para o enfraquecimento do futsal e, do mesmo modo, reflete na continuidade do não investimento nas bases do futebol.

Como notado, as convocações para as categorias de base da seleção brasileira foi, muitas vezes, o único contato com as categorias de formação, tanto para aquelas que se dedicavam ao futsal, como para as que se dedicavam ao futebol. Entretanto, pode ser que ocorra uma mudança nesse cenário, impulsionado pela normativa da CONMEBOL que prevê a constituição das categorias de base, seguido do fomento e a participação em competições de nível nacional (BARREIRA, 2020).

## 6.2. O desenvolvimento de dupla carreira no futebol de mulheres no Brasil

A trajetória da carreira das mulheres no futebol parece ter um caminho comum: um início cujo a presença do futsal é maior do que do futebol; uma transição para o futebol que é fruto de uma opção por melhores condições e estruturação de carreira; a vinculação ao esporte, inicial ou já no período de investimento/manutenção de carreira, marcado pela presença da dupla carreira esportiva; os cuidados para a aposentadoria esportiva/reconvesão, sendo essa uma preocupação constante das jogadoras.

O processo de profissionalização no futebol de mulheres tem imposto uma transformação para o estabelecimento da Dupla Carreira. Essa mudança tem sido atribuída ao crescimento da modalidade e ao início de uma mudança nas perspectivas dos clubes em relação à carreira das atletas. A DC deixou de ser o formato de estabelecimento de vínculo com os clubes, como sinalizou Souza Junior (2013), e começou a tomar uma característica de benefício que elas podem usufruir. Diferente do futebol de homens, onde a DC praticamente inexistente na idade adulta, no de mulheres mesmo onde são oferecidas bolsas de estudo e elas não se dediquem à carreira acadêmica, elas contam com essa possibilidade.

Pode-se perceber que no início da carreira, há poucos casos em que as atletas de fato possuam algum vínculo com seus clubes que lhes proporcionem condições básicas para o investimento. Por isso, qualquer que fosse a vantagem oferecida para que elas se dedicassem ao esporte, era bem-vinda. E assim a dupla carreira foi tomando uma outra face, tornando-se uma possibilidade de alçar um futuro diferente para aquelas que não teriam acesso a uma faculdade e, também, como um benefício oferecido pelo clube no lugar da remuneração.

E: Qual é a conquista que você acha que foi a mais importante da sua carreira?  
 S: Minha carreira, eu acho que foi formar na faculdade. E: Por quê? S: Eu acho que ali foram muitas conquistas, não só minhas. Meu pai e minha mãe não se formaram. Eu fui uma das primeiras a formar a família da minha mãe. Do meu pai não tem ninguém formado. E quando eu me formei, eu falava inglês e espanhol. Eu formei em outro país. Eu acho que pra realidade que eu nasci, onde eu formei, era impossível. Então eu acho que foi a maior conquista assim (Madalena, Sul).

Muitas atletas já se formaram, né? Muitas pessoas que já passaram aqui pelo CLUBE hoje em dia são concursadas, né? Só tem gente que virou árbitra então é muito interessante assim, sabe? Porque geralmente é muita história de superação, né? De meninas que vem do interior, né? Para realizar um sonho, né? Às vezes o sonho de atleta nem sempre é possível, mas pelo menos se forma, né? E volta para as suas cidades como pessoas que venceram na vida né? Que saíram de casa cedo pra tentar a oportunidade, né? Não deu certo no futebol e voltaram como excelentes profissionais (Neia, Norte).

A longo prazo, todas as jogadoras consideraram importante estar em dupla carreira, pensando, principalmente, no período de aposentadoria do esporte. Entretanto, o que vale a pena destacar aqui é que, em grande parte, o fim da carreira não é mencionado por elas única e somente como uma escolha, mas também como uma possível obrigação, em caso de lesões. O fator lesão, quando se trata de carreira, de modo geral, tem contribuído e provocado uma necessidade de aproximação das jogadoras com a dupla carreira. Isso se deve ao fato de que, atualmente, o futebol de mulheres no Brasil não oferece qualquer segurança a longo prazo para as atletas, bem como qualquer retorno futuro.

Eu acho que o futebol em si, seja ele masculino (ou feminino), ele tem uma durabilidade muito pequena, né? [...] é difícil jogar até os quarenta anos, quarenta e cinco anos [...], sabe? E até porque tipo tem gente que tem mais lesão [...] Você não consegue enriquecer, é muito difícil, são poucas as que conseguem uma marca, ganhar patrocínio, tem isso, tem aquilo, está ligado? Só com salário você não consegue viver e enriquecer. É complicado. Hoje eu vejo muito dentro ou feminino, a garota estudando muito, sabe? [...] E mano, se você não estuda, você vai ter que fazer outra coisa. Você vai ter que virar coordenadora. Alguma coisa você vai ter que fazer dentro do futebol. Porque se você não fizer lá dentro do futebol não tem o que você vai fazer. Você vai trabalhar em outra área que não é assim, você vai trabalhar num escritório de recepcionista de outra coisa, está ligado? E se você estudou, tem muita garota que não terminou nem o terceiro grau está ligado? Não tem um pulso para nada. Hoje em dia está sendo difícil para quem tem estudo, imagina quem não tem. (Antonia, Sul)

Desde novinha, os meus quatorze anos, eu já vinha pensando no que fazer na faculdade porque no meio da minha carreira eu tive lesões que, assim, me deixaram um pouco para baixo. Uma das lesões que eu tive, que foi sofrido para mim, foi a pubalgia, que é algo que na época não tinha muito entendimento e por eu ser novinha eu queria jogar bola e tratei pouco. Então quando eu passei por esse processo de fisioterapia dentro de uma fisioterapia eu vi o quão importante era eu ter um estudo porque a gente não sabia até onde iria o futebol. Então logo que eu terminei os meus estudos de terceiro grau eu já comecei a faculdade (Rose, Centro-Oeste).

A preocupação com a reconversão pode ser considerada uma marca que as diferem dos homens, onde essa inexistente (DAMO, 2007). Nesse sentido, há nessa preocupação uma marca de generificação da trajetória da carreira esportiva que pode ser explicada tanto pelas menores perspectivas de enriquecimento por meio do esporte de mulheres, como das expectativas sociais

de gênero que colocam sobre as mulheres a preocupação com a independência financeira (MARTINS et al., 2021).

Para ilustrar os caminhos genericados da carreira esportiva, Ryba e colaboradores (2021) utilizam de metáforas da música, a fim de mostrar como os discursos de gênero configuram as identidades de atletas que se dedicam a uma carreira no esporte. Assim, três estilos de dupla carreira (DC) são utilizados, sendo eles: dissonante, no qual as carreiras concorrem entre si; monofônico, onde a identidade predominante é baseada no esporte profissional e contrapontual, caracterizada pelo equilíbrio de carreiras.

Como consequência, as escolhas e as trajetórias de homens e mulheres no esporte tendem a ser diferentes, em especial na constituição de sua identidade atlética. É possível apontar, a partir dos trechos citados que, de modo geral, a DC é parte constituinte da identidade das jogadoras, mas, muitas vezes, por uma circunstância do contexto. Podemos ainda inferir que a centralidade da carreira delas, por essa instabilidade a longo prazo, não paira somente sobre o esporte, conduzindo, dessa forma, uma carreira no estilo contrapontual (RYBA et al., 2021). Dessa forma, em um primeiro momento, é notável que há uma tentativa de condução das carreiras de maneira equilibrada, pensando em um objetivo futuro.

Assim, é comum que essa insegurança seja atenuada pela possibilidade de garantir um diploma que proporcione a possibilidade de ter uma profissão quando chegar o fim da carreira.

Eu acho muito importante porque é muito difícil viver só disso (do futebol), né? Depois quando tu se aposenta [...] do futebol se tu conseguir se manter pelo que tu ganhou ou pelo que tu conseguiu guardar, sabe? É um pouco difícil assim e por mais que tu seja uma atleta de ponta, fica mais fácil de tu conseguir algo depois, né [com diploma]? Mas não significa que você não tenha que ter algo depois. Você precisa ter. E no mercado de trabalho hoje em dia você precisa ter um conhecimento, né? Para entrar nele. Então eu acho importante [a formação acadêmica] (Kerzia, Sul).

[...] Então acho que isso também é bem interessante para gente, que não tem tipo, né? Garantido, porque como eu te falei, [...] o futebol é uma profissão sim, mas não é uma coisa que vai ser pra vida inteira, né? Que nem o masculino que ganha milhões e tipo acabou o futebol vive com o dinheiro que tem. Então acho que pra nós que ainda tem um salário abaixo do que a gente espera é muito fundamental ter a faculdade (Livia, Sudeste).

Boa parte da trajetória das atletas acontece em conciliação de carreiras. Essa conciliação, como narrada, é cercada por dificuldades que vão desde a possibilidade de entrada no curso, até as rotinas de estudo. Apesar de ser comum no futebol, nem todos os clubes oferecem bolsas de estudos. Por exemplo, uma jogadora que atua no nordeste afirma que

Não. Aqui não. Hoje não (não tem bolsa). [...]. Não, no CLUBE eles ofereceram numa época. Agora, recentemente. Ano passado, na verdade. Só que não era cem por cento. Pagar uma parte, entendeu? [Se você hoje tivesse oportunidade com a bolsa cem por cento, você estudaria?] Estudaria. É uma

das minhas metas. Depois de terminar minha autoescola eu quero estudar (Duda, Nordeste).

Deste modo, algumas dificuldades começam a surgir, dado os contextos de desenvolvimento da carreira. O benefício da bolsa, quando existente, no entanto, vem com uma série de deveres por parte das atletas. Algumas, como já citado, precisam representar a instituição de ensino superior em campeonatos esportivos. Além disso, na maioria dos clubes, é de total dever e responsabilidade da atleta ter que ajustar as rotinas educacionais com as esportivas. É nesse ponto em que a conciliação se torna mais difícil. Quando falamos em conciliação, nos referimos à conciliação de tempo para estudos extra aulas, de provas junto às competições, as competições, de abono de faltas, de oportunidades de cumprir os requisitos das disciplinas e de estágios, de equivalência de matéria nas trocas de faculdades, de participação em trabalhos com colegas, entre outras coisas. Tudo isso acontece muitas vezes ao mesmo tempo, e sem qualquer auxílio mais robusto e incisivo por parte de ambas as instituições.

De alguma maneira, é notável que seguir em dupla carreira requer um esforço suplementar por parte das atletas, não só na conciliação, mas também nas negociações e rotinas. Da mesma forma, aparentemente há momentos em que elas sequer têm autonomia o suficiente para o ajustamento da carreira, fazendo com que as identidades e o equilíbrio da conciliação possam ser afetados. Nesse sentido, notamos que há uma comunicação limitada entre a esfera esportiva e de ensino. De modo geral, as atletas dizem se sentir respaldadas pelo clube para o caso de reposição de provas e abono de faltas, causadas pelas viagens. Em alguns casos pontuais, o treinador era a ponte entre ambas as instituições. Geralmente, é sabido por parte das instituições sobre a situação das atletas e, ainda, o clube, bem como a seleção brasileira, emite comprovantes quando necessário.

A gente tem a faculdade de graça. Mas eu acho complicado, tá? Porque poxa se o pessoal tá dando bolsa, tem esse convênio, tinha que ter algum tipo de flexibilização ali também pra ajudar, né? E a primeira coisa que eles falaram foi isso, a faculdade não é flexível (Antonia, Sul).

Eles (a instituição de ensino) ajudavam bastante gente, com abono de falta, com certeza. Senão, nem atingiria, eu acho, as horas que precisa para ser aprovada. Eles ajudavam também com trabalhos que a gente perdia. A gente fazia enviava. Então acho que eles ajudavam bastante, entendiam a nossa rotina de atletas muitas meninas que jogavam e estudavam juntas, então eles entendiam (Iara, Sudeste).

Com a coisa de precisar de dispensa de enfim, depende muito do professor, né? Depende muito da flexibilidade do professor. Então eu eu sempre pegava um documento da CBF que eu já pedia diretamente pra CBF me fornecer um documento tipo “A JOGADORA esteve de tal a tal dia representando a seleção.” já pra eu ter esse documento oficial em mãos, não tem conversa, né? (Fabiana, Sudeste).

A percepção das atletas sobre o apoio recebido se limita à flexibilização de trabalho avaliativos e faltas. Entretanto, vale destacar que tremenda era a dificuldade de conciliação de rotinas das jogadoras. Mesmo assim, por mais que seja sabido que essas mulheres estão, também, atuando esportivamente, o aceite das justificativas fica, em algumas instituições, a cargo do professor da matéria. Este é um fator delicado e que comprova que, apesar da bolsa de estudos, não há qualquer integração entre a academia e o esporte. A integração, pelo menos parcial, das duas esferas poderia contribuir consideravelmente para o desenvolvimento de carreiras, como sugerido pela atleta:

Eu acho que o clube poderia deter a faculdade como parte da programação. Então tipo, fazer toda uma programação, pensar em carga de treino, em horários, pensando que vai ter uma aula à noite e que a atleta vai estudar à tarde, precisa descansar. Então se o clube colocasse na programação a faculdade, a parte do estudo, assim como é na base, porque na base os meninos tem isso, né? Mas chegando adulto não está na programação, né? Então acho que se tivesse a faculdade dentro da programação do clube ia ser bem tranquilo, sabe? E ia ser mais perfeito ainda se tipo, por exemplo, eu moro dentro do alojamento e a faculdade, ou tivesse uma disponibilidade tipo de de vir aqui só pra gente, sabe? Até o deslocamento, tudo acaba sendo cansativo pra gente, sabe? Como eu te falei. Tipo, eu ia de bicicleta, por exemplo, vinte minutos. Tipo à noite, eu voltava às onze e meia da noite de bicicleta. Longe, sabe? E aí tudo isso pra gente, tipo, eu não tenho carro, não tenho condição de comprar um carro, tudo tudo interfere, sabe? Acaba que fica perigoso também e daí é outro stress pra você. Não, andar de bicicleta já não posso. Parte do contrato que eu não posso. Onze e meia da noite em LOCAL pra ser assaltado, pra acontecer qualquer coisa, o desgaste físico, o sono que eu estou perdendo, que eu estou chegando quase meia noite em casa [...] as pessoas falam assim “ah, atleta é preguiçoso, não quer fazer faculdade” mas tem muita coisa que interfere sabe? Eu super entendo quem não dá conta porque é enlouquecedor dar conta de tudo, sabe? (Fabiana, Sudeste).

Há claramente uma sugestão que vai de encontro ao estilo contrapontual de desenvolvimento de dupla carreira (RYBA et al., 2021). É de interesse das jogadoras que as rotinas acadêmicas sejam integrantes de sua trajetória esportiva a ponto de fazer parte do calendário do clube, como atividade da instituição. A alternativa sugerida vai de encontro a tentativa de uma conciliação saudável de carreiras.

É importante apontar que, atualmente, para algumas jogadoras, não há ambiente ideal para desenvolver a dupla carreira no Brasil. Isso implica, por outro lado, que há uma tendência de quem esteja em dupla carreira nessa situação a conduza em um estilo dissonante ou, em alguns casos, monofônico (RYBA et al., 2021). Ryba e colaboradores (2021) mostram em seu estudo que atletas que desenvolvem a DC nos estilos dissonantes tendem a descontinuar a longo prazo. Ainda, podemos apontar alguns fatores que vão esbarrar na estruturação atual do esporte no país, como a duração contratual. Os contratos oferecidos hoje para a maioria das atletas no

Brasil têm duração de um ano e, de certa forma, esta é uma barreira para a continuidade do projeto educacional das jogadoras.

Nesse contexto, devido às transferências entre clubes que são frequentes no futebol, há também uma transferência entre faculdades. Essas transferências, no entanto, acabam por dificultar não só a conciliação – uma vez que implica em ajustamento de novas rotinas por se tratar de outra instituição – mas também o tempo de dedicação à dupla carreira. Muitas vezes, o aproveitamento de matéria entre instituições é um problema, causando um atraso na formação das atletas.

O que me ajudaria a ser menos difícil (a dupla carreira) [...] o que seria menos difícil se eu conseguisse começar e terminar num só lugar porque é ruim ficar tudo se adaptando. Por exemplo, está numa turma há bastante tempo aí tu vai pra outro lugar ninguém te conhece. A minha formação, muita coisa do que eu tive de teoria era diferente do que às vezes eles aplicavam em outra faculdade e eu acho que seria mais fácil se se pudesse tipo ter uma sequência grande num clube. Eu acho que isso acontece pouco, às vezes é muito raro ter um atleta que fique quatro, cinco anos num lugar que consiga começar uma faculdade e terminar no mesmo lugar. Isso é um empecilho para muitas também não estudarem, porque elas pensam “ah eu vou ficar aqui, eu vou ficar um ano e depois vou pra outro lugar, aí vou ter que trocar pra mudar a grade, vai mudar tudo.” Acho que isso dificulta muito no futebol pra estudar. (Iara, Sudeste).

Eu fazia presencial (a faculdade). Eu comecei presencial em Criciúma e eu mudei pra depois eu mudei pra São João José e agora eu tô aqui, né? Então, como eu fiquei pulando muito os clubes, né? Como a gente nunca sabe, é uma incerteza para onde a gente vai, então eu preferi, porque nesses lugares eu fazia tudo presencial. Aí acabou que esse ano eu falei “não, vou começar a fazer a distância” [...] porque senão eu não vou conseguir terminar nunca né (Kerzia, Sudeste).

Um segundo, e muito comum, problema, é que nem todos os clubes oferecem bolsas de estudo e, quando oferecem, a porcentagem referente ao desconto pode ser alterada. Isso provoca um ajustamento, também, na esfera financeira da atleta. Nesse sentido, a combinação dessa sucessão de coisas pode culminar, ou traçar caminhos que levem a descontinuidade da carreira.

Tive bolsa boa parte não quando eu eu mudei de faculdade eu não tive tipo eu paguei os último ano mas boa parte da faculdade foi com bolsa integral isso integral (Iara, Sudeste).

Ainda, no que diz respeito às dificuldades de conciliação está, também, a modalidade do curso. A escolha por cursos presenciais pode tornar ainda mais complicada a rotina da atleta, inclusive aquelas que, junto ao futebol, ainda treinavam o futsal.

O clube tinha parceria com a faculdade. Então eu conseguia fazer. Aí tipo nos dias de jogos, nos dias de treino, que não dava pra ir, nos dias de viagem que levava acertado. Pra não receber falta. O problema era o conteúdo mesmo. Porque acabava que as vezes a gente ficava um mês sem ir por causa que daí tem jogo na quarta de noite ou tem viagens e acaba que a gente não consegue ir, né? Que fica ruim também. (Kerzia, Sudeste)

Era um pouco complicado né. Porque era uma rotina bem pesada. Porque a gente treinava futsal de manhã, ia pra escola não, treinava a campo de manhã, ia pra escola à tarde e à noite a gente treinava futsal (Iara, Sudeste).

Era bem puxado porque era complicado. Ainda era tipo noturno, sabe? [...] eu não tinha carro, não tinha nada na época. Eu tinha uma bicicleta. E aí no outro ano uma menina começou a ir de carro, a gente começou a pegar carona com ela. Mas aí a gente saía do treino, às vezes sem jantar, sem nada e eu tinha que ir de roupa branca ainda, esse era outro ponto chato. Porque também era muito ruim pra eu ir, sabe? Não podia sujar nada. Ia do treino, se desse tempo de comer eu comia, se não desse eu ia direto porque minha aula começava às sete e aí terminava às dez e meia. Mas assim, era bem puxado, sabe? Porque a gente saía muitas vezes do treino direto. Lá eu tomava banho, mal comia e chegava tarde em casa, né. Porque daí terminava dez e meia aula e aí eu chegava em casa umas onze, até tomar banho, até comer e tal. E aí [...] foi na época que começou a seleção sub vinte, né? E eu comecei a ser convocada e aí tipo a questão antes da escola, tipo eu faltar duas semanas, era tranquilo. Agora a falta na faculdade é diferente. E aí foi bem complicado. [...] Então e aí eu eu eu faltava muito, eu pedia pra algumas colegas minha gravar (a aula) [...] e aí tudo era cansaço, né? Depois a gente treinava de manhã, tinha que ir lá tarde, fazer tudo isso e daí à noite pra faculdade. Foi uma época bem cansativa assim, sabe? Principalmente depois que começaram as convocações. Foi um período bem difícil pra mim, porque ficava muito preocupada, tipo, não dormia direito, não conseguia fazer nada direito. Eu juro, até caiu o meu rendimento nessa época, sabe? E foi um dos motivos que agora eu trouxe a minha faculdade pra online. Porque ficar faltando é muito complicado, sabe? Acho que online é o melhor modo para o atleta fazer faculdade porque é muito difícil essa vida de ter que faltar assim. (Fabiana, Sudeste).

É importante apontar que, apesar da dupla carreira estar presente para a maioria das jogadoras de futebol no Brasil, nem todas estão, ou pretendem estar em conciliação. Isso se deve ao fato de que houve, recentemente, uma melhoria nas condições financeiras oferecidas pelo futebol. De acordo com as atletas, ainda há um grande caminho a trilhar, mas para algumas, dada a atual situação financeira, a dedicação integral ao futebol é um caminho a ser trilhado agora. Mesmo assim, os planos para uma formação superior seguem no horizonte de todas.

Nesse sentido, há de se considerar que, quando tratamos do desenvolvimento de identidades, elas parecem ser equilibradas para a maioria. Aquelas que escolhem a dupla carreira, e seguem desempenhando bem a carreira esportiva, mostram que o equilíbrio é possível. Além disso, as mulheres mostram uma boa capacidade de gerenciamento – apesar das inúmeras dificuldades – além de atribuírem extrema importância a ambas as esferas.

A gente no meus últimos dois anos da escola, segundo e terceiro ano faltava muito era época também de convocações, Jesus ficava dois, três meses sem ir pra escola e também as competições do futsal que às vezes eram começantes de ficar duas ou três semanas fora jogando, então a gente perdia muita aula A gente praticamente fazia, pegava a matéria, estudava e fazia as provas. E acho que foram anos assim que eu não aproveitei muito na escola, mas eu sempre fui muito estudiosa, eu não abria mão de estudar, de boas notas, então deu certo, não peguei nenhum exame, nada. (Iara, Sudeste).

Algumas, inclusive, destacam a necessidade de também desenvolverem-se em outras esferas, que não só a esportiva. Para aquelas que não decidem pela dupla carreira, ainda assim é possível observar um certo desenvolvimento da identidade acadêmica, motivada pela necessidade do curso superior no futuro. Um outro fator que diz respeito às identidades é destacado pelo cuidado com a carreira das jogadoras. Quando perguntadas, elas afirmam que o cuidado é imediato e voltado ao próprio desempenho físico. Este, valorizado pelas atletas, é também uma exigência do próprio jogo, onde elas afirmam ser fundamental o “viver como atleta” para serem valorizadas no esporte.

De modo geral, podemos apontar para algumas tendências de estilos de dupla carreira. Há uma mudança evidente no estilo com o passar do tempo. Inicialmente, o equilíbrio de identidades e conciliação da carreira aponta para um estilo contrapontístico de DC, que predomina por grande parte da trajetória das atletas (RYBA et al., 2021). Por outro lado, por mais que o estilo de DC não parece se aproximar do estilo dissonante, há elementos que colaboram para tornar a conciliação desequilibrada, de modo que as carreiras vão concorrer entre si, como as barreiras surgidas na trajetória de desenvolvimento. As jogadoras, no entanto, criam recursos que as permitem seguir de maneira equilibrada, como a migração para a modalidade a distância.

Por fim, as mudanças recentes do futebol de mulheres também tendem a afetar os estilos de dupla carreira. Atualmente, a DC tem tomado uma função diferente nos clubes de grande parte das regiões do Brasil. A dupla carreira, agora, é oferecida mais um benefício, não sendo este o meio que garante vínculo com o clube. Nesse sentido, assim como no futebol de homens, as mulheres poderiam conciliar as carreiras, quando necessário, em um estilo monofônico, onde a centralidade estaria no esporte. No entanto, apesar da crescente da modalidade e da melhoria das condições de desenvolvimento de carreira, a instabilidade ainda é presente, como demonstrado anteriormente. Assim, apesar da possibilidade, para as mulheres ainda parece não ser central o esporte, neste caso o futebol, como projeto de vida. Esse fato corrobora com os achados de Ryba e colaboradores (2021) que apontam para o estilo de carreira contrapontual ser tipicamente feminino, dado os contornos de gênero do curso de vida e a estruturação contemporânea do esporte de mulheres, que ainda não é reconhecido como um circuito profissional plenamente estabelecido.

### 6.3. A vinculação e os salários na carreira

De modo geral, a existência de contratos, salários ou a formalização de uma jogadora como profissional daquele clube, via assinatura de carteira, é uma realidade recente do futebol que sequer chegou a todos os clubes que disputam a elite do campeonato brasileiro. É possível notar uma distinção absoluta entre o que é feito nos clubes de tradição nos campeonatos masculinos e o que acontece nas equipes tradicionalmente femininas.

A priori, a inexistência de contratos era comum e a vinculação aos clubes existia somente por um acordo verbal. O fato é que não se recebia para jogar e a dupla carreira, como apresentado anteriormente, era o que sustentava a relação clube-atleta. É interessante apontar que, em algum momento, isso foi considerado o suficiente para muitas jogadoras, em especial aquelas de classe menos privilegiada da sociedade. Muitas delas argumentam que o crescimento do futebol foi que impulsionou a formalização de contratos, apontando para uma percepção de que a modalidade, por ser incipiente, ainda não exigia tal medida ou garantia para as atletas.

[Na primeira passagem, você já teve vínculo aí?] Nada, nada. [Você recebia alguma coisa para jogar nesse primeiro momento?] Sim, sim. Mas não era, tipo, nada de contrato, carteira assinada, nada disso. Carteira assinada eu fui tendo no meu segundo, terceiro ano. [Entendi. agora nesses anos mais próximos, né?] Sim. E daí começou a crescer o futebol realmente. Aí eles começaram a assinar a carteira (Tereza, Sudeste).

Sendo assim, podemos afirmar que a existência de contrato de salário no futebol de mulheres é um fato que tem mudado em relação às últimas décadas. É notável, a partir da narrativa das trajetórias das jogadoras que não é incomum que, durante a sua dedicação à carreira no futebol, elas terem passado por esse período de mudanças, em especial aquelas que estão a mais tempo desenvolvendo sua carreira. Assim, é comum que as jogadoras tenham passado por períodos cujo seu vínculo com o clube fosse marcado pela existência de bolsas de auxílios ou bolsas educacionais.

Com a mudança deste cenário, as gerações mais novas, já costumam contar com um ambiente melhor estruturado, que oferece remuneração já nos primeiros anos de dedicação à carreira. Nesse sentido, muda também o objetivo das atletas quando adentram um clube de futebol. Dessa vez, a carreira enquanto futebolista está no horizonte de desejo dessas mulheres. Assim, este cenário aponta para uma mudança na natureza do vínculo das jogadoras. Souza Junior (2013), ilustra um contexto no futebol nacional marcado, em especial, pela predominância da dupla carreira como principal vínculo entre atleta e clube. No cenário atual,

a DC tem tomado uma outra face, aparecendo, quando oferecida, como mais um dos benefícios vinculados aos contratos estabelecidos com as instituições.

Assim, para que a DC de fato tenha se tornado esse benefício, foi necessário que a situação contratual das jogadoras no Brasil fosse bruscamente alterada. Apesar de se tratar de uma novidade, a presença de contratos não é absoluta e, em algumas regiões brasileiras, sua existência ainda é incipiente, mesmo que para atletas que disputam os campeonatos de elite do país. Em paralelo a ele, as carteiras assinadas também tem se apresentado como uma nova maneira de vinculação de jogadoras, além de ser perseguida e muito bem avaliada a possibilidade de vínculo por ela. Nesse sentido, é possível apontar para algum desenvolvimento nesse quesito, que deve ser valorizado. Entretanto, dentro desse aspecto há, de maneira evidente, dois problemas vinculados ao contexto: a duração desses contratos, para quem o possui; e a não existência deles em alguns clubes e regiões brasileiras.

Os contratos do futebol brasileiro de mulheres atualmente, tem, via de regra, um ano de duração. Se por um lado é importante garantir algum tipo de vínculo, que possibilita algum tipo de segurança para as jogadoras, por outro lado ele também reflete uma instabilidade nas carreira. Isso se deve ao fato de que anualmente elas se encontram em uma posição de incerteza, marcada pelo fim do contrato. Desse modo, as movimentações para uma extensão ou transferência para outros clubes são parte da rotina das meninas. O fato é que, durante a temporada atual, as jogadoras não sabem (i) o que será de sua carreira na temporada seguinte; (ii) se a permanência no clube ou a ida para outro será possível e; (iii) principalmente qual será a viabilidade de sua carreira no ano seguinte, colocando em questão inclusive a possibilidade de continuação.

Nesse sentido, as jogadoras são constantemente expostas a transições quase-normativas (STAMBULOVA, 2021), que, de alguma forma, as aproximam da descontinuidade da carreira, as impossibilita de planejar assertivamente os próximos passos, e faz com que a maior parte das transições não normativas nesse contexto as aproximem de uma interrupção de carreira. Por exemplo, em caso de lesão cuja recuperação seja longa, elas podem perder uma temporada e ter dificuldade para encontrar um novo clube.

[Você pensou em tipo "ah agora também não vou voltar a jogar bola não?"] Não, não pensei. Eu pensei que eu voltaria. Eu sabia que ia ser mais difícil porque conseguir um clube, você voltando de lesão é mais difícil, entendeu? Tinha jogado só, tinha feito uma cirurgia e feito uma transição meio meia boca e tipo mas não tinha participado de transição com com grupo [para o campo]. Nada dessas coisas, entendeu? Então, é mais difícil arranjar isso. Não tinha empresário. Não tinha nada. E aí eu fiquei só na expectativa tipo "ah vou treinar aqui e vai aparecer e aí eu vou conseguir", entendeu? E aí foi a foi assim que eu cheguei no CLUBE (Duda, Nordeste).

Então esse reflexo da durabilidade dos contratos faz com que ele se apresente de forma ambígua nas carreiras. Se por um lado ela representa estabilidade e segurança, por outro a sua duração ilustra a precarização da profissionalização no futebol de mulheres no Brasil, assim como a inexistência dos mesmos. Este é um segundo problema. Ainda há alguns clubes que têm vínculos amadores com as jogadoras, que se transferem, negociam e integram equipes via redes informais, cenário similar ao apontado por Almeida (2019).

Então a a eu conhecia só sabia que era o clube que tinha conseguido o acesso, né? O ano retrasado, o ano passado e tal. Aí eu acabei conhecendo o antigo treinador, né? [...] E mais uma ou duas atletas porque no ano passado elas foram emprestadas pelo CLUBE para ajudar a gente na disputa da Libertadores, que a gente estava com um número reduzido de atletas. Aí elas foram emprestadas. Aí elas foram pra lá pra fazer um treino com a gente, né? Elas ficaram um mês lá treinando. E nisso o que era até então o técnico foi junto conhecer e tal, foi aonde a gente acabou conversando, né? Aí ele comentou que esse ano, como eles tinham conseguido o acesso, eles estavam [precisando de] uma goleira tipo mais experiente que já tivesse mais rodagem, né? Com mais experiência na série A1 e tal e que tinham gostado de mim e tal. Aí eu falei que depois que acabasse a Libertadores e tal, que no final do ano a gente pudesse conversar. Aí aí acabou a Libertadores, né? Aí a gente veio pra casa, fiquei em casa e eles entraram em contato comigo pra ver se eu tinha interesse e tal e a gente começou a negociação e aí chegamos num acordo. Entre as opções que eu tinha eu achei que aqui seria no momento o melhor pra mim. (Maria, Norte).

[E você chegou lá no no CLUBE também assim por por indicação ou você já tinha...] não, então por eu ter uma amizade muito grande com o presidente ele já vinha me sondando antes. Só que eu falei “não, estou aqui feliz no futsal por enquanto e tals” [...] e a gente sempre teve contato, até hoje a gente tem contato. Ele me liga me perguntando de indicações, sempre fala comigo. Mas foi assim pela nossa amizade muito grande que ele resolveu me fazer a proposta de voltar ao campo, né? (Rose, Centro-Oeste).

Entretanto, são vínculos informais e, portanto, as transferências por essas redes que têm garantido a movimentação de mercado de transferências. Não estou me referindo neste momento ao fator comercial, mas sim à possibilidade de permanência na carreira como jogadora e na busca por melhores condições de persegui-la. Nesse sentido, é dessa forma que as jogadoras constroem pontes que as permitem seguir dedicando-se ao futebol. Apesar dos vínculos amadores ainda serem recorrentes no futebol de mulheres, alguns direitos ainda são assegurados, mesmo que por acordo verbal. De modo geral as jogadoras não relatam atrasos de salário, diminuição ou não pagamento. Mas por outro lado, o fator estar “apalavrado” com o vínculo no brasil ilustra que, apesar de melhorias, ainda é muito comum que estejam presentes atualmente os reflexos de um futebol de mulheres incipiente, praticados nas décadas anteriores.

Esses vínculos amadores, é mais vezes ligado a times tradicionais de futebol de mulheres, que não aparecem com tanta força, ou sequer mantêm uma equipe masculina. Isso tem uma implicação direta com o contexto atual impulsionado pela normativa da Conmebol. A priori, já é possível apontar como ela é falha nesse sentido, porque ela não funciona para todos os clubes e sequer funciona para os principais clubes que se dedicam exclusivamente ao futebol de mulheres.

Não, meu vínculo é amador. [Amador? Mas você tem um contrato pelo menos.] Amador. (Maria, Norte).

[Hoje você tem carteira assinada também?] S: Não, eles não assinaram a carteira. [Entendi. E contrato?] Também não fizeram contrato. [...]. [Então assim, [...] você não tem nenhum tipo de vínculo e garantia hoje então com o (clube). Por exemplo, se você decidir, hoje, falar “olha, eu não vou mais jogar aqui”, você pode sair do mesmo jeito que eles podem chegar em você e falar “olha NOME, a gente não quer contar com você a partir de hoje”?] Então, legalmente falando de papel, é. Porém, eles deram a palavra e tal, que até final do campeonato ou se eu quiser jogar o estadual aí [...]. Até porque quando eu cheguei aqui eu tive proposta de sair. E eu não saí porque eu dei minha palavra né. Apesar que a gente não tinha assinado o contrato. Vale muito (Madalena, Sul).

Isso se deve ao fato de que a normativa da CONMEBOL impulsiona somente os clubes que disputam a Copa CONMEBOL Libertadores e a Copa CONMEBOL Sul-Americana, ou seja, os clubes que possuem categorias masculinas que estão pleiteando vaga nessas competições. Sendo assim, há uma tendência, inclusive, da entrada de mais times de camisa no futebol de mulheres, fazendo com que os clubes tradicionais femininos percam espaço no cenário do futebol de elite profissional. Nesse sentido, é necessário se pensar em normativas que se atentem não só uma parcela de clubes no Brasil, mas a todos que compõem ou compuseram por anos o cenário do futebol de mulheres. Em um extrato de uma jogadora, ela aponta para a possibilidade dos clubes de tradicionais masculinos, em poucos anos, estarem dominando o futebol de mulheres na série A1.

[...] uma coisa que que eu também não imaginava [...] era que muitos times iam se formar. Que até então, né? Quando eu comecei não tinha um time de camisa do masculino, né? Era só os times tradicionais [nome dos clubes]. Então eu nunca imaginei que tipo a gente ia chegar num momento que eu sei que uma série A1 talvez, eu acho que daqui um ou dois anos vai ser composta por todos times de camisa [...] (Maria, Norte).

Ao fazer uma análise mais profunda do que é hoje o futebol de mulheres na série A1 do campeonato brasileiro, bem como as normativas que, de alguma maneira, tem impacto direto na organização dos principais campeonatos do país, o cenário apontado pela atleta parece ser completamente plausível. Muito se deve ao fator estabilidade, que afeta diretamente as

condições de dedicação e permanência no futebol. De alguma maneira, os clubes que são contemplados com a normativa da CONMEBOL precisam garantir as condições para a prática do futebol, bem como a estrutura necessária para treinamento e jogos (BARREIRA et al., 2020). Assim, por mais que este cenário esteja a longos passos de tornar o ideal, é o de menor precariedade de carreira no contexto atual. Sendo assim, estar em um clube que te oferece alguma vinculação, mesmo de curto prazo, ainda é melhor do que os vínculos amadores.

Deste modo, pode ser que em algum, haja um movimento de jogadoras para buscar essas condições melhores de desenvolvimento de carreira, fazendo com que esses clubes estejam mais fortalecidos e sejam mais atrativos. Nesse sentido, é possível apontar para uma centralização do futebol de mulheres, mais pelo movimento das jogadoras do que pelo investimento dos clubes. Assim, via obrigatoriedade da CONMEBOL e fortalecimento pelo movimento do mercado, é possível que, de fato, sejam a maioria, senão todos, dos clubes da série A.

Sendo assim, este cenário é um reflexo, ou consequência, de normativas que são promulgadas e dirigidas ao futebol de mulheres que não possuem como base e objetivo geral o desenvolvimento sustentável da modalidade, considerando suas particularidades e, mais do que isso, as carreiras e vidas de mulheres que se dedicam ao futebol. Neste momento, é de suma importância apontar que o crescimento do futebol de mulheres não significa desenvolvimento. O aumento da participação de jogadoras não quer dizer que as condições melhoraram. Tampouco quer dizer que esta agora é uma opção de carreira e de profissão viável para quem ainda sonha em se tornar jogadora ou para aquelas que já estão na trajetória esportiva. Na verdade, o que é possível observar é que as condições ainda são incipientes para que elas possam se dedicar a essa carreira de uma maneira satisfatória, segura e estável.

O fato é que a ausência de diretrizes e padrões para que os clubes minimamente se adequem e se apresentem como um ambiente em que desenvolver uma carreira esportiva seja atrativo ainda é uma realidade que traz uma série de consequências que afetam particularmente cada jogadora. As condições são bem distintas quando se refere a contratos e salários, mais especificamente, mostrando o quão nefasto é o contexto. Em alguns clubes, há contratos, em outros, carteira assinada é oferecida. Mas para alguns, não há qualquer garantia. Então, independente da existência desse vínculo, o que chama atenção é o quão precarizada é a possibilidade da estabilidade de uma mulher ao desenvolver uma carreira no futebol no Brasil.

#### 6.4. A profissionalização e as expectativas

A profissionalização do futebol de mulheres é um movimento recente cujo desfecho ainda é incerto. Não se sabe de fato o que é ser profissional no futebol de mulheres hoje no Brasil. Então, consideramos a partir do conceito proposto pela FIFPRO (2017) como profissionais todas aquelas que recebem algum benefício pela prática do futebol, a fim de incluir todas as jogadoras que estão desenvolvendo sua carreira no esporte. Nesse sentido, ser profissional independe da estrutura onde a carreira é desenvolvida, de contratos, de nível de competição ou de vinculação formal com algum clube. Cabe destacar que essa classificação difere da Fifa, cuja definição inclui apenas atletas que vivem exclusivamente do esporte.

Assim, o conceito, de alguma forma, corrobora com a proposta de Stambulova e colaboradores (2009), mostrando que uma carreira de elite independe de profissionalização, podendo ela ser, também, amadora. Essa determinação é marcada pelo nível competitivo alcançado, abrindo espaço para o amadorismo, ou para diferentes graus e formas de profissionalização da carreira. Nesse sentido, observamos no caso brasileiro sobre a legitimação das mulheres enquanto profissionais, que passa pelo reconhecimento social, mas principalmente sobre as próprias construções de suas identidades como jogadoras de futebol. De acordo com Almeida (2018), os diferentes estados da profissionalização no Brasil se justapõem e variam entre ter condições de se manter pelo esporte, já também de alcançar um reconhecimento simbólico do público do seu status de atleta.

Essa identidade das jogadoras é construída e estabelecida de um a partir do reconhecimento de alguns atributos que elas consideram fazer parte do que é ser profissional, ou seja, da construção do seu capital simbólico sobre profissionalização (CULVIN, 2021). É possível observar, por exemplo, que as mulheres se referem como profissionais, comumente, a categoria masculina dentro dos clubes em que atuam. Essa relação pode ser explicada de diversas maneiras, mas a principal são pelas condições que os homens usufruem e elas, não.

[Me conta o que que você tem de estrutura hoje disponível pra você no clube?]  
Hoje a gente faz por exemplo a gente usa algumas coisas do profissional tipo academia a gente usa piscina hidromassagem essas coisas assim a gente usa (Duda, Nordeste).

O que eu mudaria? Eu acho que se eu pudesse eu moraria em um apartamento, uma coisa pra mim que eu pudesse cozinhar, que eu pudesse fazer as coisas. Aqui a gente não tem essa possibilidade. Mas acho que pode ser daqui uns anos eu acho que as condições melhorando a gente consegue ser como que é no profissional, cada um tem sua casa cada um eh tem a sua família, às vezes sua família e trazem a família, a família passa um tempo (Iara, Sudeste).

Então, podemos perceber que as mulheres, de modo geral, consideram-se como outra categoria mais similar à base, não como uma categoria que está no mesmo nível de jogo - e de profissionalização - dos homens. Por exemplo, alguns clubes oferecem inclusive alojamento para as meninas e, em alguns casos, é dividido com as equipes de base. Entretanto, aquelas que decidem não ficar nos alojamentos, geralmente por motivos ligados à convivência e espaço para descanso, não têm qualquer apoio do clube. Todos os custos são de responsabilidade direta das jogadoras. É possível notar que a saída do alojamento é um dos grandes objetivos de algumas das jogadoras que apontam.

Eu acho que se eu pudesse eu eu moraria em um apartamento, uma coisa pra mim que eu pudesse cozinhar, que eu pudesse fazer as coisas. Aqui a gente não tem essa possibilidade (Iara, Sudeste).

Eu mudaria uma coisa que eu não gosto, mas eu respeito as meninas. É a questão do alojamento. Eu acho e também pelo porque tipo vai do clube também, né. Eu não moro no alojamento, eu aluguei uma casa com uma atleta e a gente mora separado mas tem o alojamento ainda. Eu acho que a gente como adulto já tem que ter o seu canto, a sua privacidade (Vera, Sudeste).

Nesse sentido, há uma aproximação maior com as equipes de base. Essa impressão corrobora para o fato de que elas podem exercer uma carreira de elite mas ainda dentro do espectro amador, como apontado por Stambulova e colaboradores (2009). Nesse sentido, é notável que, para elas, ser profissional e usufruir do status profissional é ter uma carreira próxima com a dos pares homens. Ou seja, elas tomam como referência o futebol de homens, com representações de glamourização.

O processo de profissionalização é permeado pelas particularidades do contexto de cada país, apresentando diferenças em como é instituída. Entretanto, um fator que parece ser comum quando tratamos do futebol de mulheres é a construção do capital simbólico sobre o que é ser profissional. Na Inglaterra, por exemplo, como apontado por Culvin (2021), a profissionalização é marcada pela possibilidade de exercer uma carreira, ou dedicar-se exclusivamente, em tempo integral ao futebol. No contexto inglês, isso ocorreu quando a Football Association (FA), na sua mais recente medida, mudou o status da FA Women 's Super League (FA WSL) para profissional, em 2018/19, na expectativa que os clubes da liga se licenciassem como profissionais no futebol de mulheres.

No Brasil um processo similar acontece a partir da normativa da CONMEBOL. Disparada por ela, uma série de mudanças começam a ser almeçadas em face do processo de profissionalização. Por exemplo, a ambição de que todos os clubes da série A1 registrem como atletas profissionais suas jogadoras. É notável, nesse sentido, a entrada e presença predominante

dos clubes tradicionais do futebol masculino na série de elite do campeonato brasileiro de futebol de mulheres. A similaridade entre o contexto inglês e brasileiro se destaca nas razões que causam preocupação sobre a sustentabilidade do campeonato, como a dependência comercial e econômica dos clubes tradicionais do futebol masculino (CULVIN, 2021).

Só que aí chegou o novo presidente no CLUBE e acabou o time feminino. [...] Ele mandou todo mundo embora e acabou, ele falou que não teria estadual, porque o clube não teria dinheiro para arcar com o estadual. Então mandou todas as meninas embora, só ficou quem estava lesionado (Duda, Nordeste).

Eu não sei se você acompanhou, mas o time do Bahia foi desfeito. No ano passado, quando caiu, teve reformulação. Daí jogou, chamou algumas meninas e tal aí jogou CAMPEONATO ESTADUAL, aí foi campeão ESTADUAL. Depois do CAMPEONATO ESTADUAL, ia disputar a série A2, que é o que a gente está disputando hoje. Só que foi desfeito. Acabou, desfez o time porque meio que não ia ter condições de ficar com um time e tal porque o Bahia tinha caído pra série pra segunda divisão masculino, não ia ter uma estrutura pra ficar com o feminino. E meio que liberou as meninas pra jogar em outros lugares (Duda, Nordeste).

Por mais que tipo dê uma uma parada assim, tipo era opção de estar muito melhor, mas ainda é acima de muito clube, tanto porque tipo, não adianta, ainda hoje o futebol feminino depende muito do masculino, então tipo se o futebol masculino não está dando resultado... O CLUBE se passou por uma situação muito difícil, né? Ano passado, ano retrasado. Quase caiu. Então, a partir dali [...] é ruim pra gente, porque a gente depende muito deles, porque o dinheiro também vem do masculino. Então não fez o investimento que queria fazer, mas mesmo assim tá a frente de muito clube, muito, muito (Livia, Sudeste).

Sendo assim, por mais que a regulamentação da CONMEBOL, de alguma forma, sirva como alento para a carreira das mulheres, há inúmeras consequências. Culvin (2021) alerta sobre a como a inserção das mulheres em um sistema profissional já existente - no caso brasileiro, o masculino - torna as condições de desenvolvimento de carreiras mais precárias. Kessler (2015) alerta ao fato de que a constante comparação com o futebol de homens possa consolidar um discurso de “futebol das ausências” - ausência de investimento, de interesse, de público e de qualidade, como um ciclo vicioso - em vez de um olhar a partir das potencialidades desse esporte de mulheres.

Assim, de alguma forma e tomando como espelho esse processo já conhecido de profissionalização dos homens, as jogadoras começam a construir o seu capital simbólico ao redor do que é ser profissional no esporte vinculadas ao futebol de homens. Em um contexto similar ao do Brasil, de anos de proibições em meados do século XX, de uma regulamentação que tentava fazer um crescimento exponencial do futebol de mulheres, Culvin (2021) mostra como no contexto inglês também há uma construção de um capital simbólico ao redor do que é ser profissional.

Para as jogadoras que desenvolvem carreira no futebol na Inglaterra, tornar-se profissional no futebol equivale ao fato de poder dedicar-se integralmente à carreira no futebol, sem que a estrutura oferecida para tal seja tão importante (CULVIN, 2021). Isso acontece porque a conciliação da carreira esportiva com um trabalho é comum, o que se difere do caso brasileiro. Aqui, é mais comum encontrar jogadoras também em dupla carreira, mas em conciliação com os estudos. A priori, como apontado por Souza Júnior (2013), a dupla carreira no futebol de mulheres no Brasil funcionava como um alento às jogadoras, que não possuíam vinculação formal ou qualquer benefício financeiro por sua dedicação ao futebol. Recentemente, o cenário mudou. A DC tende a funcionar, agora, como mais um benefício oferecido pelo clube, não aquele que gera vínculo a equipe de futebol. É diferente também, por outro lado, que ela deixa de ser a razão pela qual as jogadoras permanecem no futebol, já que agora permanecem pela carreira.

Assim, são por essas diferenças entre os contextos que há um reconhecimento diferente das jogadoras que desenvolvem carreira no futebol brasileiro em relação às marcas que constituem a construção do seu capital social sobre a profissionalização. Se na Inglaterra é a dedicação integral, aqui no Brasil ela passa por duas figuras centrais - a do empresário e a da crescente visibilidade e reconhecimento que o futebol de mulheres vem obtendo, em especial a partir da Copa de 2019 e com a entrada dos clubes de camisa. A primeira já se consolidou há algum tempo. A segunda ainda está em ascensão. É importante dizer primeiro que a profissionalização do futebol passa pelo crescimento da modalidade. Até então, o desenvolvimento não é considerado, mas sim a expansão do futebol de mulheres. Por isso, essas duas figuras que vão surgir dentro deste contexto para exemplificar a profissionalização são tão importantes.

Em primeiro lugar falaremos dos empresários. De modo geral, como já apontado em tópicos anteriores no texto, o futebol de mulheres foi constituído por redes informais de movimentação e de transferências. Essas redes surgem com possibilidade de muitas das jogadoras seguirem carreira, em especial no caso de transições não normativas e quase normativas. Entretanto, apesar de ser um cenário muito importante e muito presente na manutenção de carreira das jogadoras, há a tendência de ser sofrer mudanças e ser cada vez menos utilizados, devido a entrada dos empresários, como Almeida (2018) já mostrava os primeiros passos antes da consolidação da normativa da Conmebol. Até então, a figura do empresário surgia como intermediador da imagem da atleta e com a função de despertar o interesse em se consolidar como atleta (ALMEIDA, 2018). Atualmente, é comum que as jogadoras da série de elite do campeonato brasileiro contem com um empresário, seja ele

indicado por outras atletas que já agenciadas, seja por abordagem interesse dos agentes ou das próprias jogadoras.

[...] não sei se você conhece a ATLETA dos CLUBE. E tipo ela é referência né, no Brasil. E ela me chamou e falou assim “NOME, tem o meu empresário, ele gostou muito você, quer conversar com você” e tal e eu fiquei muito receosa porque eu não entendia ainda o que era um empresário, o que ele fazia para a atleta. E aí o meu pai conversamos bastante, eu vim com a minha mãe e fechamos com ele que é o EMPRESÁRIO que eu estou até hoje com ele (Livia, Sudeste).

Há uma importância atribuída à existência desses personagens no futebol de mulheres. É comum as jogadoras relacionarem a existência de empresários com o crescimento da modalidade, alegando que dizendo que, para se tornar sustentável uma carreira nesse contexto de mudança do futebol é necessário ter um empresário.

Cara, porque eu acho que hoje dá pra acreditar no futebol está cada dia crescendo mais, o futebol feminino. E a maioria dos clubes gosta de tratar só como empresário. Já não gosta mais de tratar tipo direto com atleta, gosta de tratar direto só com o empresário para ficar mais fácil, né? Tipo tem ali duas, três atletas daquele empresário, já sabe como o empresário trabalha, já sabe como funciona [...] Aí eu acho que tipo está ficando nesse nível e eles têm um alcance maior, né? Os empresários hoje em dia. Eu tinha um alcance muito pequeno. Então aí eu acredito que eles tendo esse alcance maior, tipo eles tem contato com todos os clubes. Eu não conseguia ter contato com todos os clubes do Brasil. Então eu acho, eu acredito que nesse momento que se encontra feminino e a crescente que ele vem, eu acredito que o ideal seria trabalhar com empresário, tanto que nos anos anteriores eu nunca fechei com nenhum empresário porque eu não via essa necessidade. de trabalhar com empresário, mas eu acho que a partir de deste ano... daí eu fechei com eles, né? Porque eu acredito que a proporção que o futebol feminino está tomando vai ser necessário. entende? É aquela coisa, né? Sempre que uma coisa cresce, evolui, ela puxa outras outras. (Neia, Norte).

Eu pensei também muito, né? Futebol, vou pegar uma fase do futebol feminino numa crescente, né? Pensei muito em patrocínio, por exemplo, eu que sou goleiro de luva, de chuteira, e eu queria eu precisava de alguém pra ir atrás disso pra mim pra resolver bastante também essas coisas extra-campo, sabe? Uhum. Eu acho que era importante ter alguém porque a gente eles tem uns contatos, né? A gente infelizmente não conhece ninguém (Fabiana, Sudeste).

No contexto descrito, as jogadoras optam por não lidar com o gerenciamento de suas carreiras, como mudanças de clubes e busca por patrocinadores, delegando essa responsabilidade a empresários. É comum que as jogadoras considerem importante poder se concentrar exclusivamente nos treinamentos e rotinas de seus clubes. Por isso, é frequente ouvir jogadoras destacando a necessidade de visibilidade, a falta de marcas no futebol de mulheres e a importância da entrada desses agentes quando se pensa no futuro da profissionalização. Dessa forma, as discussões sobre a profissionalização no futebol de mulheres tendem a se basear na busca por uma maior aproximação com o futebol masculino.

Acho que falta muito [patrocínio]. Eh, às vezes os no meninos de dez, doze anos não são nem conhecidos, não tem nem tô começando agora, ele já tem patrocínio de da Adidas, Nike. Acho que pra não tô nem falando de grana pra estampar a marca, né? Tô falando de material só. E eles não acham que acho que elas voltam aí no interesse né das marcas. Patrocinar mulheres no geral (Iara, Sudeste).

Eu tive um tempo [patrocínios], hoje não tenho mais. Hoje eu não tenho. Pô, faz falta, né? No futebol feminino. [...] E a maioria delas são [patrocinadas], estão fora. [...] aqui dentro do Brasil tem poucas, acho que tem umas sei lá, umas três ali no Corinthians e só [...]. Faz falta (Ilda, Sul).

Mas ainda é muito restrito essa coisa de patrocínio para o futebol feminino. Acho que hoje tá até um pouco melhor, mas ainda falta muito, os patrocinadores de material esportivo, de chuteira, tênis, olhar mais pro feminino, de querer acho que investir, né? Na carreira da atleta. A gente precisa, cara, vou falar pra você, se você tiver uma chuteira para o ano todo, não vai dar essa chuteira o ano todo, porque você treina de manhã, você joga, chuteira vai surrando, vai surrando. Então [...] num ano você vai gastar, eu acho que umas quatro, cinco pares de chuteira. Então imagina, põe na ponta do lápis, uma chuteira hoje, boa mesmo, porque você também não vai comprar uma chuteira pra daqui uma semana tá rasgando ou te machucando, né? Uma chuteira boa você vai pagar mil, mil e duzentos reais. Aí imagina você, de três em três meses, ter que pagar mil, mil e poucos reais numa chuteira. Então quando você tem um patrocinador, alguém que te ajude alivia muito porque o material de trabalho nosso é esse, é chuteira, é caneleira [...] (Vera, Sudeste).

A entrada de marcas também corresponde a uma mudança de postura nas redes sociais, prezando pelo cuidado com as redes. Essa é uma faceta que não apareceu com tanta densidade nas entrevistas que realizamos nesta pesquisa. A preocupação com a imagem aparece, justamente no sentido de angariar fundos e patrocínios, tal qual no futebol de homens, sendo essa uma marca de profissionalização do futebol a partir da interpretação da fala das jogadoras. Culvin (2021) mostra que, de alguma maneira, há um processo de vigilância a preocupação com a imagem que circula nas redes sociais, já que é preciso criar uma “persona” atleta profissional, com comportamentos e atitudes visibilizados que correspondam cotidianamente a essa representação, a despeito das condições materiais objetivas que elas tenham a disposição no clube. Na pesquisa em questão, não conseguimos explorar com profundidade essa problemática, mas ela aparece em algumas falas, denotando um processo, ainda incipiente, como é possível visualizar:

Eu tenho a minha empresária, né? Sempre comento com ela tipo em relação a patrocínio, tudo, fazer um portfólio, alguma coisa assim pra divulgar a gente. Eu também me preocupo muito com a minha imagem, sabe? As redes sociais pra mim eu uso como trabalho, eu não posto nada além disso. Eu acho que tipo a gente a nossa imagem lá, a nossa postura lá diz muito também quem vai querer patrocinar a gente, sabe? E também eu sempre falo pras meninas, acho que a gente quer profissionalismo do futebol feminino, a gente tem que agir como profissionais, né? A gente tem que sair lá e apostando com bebida que não sei o que lá [...] eu me preocupo muito com a minha imagem dentro do futebol (Fabiana, Sudeste).

[...] e tento também ter muito conteúdo no Instagram, nessas coisas pra manter para as pessoas o que a gente faz, o que a gente vem fazendo. [...] às vezes eu gravo treino assim, a galera “nossa, nunca tinha visto treino de goleiro” [...] muita gente não sabe que a gente do feminino treina tão forte ou mais forte que os caras. [...] os nossos treinadores aqui todos são do masculino, eles batem na bola como se ele estivesse chutando pros caras. Nossos treinos são programados como programado pros homens. [...] toda vez que gera todas aquelas discussões sobre “ah, o gol tem que ser maior, o gol tem que ser menor, o gol é muito grande, a menina é muito baixa” (essas) discussões tipo eu já eu nem entro porque com os treinos que a gente tem, a gente chega no mesmo nível que qualquer pessoa seja grande ou seja pequena, consegue. Não é questão do gol ser grande ou pequeno. E o nosso treinamento, a gente treina aqui de colete de peso, a gente faz um monte de treino de de de reação, de um monte de coisa, a gente faz tudo aqui[...] mas não é relacionado ao tamanho da trave ou não. (Marina, Centro-Oeste).

Desse modo, as jogadoras mostram que, de alguma maneira, a entrada dos empresários tende a tornar o futebol com características mais próximas de um profissionalismo, muito por ser parte constituinte do capital simbólico construído por elas a partir de uma realidade do futebol de homens. Nesse contexto de similaridades, um outro fator a ser considerado é a visibilidade, que aparece secundarizada nesse contexto, porque os empresários já são uma realidade no futebol de mulheres e já vem tomando seu espaço. Por outro lado, a passos muito mais lentos, a visibilidade vem a constituir o futebol de mulheres.

É comum falar onde as jogadoras clamam por visibilidade no futebol de mulheres e tornam isso uma expectativa para o processo de profissionalização, em especial no futuro. Parte desse fato está ligado à glamourização, muito comum no futebol dos homens. Uma outra parte diz respeito à necessidade de reconhecimento e legitimação enquanto profissionais do futebol, não só por elas, mas pelo público e torcida.

Eu espero que um dia chegue no mesmo nível que o masculino, digo não só em questões de salário, porque igual muitas vezes não é [...] não é só pelo dinheiro né, eu não estou no futebol porque eu quero ganhar é um milhão de reais como Neymar, né? Eu estou no futebol porque eu queria um dia chegar lá no Maracanã e entrar e jogar, sei lá, contra um time ou o Flamengo, qualquer time. Entrar lá no Maracanã e aquele Maracanã cheio, é isso que eu queria. Eu não quero entrar lá no Maracanã ou em outro estádio vazio, sem torcida ganhando um milhão de reais. Não, o que eu quero é chegar lá está cheio, todo mundo torcendo, todo mundo vibrando, todo mundo gostando do futebol feminino, apoiando as meninas, apoiando a nova geração que está vindo aí [...] então era isso que eu esperava ver no futuro, esse apoio, né? Não ter só o apoio da minha família, dos meus amigos e do clube, mas ter o apoio de todo mundo, da mídia, da sociedade, né? Das empresas em patrocinar e se interessar pelo futebol feminino. É um mercado rentável, né? Que você vai investir mas você vai ter um retorno. Então era isso que eu queria ver assim no futuro do futebol (Maria, Norte).

Essa legitimação parece em algum momento ser importante para que faça parte também do capital simbólico dessas jogadoras, juntamente com a entrada dos empresários que buscam marcas para que sejam patrocinadas. Portanto, a visibilidade está diretamente ligada com a

entrada de marcas no mercado de futebol mulheres, pois é por meio da visibilidade que se torna um mercado atrativo para patrocinadoras. Para as jogadoras, esse fator é de suma importância, uma vez que faz parte do capital simbólico do que é ser profissional.

Em suma, a entrada dos empresários e a crescente da visibilidade do do futebol de mulheres são considerados marcos da profissionalização do futebol no Brasil, a partir da percepção das jogadoras, e que vem se consolidando e consolidando o que é o ser profissional no futebol de mulheres. Vale lembrar que a construção do capital simbólico sobre o que é ser profissional também passa por outras instâncias, como as condições de desenvolvimento de carreira. Entretanto, destacamos estes dois fatores como marcos recentes desse processo e que, para elas, representam as grandes mudanças do cenário atual do profissionalismo. As condições de desenvolvimento de carreira são tão importantes quanto estes marcos, mas de uma maneira, quando falamos de pontos chave do processo, a visibilidade e a entrada dos empresários parecem ser o que melhor exemplifica, caracteriza e ilustra o processo de profissionalização.

A minha expectativa é muito alta pelo andar que está aqui que está que a gente vem vendo. Eu falo, tem até uma goleira nova que está aqui. Chegou do CLUBE, ela tem dezessete anos. Eu falo pra ela [...] eu, com dezessete anos, se eu tivesse vivendo no tempo que você está vivendo... [...] daqui alguns anos as meninas vão estar recebendo muito bem, você já vê aí o campeonato brasileiro de base, [...] super competitivo, o Brasil inteiro assistindo as meninas, todo mundo acompanhando, as páginas dos times, por exemplo, Flamengo masculino, a página oficial do Flamengo posta coisa das meninas, que chama a torcida pras meninas, que chama mais visibilidade. A torcida do Corinthians, imensa, do Palmeiras também, então está cada vez tudo crescendo mais, tudo crescendo. Você vê às vezes no estádio [...] público pago que antes nem era. Então, eu acredito que mais patrocínios vão entrar [...] mais fortes, né? As meninas vão ficando também, eu já vejo que as meninas mais novas, elas já conseguem ver como futuro, seja atleta mesmo, não era igual antes que você tinha que trabalhar e jogar também com o pézinho da base. Elas já estão aí, seleção, ganhando Copa América também, sul- americana. Então eu acredito que não tem, não tem como não melhorar (Marina, Centro-Oeste).

Assim, a profissionalização e as expectativas das meninas com o futuro do futebol tem variado a depender das experiências anteriores e dos locais nos quais elas desenvolvem, atualmente, a sua carreira enquanto jogadoras. Entretanto, é importante apontar que, apesar do reconhecimento do crescimento da modalidade, algumas das jogadoras apontam para a necessidade de uma ação coletiva a fim de reivindicar melhorias das condições de desenvolvimento de carreira na modalidade, bem como de algumas garantias.

Eu acho que falta, [...] na minha visão, as meninas em geral. Todo mundo. É ver que o futebol está crescendo e parar de aceitar o mínimo que eles dão [...] a gente treina no campo que não tem condições e não é condições mais pra gente treinar, entendeu? Condições de base... a gente tem que parar de aceitar isso, a gente tem que ver que a gente está evoluindo, a gente precisa de mais. Se a gente quer chegar no topo, entendeu? Isso vai fazer o futebol crescer. Na hora que todo mundo começar a ver isso o futebol vai crescer mais ainda. Parar

de aceitar. E tá crescendo, o futebol feminino está crescendo com as próprias pernas, né? [...] “ah, o masculino que tá bancando” não. Tá tendo visão do futebol feminino, então a gente tem que aproveitar isso né? (Tereza, Sul).

Essa ação coletiva aponta para uma mudança não só nas estruturas dos clubes, mas também nas medidas a serem tomadas pelas instituições que regulamentam e organizam o futebol de mulheres no país. Por exemplo, o calendário parece ser um problema para as jogadoras, muito em função de sua curta durabilidade, o que deixa restrito o tempo em que elas estão envolvidas nas competições. Além disso, competições sustentáveis também fazem parte das expectativas das meninas, não só para suas carreiras, mas para o desenvolvimento da modalidade de modo geral. Nesse sentido, podemos apontar para o discurso sobre as “ausências” no futebol de mulheres (KESSLER, 2015), principalmente daqueles que se debruçam pela sua organização anual.

[...] eu espero, assim, que cresça, que tenha mais competições, né? Mais competições valendo, né? Simplesmente pegar e vai lá e joga, né? [...] também, eu acho que tem que fazer que nem o masculino, fazer o brasileiro ida e volta, até porque, querendo ou não, a gente tem muitos times que só vivem do brasileiro. Não tem outra competição para jogar. Aí acaba agora o brasileiro no meio do ano vão fazer o quê? Não tem o que fazer. Que nem aqui vai acabar pra gente brasileira. Vai jogar o quê? O estadual. O Estadual não é tipo uma competição [pela ausência de times com a mesma capacidade competitiva] [...]. Eu acho que tem que ter mais competições pro time. Para valorizar os times. Pra mostrar pras meninas que está realmente crescendo e não simplesmente pegar e fazer. Falta isso da CBF. Aí o brasileiro, tu pega o brasileiro, vai acabar agora o brasileiro, os oito primeiros que passarem ali vão continuar. E o resto, vai fazer o que da vida? (Tereza, Sul).

Além do problema com o calendário nacional, essa fala também elucida uma outra questão, dessa vez relacionada aos campeonatos estaduais. Fica claro que, para a atleta, o nível de competitividade dentro dos estados não é tão desenvolvido assim, apontando para um desnivelamento entre os clubes. Isso mostra, também, que os afetados não são somente aqueles que não conseguem competir, mas também aqueles que atuam com alguma sobra. De modo geral, quando tratamos de carreira, nenhum dos dois cenários contribui para o processo de desenvolvimento das mesmas. Por isso, é evidente a necessidade da reformulação das competições, a fim de torná-las sustentáveis e bem organizadas.

Surge ainda, nesse contexto, outros fatores que permeiam não só as competições, como também os locais de treinamento. O fator lesão no futebol de mulheres do Brasil é um agravante quando consideramos a continuidade de carreira esportiva. Isso porque, além de ser uma transição não normativa, no caso das mulheres, há ainda mais empecilhos nesse contexto. Estes empecilhos podem apresentar-se como novas transições não normativas, derivadas da primeira. Uma delas é o fato de que há disponível nos seus clubes para tratamento ou prevenção. Muitas

vezes, como já explorado anteriormente, percebemos que não necessariamente as atletas usufruem de uma estrutura do nível que elas precisam para atuar na elite do futebol brasileiro. Esse é um problema que é ressaltado em especial nos casos em que há categorias femininas e masculinas em um mesmo clube e o departamento é dividido. Isso se deve ao fato de que esse espaço, quando dedicado a ambas as categorias, é priorizado para os homens. Nesse sentido, ter um departamento dedicado às jogadoras é um passo necessário. Entretanto, este outro espaço que é reservado para elas, quando existente, geralmente é integrado por materiais inferiores, menor disponibilidade de profissionais qualificados e de horários, e estruturas incompletas. Esse é, então, um primeiro problema aparente. Independente de ser um clube de tradição no futebol de homens ou ser um clube de tradição nos campeonatos femininos, as atletas têm enfrentado esse problema.

Sim, na verdade assim, a fisioterapia do time é bem precária, sabe? São pouquíssimos materiais. Em alguns lugares tem a sorte de usar a estrutura masculina, mas em relação ao aparelho tudo é bem precário assim, também. O que o que pesa muito é a profissional que te também, sabe? E geralmente no feminino eles não botam pessoas boas, sabe? Botam pessoas assim mais ou menos, mas aqui no CLUBE ATUAL a gente tem uma estrutura bem parecida com a do CLUBE, sabe? Lá em LOCAL não era uma estrutura tão boa, como eu te falei, eu tive bastante problema com a minha lesão muscular mas aqui no CLUBE ATUAL como é um clube grande [...] lá no CLUBE também, tipo se precisasse de qualquer coisa eles recorriam ao masculino, sabe? Eles levavam de dentro do CT do masculino. Aqui no CLUBE ATUAL também. A gente vai dentro do CT se for alguma coisa mais séria e precisar de um aparelho mais complexo assim a gente tem esse acesso ao masculino, então isso ajuda bastante, sabe? (Fabiana, Sudeste).

Uma segunda questão, é que, de modo geral, há uma recorrência de lesões de longa duração no futebol de mulheres, como relatada por grande parte das atletas entrevistadas. O tempo de recuperação tem variado, mas paira sobre uma média de oito meses. Sendo assim, algumas das atletas apontam até perder uma temporada em função do tratamento, dada a duração do campeonato brasileiro. Isso se torna uma questão, pois o calendário nacional de competições tem sido alvo de críticas por parte das jogadoras em função das ligas estaduais enfraquecidas e o campeonato nacional com curta durabilidade, como já discutido anteriormente.

Esse contexto aponta para uma instabilidade no sentido de que a ocorrência das lesões pode significar o fim do contrato que, via de regra, é de um ano no cenário nacional. Assim, ao fim do tratamento, quando possível de ser realizado com excelência, elas se encontram em um cenário de incertezas. Este cenário é marcado pela possibilidade - ou não - de renovação, uma vez que a atleta ainda estará em período de transição para os gramados, o que impossibilita sua utilização, ou da transferência, que também pode ser considerada inviável dado seu status atual

de recuperação. Isso reflete uma precarização no sentido de que não necessariamente a estrutura oferecida pelo clube vai ser adequada para a recuperação. Esse tratamento e estrutura oferecidas podem, inclusive, fazer com que o processo de recuperação seja mais longo, seja pela ausência da disponibilidade de recursos humanos ou materiais, tais como a fisioterapia, que nem sempre pode ser acessada com a frequência necessária.

Eu diria que eles [o clube] não aproveitaram a oportunidade que eles tiveram, que foi subir pra série A1, né? e tipo se tornar o clube profissional e tornar as meninas aqui profissionais. [...] a cultura deles aqui ainda é um pouco bagunçada, sabe? Nesse quesito de futebol. [...] eu também pago academia por fora pra mim treinar. [O clube não tem hoje?] O clube tem na faculdade uma academia. Só que eles não sabem aproveitar porque, o que acontece, essa academia é para os alunos, né? É dos alunos que fazem, mas também o pessoal que mora pode utilizar. Então, pra gente utilizar essa academia é muita burocracia. Tem que ser nos horários determinados, tem dia que vai poder usar, tem dia que não vai poder usar. Aí tipo, não tem, tem os aparelhos básicos, né? Os aparelhos básicos, então, pra mim a necessidade, pro que eu precisava era pouco. Então aí eu fui buscar fora. Eu pago academia por fora pra mim treinar. (Maria, Norte).

Acho que poderia chegar mas poder chegar mais material de fisioterapia também, não são poucos mas poderia ter mais como o masculino tem (Bruna, Sudeste).

[Mas pago por você já fez por fora fora clube?] Sim. Sim. Sim. Já. [O que você fez fora?] A já [contratei] fisioterapeuta, preparador físico, essas coisas assim por fora. [E você procurou por fora por que?] Porque os clubes aqui no Brasil, infelizmente, não sabem como tratar a gente, sabe? Porque assim, eles tratam o bagulho mais no geralzão. Tudo bem que é um esporte coletivo mas as pessoas não têm os mesmos corpos, as pessoas não têm as mesmas necessidades e infelizmente eles tratam como se fossem tipo de academia. Isso acontece ali no CLUBE que é um time grande. É um time que eu estou hoje. Um peso pra todo mundo, mesmo trabalho pra todo mundo. Pra mim não existe isso aí... é perda de tempo e você está lesando a minha atleta atoa porque não pode uma menina que que tem um biotipo igual o meu não pode pegar o mesmo peso que tenha por exemplo a ATLETA que é bem mais forte que eu... infelizmente acontece isso e não só lá, é em vários clubes. Então acho que por falta dessa, o que eu posso dizer? Por falta dessa individualidade, né? Que eles tem que ter com a gente, eu sempre procurei trabalhos por fora para melhorar o meu desempenho. (Ilda, Sul).

Por isso, algumas das atletas fazem o movimento de procura por outros profissionais fora do departamento esportivo, arcando com os custos. Também há um movimento de prevenção de lesões e cuidados com a carreira, de modo geral. É comum, atualmente, que as jogadoras façam alguma atividade de apoio fora dos clubes, contratando *personal trainers* e nutricionistas. O fato é que essa necessidade é fruto do que não é oferecido, ou é oferecido de maneira incipiente, pelos clubes que elas atuam.

Esse fato também é reflexo da instabilidade contratual gerada por vários fatores, como discutido no tópico anterior. Ainda, um problema adicional é que, dado o fator contratual e salarial, a contratação de outros profissionais não é, necessariamente, possível para todas as

jogadoras, em especial pelos custos gerados. Ainda assim, algumas delas conseguem contar com redes de apoio que as possibilitam esses acessos.

[Você teve acompanhamento de quê?] Eu tive de fisioterapeuta, né? Que foi o que eu conheci lá em em Rio Preto. Ele era um grande amigo, né? É um grande amigo aí ele me tratou quando eu sentia alguma coisa, uma lesão, alguma coisa e tipo ele me tratava. E eu tenho também um um *personal* que me ajuda a realizar tipo o trabalho por fora, né? Suplementos que também um amigo meu de Rio Preto (me dá). [E pago do seu bolso, você já pagou algum tipo de tratamento também? Pode, pode ser médico, psicológico e tal também, fora clube.] Nutricionista. (Maria, Norte).

Hoje eu tenho uma parceria bacana com uma colega minha que jogava comigo e hoje ela é *personal*. O nosso trabalho é tudo online, mas um negócio que está dando resultado. Pô, ela é formada em educação física e ela é minha *personal*. Junto com ela eu tenho nutricionista, né? Que é muito amigo também. Então a gente tem uma parceria ali que a gente trabalha junto a todo tempo, vinte e quatro horas. Se eu puder eu ligo pra eles, converso com eles, monto a minha alimentação, monto meus treinos fora, extra. (Rose, Centro-Oeste)

Sendo assim, o problema das lesões está diretamente imbricado com com a instabilidade contratual, da precariedade dos departamentos, da precariedade salarial e da insegurança dentro da carreira esportiva. Diante disso, pode se dizer também que esse contexto todo é influente inclusive no estabelecimento de redes informais para transferências dentro do futebol de mulheres. Se há um processo de dificuldade de transferências acarretadas por lesões, as jogadoras recorrem aos pares, outros agentes do esporte para transitar por outros clubes e por outros espaços para que elas continuem sua carreira no futebol e vão retomando o nível.

De certo modo, o que aparece para nós é que o importante é não parar. E não parar significa, muitas vezes, buscar recursos e mecanismos possíveis e palpáveis para essas que continuem na carreira. Nesse sentido, ter redes informais atuando na transferência das mulheres no futebol brasileiro não é uma característica essencialmente ruim, na verdade é uma característica do futebol de mulheres que até agora foi o que sustentou essa veiculação de meninas e a continuidade da carreira de muitas delas. Então se por um lado é prejudicial porque há pouco conhecimento e controle sobre essas transição, o que impede que seja possível fornecer recursos e preparar a jogadora para tal, por outro é um alento que aquelas que precisam dessas relações para seguirem sua carreira esportiva, mesmo sem que haja mecanismos que facilitem esse processo.

É possível observar que esse é um ato de resistência também. Isso porque mesmo sem o interesse dessas entidades em regulamentar esse mercado a fim de oferecer algum tipo de estabilidade para as jogadoras elas mesmas estabelecem as próprias redes que permitem com que de alguma maneira elas possam manter-se na carreira esportiva. Nesse sentido, podemos dizer que dentro do futebol de mulheres a gente consegue observar muito mais transições não

normativas, mas que tem características de transições quase normativas. Isso porque elas não têm certeza que as transferências vão acontecer, mas há a possibilidade.

Apesar de que na proposta de Stambulova e colaboradores (2009) em que superar as transições normativas, de um estágio de carreira para o outro, e as outras quase e não normativas surgidas no desenrolar da trajetória esportiva, esteja ligado ao sucesso da carreira, é um pouco mais complexo no futebol de mulheres do Brasil. Isso se dá pelo fato de que essas transições se apresentam de maneiras distintas e com particularidades não só da modalidade esportiva, mas da região em que a carreira é desenvolvida.

Isso implica com que elas, de alguma maneira, precisam ter mais recursos que geram as competências necessárias para superar essas transições (STAMBULOVA et al., 2009). Entretanto, isso não significa necessariamente que as jogadoras terão maior probabilidade de sucesso na carreira, pelas competências desenvolvidas, do que os pares do gênero masculino. Na verdade, a superação dessas transições não normativas e quase normativas tão recorrentes ilustram o processo de resistência dentro que é estar em carreira esportiva no futebol de mulheres do Brasil, marcado por um cenário de instabilidade e de insegurança. Então, de alguma maneira, são as recorrências dessas transições dentro da carreira das mulheres que mostram que elas estão em um processo de luta e de resistência para que continuem na trajetória esportiva e que as próprias jogadoras criam os caminhos necessários para que elas consigam permanecer.

É um processo extremamente interessante, mas ao mesmo tempo é um processo extremamente desgastante e precário para as jogadoras. O fato delas desenvolverem competências e criarem maneiras de superar essas transições, ou nesse contexto de ser resistência nesse ambiente, não necessariamente implica que isso seja um caminho sustentável de carreira. Na verdade, o ideal é que esse número de transições seja reduzido e que consigamos prepará-las para as quase normativas e não normativas.

Nesse sentido, estamos perseguindo o caminho para que as mulheres possam usufruir de um sistema com padrões globais salariais, de emprego e de segurança dentro do futebol e que o cenário enfrentado não seja um cotidiano de resistência, de luta e de persistência. Se por um lado as tendências apontam para um cenário de crescimento e de mudança e há números que provam isso, ao mesmo tempo é possível processo desse ato de resistência que acontece desde o período de proibição. Assim, mesmo hoje com a entrada da CONMEBOL, com a entrada da FIFA, com a entrada de órgãos regulamentadores, as mulheres seguem num processo de resistência. É engano o nosso dizer que há um desenvolvimento tão pleno que deixou período para, e todas as suas consequências, para trás. Na verdade, não só as consequências desse

período, mas os atos, as barreiras, vêm se renovando e vem se mostrando de uma maneira diferente e ainda assim as meninas continuam tentando resistir e estão resistindo nesse processo.

Assim, é preciso apontar que crescimento e desenvolvimento têm características diferentes e, como desenvolvimento, pouco é visto. Olhando para os numerosos acessos a modalidade e recordes de públicos, há um apontamento para um crescimento. Entretanto, é crescimento comercial, é um desenvolvimento da modalidade no sentido da popularização, do aumento da indústria. Mas, ao mesmo tempo, é uma desumanização da carreira, é uma desumanização do futebol, que não coloca como centro deste processo a carreira esportiva das jogadoras.

Por exemplo, ao explorar as condições em que as jogadoras desenvolvem sua carreira, são recorrentes falas que ilustram a realidade diária das jogadoras. Assim, quanto à estrutura física, os campos aparecem como um problema em várias regiões do país. Geralmente, as mulheres não treinam e não usufruem da mesma estrutura dos homens, dividindo estes campos de treino e jogo, bem como outros espaços, com as equipes de base. Sequer os estádios são utilizados por elas em dias de jogos.

É. Não, a estrutura assim tem que mudar o campo inteiro. [Porque? O campo é ruim?] Ruim? é péssimo. [É mesmo?] Parece um brejo. [E só vocês treinam lá ou...] Treinar a gente, treina sub-vinte. Daí acaba com o campo. [Mas não vocês não treinam no mesmo lugar que o masculino?] Não. [Nem joga.] Nem joga. (Tereza, Sul).

[...] um campo sem ter buraco que é o mínimo né? É o mínimo. Eu acho que não tem tanto a se melhorar, entendeu? Eu acho que são as coisas básicas que fazem a diferença, né? Quando a gente pensa em desempenho. A gente tem um campo que não não é legal, que não favorece que a gente faça bons treinos, por exemplo, que é um campo muito duro que faz a gente ficar com dor depois do treino. Acho que isso prejudica (Iara, Sudeste).

Campo. Os caras treinam todo dia no estádio. Vou falar pra você que a gente só joga no estádio. Aí a gente até brinca assim “ah a gente é visitante também porque a gente não treina no estádio que a gente joga”. (Vera, Sudeste).

Desenvolver o futebol de mulheres significa estar trabalhando diretamente com as condições de carreira das jogadoras. É isso que promove o desenvolvimento da modalidade. Assegurar direitos, condições e estruturas para a carreira no futebol promove o fortalecimento não só de equipes, mas de campeonatos e seleções. Além disso, promove a sustentabilidade do futebol como profissão. No entanto, ainda vivemos hoje o futebol das resistências, em especial nos detalhes e nas entrelinhas do que é estar em desenvolvimento de carreira no futebol de mulheres no Brasil.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### **PALAVRAS FINAIS: QUAL PROFISSIONALIZAÇÃO AS JOGADORAS DE FUTEBOL TÊM ALCANÇADO NO BRASIL?**

Este estudo teve como objetivo analisar as mudanças no futebol de mulheres brasileiro e seu impacto nas trajetórias e oportunidades de profissionalização das atletas. Observamos que, ao longo da última década, ocorreram transformações significativas no cenário do futebol de mulheres, abrindo novas perspectivas e desafios para as jogadoras brasileiras. Um marco importante foi a organização do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino com abrangência nacional em 2013, seguido pela nova regulamentação da Conmebol em 2019. Esses eventos dividiram o futebol feminino brasileiro em três períodos distintos: antes da organização do Campeonato Brasileiro, entre 2014 e 2017 com a participação de equipes tradicionais de futebol masculino no "Brasileirão Feminino CAIXA", e após a vigência da nova regulamentação da Conmebol, que exigiu que os clubes masculinos também organizassem equipes femininas.

Essas mudanças oportunizaram a entrada das mulheres nos clubes tradicionais do futebol brasileiro, diminuindo a incidência de clubes de elite exclusivamente femininos. Além disso, houve uma inversão de tendências, como mencionado por Petty e Pope (2019), em relação à remuneração em forma de salário, à dedicação exclusiva às competições de futebol de campo e à diminuição na existência da dupla carreira no esporte. Apesar desses avanços, é importante destacar que, conforme apontado por Souza Junior (2013), a presença de contratos ainda não é prevalente entre as atletas, comprometendo garantias e alguns direitos. A profissionalização do futebol de mulheres também é diversa, dependendo dos clubes e regiões do Brasil, o que indica a necessidade de pesquisas futuras para compreender os rumos e sentidos desse processo.

No contexto global, o futebol de mulheres tem vivenciado uma "nova era", como destacado por Culvin (2021), na qual as jogadoras são reconhecidas por seu potencial atlético, superando estereótipos e preconceitos. Essa nova era tem trazido investimentos e oportunidades de desenvolvimento de carreira, além de lutas por direitos alinhadas ao movimento feminista. No entanto, é importante ressaltar, conforme mencionado por Goellner (2020), que parte da profissionalização do futebol de mulheres ainda está ancorada no futebol masculino, o que pode gerar dependência e desigualdades. É fundamental enfrentar esses desafios para alcançar uma profissionalização que valorize plenamente as mulheres no futebol.

Embora tenhamos motivos para otimismo diante do crescimento e reconhecimento do futebol de mulheres, existem desafios a serem enfrentados. É necessário estabelecer calendários nacionais e locais de competição que permitam às equipes se estruturarem ao longo do ano, garantindo visibilidade e valorização das partidas e das atletas. Além disso, é preciso investir na formação de categorias de base para garotas, alimentando o sonho de uma carreira no futebol. As desigualdades de gênero historicamente presentes no futebol ainda persistem, exigindo esforços contínuos para superá-las. A profissionalização do futebol de mulheres trouxe avanços, mas também revelou a necessidade de promover a igualdade de gênero em todos os aspectos do esporte.

Em suma, as mudanças observadas no futebol de mulheres brasileiro têm proporcionado às atletas novas oportunidades e perspectivas, mas também demandam ações para enfrentar os desafios e garantir uma profissionalização que valorize plenamente as mulheres no esporte. Como destacado por Silvana Goellner (2020), a igualdade de gênero deve ser a tônica transformadora do futebol. Com dedicação e perseverança, podemos construir um futuro grandioso para o futebol de mulheres, no qual as mulheres ocupem o lugar de destaque que merecem."

## REFERENCIAS

ANDERSSON, Rebecca; BARKER-RUCHTI, Natalie. Career paths of Swedish top-level women soccer players. **Soccer & Society**, v. 20, n. 6, p. 857-871, 2019.

ALFERMANN, Dorothee; STAMBULOVA, Natalia. Career transitions and career termination. 2007.

ALMEIDA, C. S. **Do sonho ao possível: Projeto e campo de possibilidades nas arreiras profissionais de futebolistas brasileiros**. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2018.

ALMEIDA, Caroline; PISANI, Mariane. Carreiras e profissionalismo de futebolistas brasileiras após a regulamentação do Futebol Feminino no Brasil. 2016.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. DOSSIÊ O GÊNERO DA POLÍTICA: FEMINISMOS, ESTADO E ELEIÇÕES. v. **Cadernos Pagu**, p. 13–56, 2014.

BALARDIN, Georgia Fernandes et al. The female football in Brazil and United States of America: differences and similarities in the sport/O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: SEMELHANCAS E DIFERENCAS NO ESPORTE. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 101-110, 2018.

BARREIRA, Júlia et al. Conmebol e o futebol de mulheres: Uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana (orgs.). *Futebol de mulheres no Brasil: Desafios para as políticas públicas*. Curitiba: CRV Editora, 2020.

BARLEM, Cíntia, Corinthians anuncia fim da parceria com Audax e terá time feminino próprio em 2018, **ge**, 2017.

BARREIRA, Júlia. **Desenvolvimento do futebol praticado por meninas e mulheres: conceitos, ações e implicações**. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas. 2021.

BLOOM, Benjamin. **Developing talent in young people**. BoD–Books on Demand, 1985.

BORGES, Danilo. Libertadores, Brasileirão e Copa Brasil Sub-17 movimentam o futebol feminino. 2013. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/institucional/o-ministerio/187-noticias-futebol-feminino/45826-libertadores-brasileirao-e-copa-brasil-sub17-movimentam-o-futebol-feminino-3>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRAIS, Rafael. Ministério do Esporte cria grupo de trabalho para debater futebol feminino no Brasil. 2012. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/36820-ministerio-do-esporte-cria-grupo-de-trabalho-para-debater-futebol-feminino-no-brasil>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRANDT-HANSEN, Marianne; OTTESEN, Laila S. Caught between passion for the game and the need for education: a study of elite-level female football players in Denmark. **Soccer & Society**, v. 20, n. 3, p. 494-511, 2019.

BRASIL DE FATO. CBF cobra mais direitos para atletas do futebol feminino. **Brasil de Fato - Pernambuco**, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2020/12/15/cbf-cobra-mais-direitos-para-atletas-do-futebol-feminino>. Acesso em: 15 mar. 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Conceptual and design thinking for thematic analysis. **Qualitative Psychology**, v. 9, n. 1, p. 3, 2021.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative research in sport, exercise and health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRYAN, Amée; POPE, Stacey; RANKIN-WRIGHT, Alexandra J. On the periphery: Examining women’s exclusion from core leadership roles in the “extremely gendered” organization of men’s club football in England. **Gender & Society**, v. 35, n. 6, p. 940–970, 2021.

CHAVES, L. São Paulo goleia time montado às pressas no Paulista Feminino: 29 a 0. **TV Brasil**, 21 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-10/sao-paulo-goleia-time-montado-pressas-no-paulista-feminino-29-0>. Acesso em: Dez. 2022.

CLARKSON, Beth G. et al. Covid-19: Reflections on threat and uncertainty for the future of elite women’s football in England. **Managing Sport and Leisure**, v. 27, n. 1-2, p. 50-61, 2022.

COSENZO, L. Só minoria no Brasileiro feminino tem atletas com carteira assinada. **Folha S. Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/03/so-minoria-no-brasileiro-feminino-tem-atletas-com-carteira-assinada.shtml>. Acesso em: Dez. 2022.

CÔTÉ, Jean; ERICSSON, K. Anders; LAW, Madelyn P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of applied sport psychology**, v. 17, n. 1, p. 1–19, 2005.

CULVIN, Alex. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England. In: **Managing Sport and Leisure**, v. XX, p. 1-14, 2021.

CULVIN, Alex; BOWES, Ali. Introduction: Women’s Football in a Global, Professional Era. In: **Women’s Football in a Global, Professional Era**. 1. ed. [s.l.]: Emerald Group Publishing, 2023, v. 1, p. 1-16.

DAMO, Arlei Sander. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Gênero**. Niterói, RJ. Vol. 7, n. 2 (1. sem. 2007), p. 135-150, 2007.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DANISH, Steven J.; PETITPAS, Albert J.; HALE, Bruce D. Life development intervention for athletes: Life skills through sports. In: **The counseling psychologist**, v. 21, n. 3, p. 352-385, 1993.

FIFPRO. FIFPro Global Employment Report: Working Conditions in Professional Women's Football. 2017.

FIFPRO. Raising our game report. FIFPro World Players' Union. 2020.

FOLHA S. PAULO. CBF põe mulheres à frente do futebol feminino e iguala diária entre seleções. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 set. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/09/cbf-anuncia-duas-mulheres-para-o-comando-do-futebol-feminino.shtml>. Acesso em: Dez. 2022.

GLEDHILL, Adam; HARWOOD, Chris. A holistic perspective on career development in UK female soccer players: A negative case analysis. In: *Psychology of Sport and Exercise*, v. 21, p. 65-77, 2015.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOELLNER, Silvana V. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. In: **Ludopédio**. São Paulo, v.135, n. 36, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/nos-convidamos-a-cbf-a-trazer-reformas-de-igualdade-de-genero-para-o-brasil/>.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. In: **Pensar a prática**. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. In: **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

GOMES, E. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: "Estamos acabadas", relata atleta. In: *GE*, Salvador. 17 dez. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-suspende-futebol-feminino-ate-abril-e-dispensa-jogadoras-estamos-acabadas-relata-atleta.ghtml>. Acesso em: Dez. 2022.

GOMES, Gabrielle. Bahia suspende futebol feminino até abril e dispensa jogadoras: "Estamos acabadas", relata atleta. In: *ge*, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-suspende-futebol-feminino-ate-abril-e-dispensa-jogadoras-estamos-acabadas-relata-atleta.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2023.

GRYGOROWICZ, Monika et al. Thirty percent of female footballers terminate their careers due to injury: a retrospective study among polish former players. In: **Journal of sport rehabilitation**, v. 28, n. 2, p. 109-114, 2019.

HARRIS, John. Doing gender on and off the pitch: The world of female football players. **Sociological Research Online**, v. 12, n. 1, p. 140-151, 2007.

HARRISON, Grace E. et al. Elite female soccer players' dual career plans and the demands they encounter. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 34, n. 1, p. 133-154, 2020.

HILLS, Laura A. et al. 'It's not like she's from another planet': Undoing gender/redoing policy in mixed football. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 56, n. 5, p. 658-676, 2021.

JACOBS, J. C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de Doutorado. PPG Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LALLY, P. S.; KERR, G. A. The career planning, athletic identity, and student role identity of intercollegiate student athletes. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 76, n. 3, p. 275-285, 2005.

LANCE! 'O futebol feminino não pode viver de amor e carinho', diz Aline Pellegrino. **Lancenet**, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebol-nacional/futebol-feminino-nao-pode-viver-amor-carinho-diz-aline-pellegrino.html>. Acesso em: Dez. 2022.

MANO, J. Avaí Kindermann, tradicional time feminino, tem atividades encerradas. **Correi Brasiliense**, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/esportes/2021/11/4964050-avai-kindermann-tradicional-time-feminino-tem-atividades-encerradas.html>. Acesso em: Dez. 2022.

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. As mulheres e a dupla carreira: linhas tênues entre a conciliação e o abandono esportivo. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 13, n. 1, p. 110-132, 2021.

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. Women and the country of football: intersections of gender, class, and race in Brazil. **Movimento**, v. 27, 2021.

MENDONÇA, Renata. Brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais. **Dibradoras**, 22 jan. 2020. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2020/01/22/brasileiro-feminino-de-2020-tera-numero-recorde-de-times-profissionais/>. Acesso em: Dez. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 1994.

PASSARINHO, Nathalia. Dilma recebe Marta e promete maior 'atenção' ao futebol feminino. **GI**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2011/01/dilma-recebe-marta-e-promete-maior-atencao-ao-futebol-feminino.html>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PETTY, Kate; POPE, Stacey. A new age for media coverage of women's sport? An analysis of English media coverage of the 2015 FIFA Women's World Cup. **Sociology**, v. 53, n. 3, p. 486-502, 2019.

PFISTER, Gertrud. The future of football is female!?: On the past and present of women's football in Germany. In: German Football. **Routledge**, 2006. p. 93-126.

QUIXANO, J. O voo polêmico do Barça: homens na executiva e mulheres na econômica. *El País*, 26 jul. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/deportes/1532538904\\_432129.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/25/deportes/1532538904_432129.html). Acesso: Dez. 2022.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; MARTINS, Mariana Zuaneti. Futebol de mulheres na Espanha: um exemplo de luta e resistência! **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 19, 2019.

RYBA, Tatiana V. et al. Implications of the identity position for dual career construction: Gendering the pathways to (Dis) continuation. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 53, p. 101844, 2021.

RYBA, Tatiana V.; STAMBULOVA, Natalia B.; RONKAINEN, Noora J.; et al. Dual career pathways of transnational athletes. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 125–134, 2014.

RONKAINEN, N. J.; RYBA, T. V.; SELÄNNE, H. (2019). “She is where I’d want to be in my career”: Youth athletes’ role models and their implications for career and identity construction. **Psychology of Sport and Exercise**, v.45.

SALAZAR, T. Sereias da Vila voltam, arrancam choro de presidente e estreiam dia 19. **Gazeta Esportiva**, Santos. 11 abr. 2015. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/santos/sereias-da-vila-voltam-arrancam-choro-de-presidente-e-estreiam-dia-19/>. Acesso em: Dez. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

SOUZA JÚNIOR, O. M. DE. Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade. Tese de doutorado – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 2013.

SOUZA, Ana Claudia Ferreira; MARTINS, Mariana Zuaneti. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 1, 2018.

STAMBULOVA, Natalia B. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. **Sport Psychologist**, v. 8, n. 3, 1994.

STAMBULOVA, Natalia et al. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p. 395- 412, 2009.

STAMBULOVA, Natalia B. et al. Dual career development and transitions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 21, p. 1-134, 2015.

STAMBULOVA, Natalia B.; RYBA, Tatiana V.; HENRIKSEN, Kristoffer. Career development and transitions of athletes: The international society of sport psychology position stand revisited. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 19, n. 4, p. 524-550, 2020.

STAMBULOVA, Natalia B.; WYLLEMAN, Paul. Psychology of athletes' dual careers: A state-of-the-art critical review of the European discourse. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 42, p. 74-88, 2019.

TAYLOR, Jim; OGILVIE, Bruce C. A conceptual model of adaptation to retirement among athletes. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 6, n. 1, p. 1-20, 1994.

WILLIAMS, Jean. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and international football. **Historical Social Research/Historische Sozialforschung**, v. 31, n. 1, p. 151–169, 2006.

WYLLEMAN, Paul et al. Career transitions in competitive sports. Biel: FEPSAC, 1999.

WYLLEMAN, Paul. A developmental and holistic perspective on transiting out of elite sport. 2019.

WYLLEMAN, Paul; LAVALLEE, David. A developmental perspective on transitions faced by athletes. **Developmental Sport and Exercise Psychology: A Lifespan Perspective**, p. 507-527, 2004.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A

TCLE



UFES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)  
Número do CAAE:

Trabalho: **Regulamentações para fomento do futebol de mulheres:** perspectivas de desenvolvimento de carreira esportiva de jogadoras de futebol

Você está sendo convidada a participar como voluntária em um estudo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido visa assegurar os seus direitos como participante. Contém em seu texto todas as informações necessárias sobre a pesquisa que iremos desenvolver e será emitido em duas vias, uma deverá ficar com você e outra com as pesquisadoras. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com as pesquisadoras. A sua colaboração será muito importante para nós. Mas, se houver o desejo de desistir a qualquer momento, isto não causará a você nenhum prejuízo.

#### **Justificativa e objetivos**

Este estudo é uma proposta de pesquisa mestrado de responsabilidade de Gabriela Borel Delarmelina, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Mariana Zuaneti Martins, vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo. A pesquisa consiste na realização de entrevistas com atletas que desenvolvem uma carreira esportiva no futebol brasileiro. Sua participação é de suma importância para os resultados do nosso trabalho. O tema central é o desenvolvimento de carreira no futebol de mulheres no Brasil e tem como objetivo compreender o impacto das regulamentações recentes sobre o fomento da modalidade na perspectiva de carreira das atletas.

#### **Dos procedimentos da pesquisa**

Você irá participar de uma entrevista, na qual responderá a questões feitas pela pesquisadora sobre a sua história com o(s) esporte(s) e sobre a organização da sua rotina de treinamento. Essa entrevista terá gravação de áudio, que será feita através de equipamentos específicos.

**Riscos e desconfortos**

Caso haja algum desconforto, como constrangimentos advindos das perguntas realizadas durante as entrevistas ou fadiga, causada pelo tempo destinado à entrevista, sinta-se à vontade para comunicar às pesquisadoras; Em relação à fadiga gerada pela entrevista, possibilitaremos intervalos para água e banheiro durante o período de participação. Quanto aos outros pontos, você terá total liberdade para desistir do consentimento da sua participação no decorrer da pesquisa, por quaisquer motivos levantados, sem nenhum prejuízo. Esclareço ainda que a sua identidade não será divulgada sob quaisquer circunstâncias e todas as informações servirão exclusivamente para fins de pesquisa. Caso haja algum eventual dano decorrente da participação na pesquisa, prevemos a garantia de indenização.

**Benefícios**

A elaboração dessa pesquisa não prevê benefícios diretos. Indiretamente, contudo, visa colaborar no entendimento do desenvolvimento da carreira esportiva de mulheres no futebol, considerando as novas regulamentações para o fomento da modalidade.

**Ressarcimento:**

Pela participação, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias à realização da pesquisa não serão de responsabilidade.

**Sigilo e privacidade**

Você tem a garantia de que a sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, o seu nome não será citado.

**Armazenamento do material**

As anotações referentes as observações e as gravações de áudio realizadas serão armazenadas somente durante o tempo de elaboração da pesquisa. Posteriormente à realização da mesma, os áudios, transcrições e anotações serão destruídas. Favor marcar a opção desejada:

( ) Concordo em participar no presente estudo, porém NÃO AUTORIZO o armazenamento de informações obtidas por meio da pesquisa.

( ) Concordo em participar no presente estudo e AUTORIZO o armazenamento de informações obtidas por meio da pesquisa, sendo necessário meu consentimento a cada nova pesquisa, que deverá ser aprovada pelo CEP institucional e, se for o caso, pela CONEP.

( ) Concordo em participar no presente estudo e AUTORIZO o armazenamento de informações obtidas por meio da pesquisa, dispensando meu consentimento a cada nova pesquisa, que deverá ser aprovada pelo CEP institucional e, se for o caso, pela CONEP.

**Contato:** Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras pelo telefone (28) 99988-9165 (Gabriela)

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que fica em, Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910, Brasil Telefone: (27) 3145-9820, Email: cep.goiabeiras@gmail.com

**Consentimento livre e esclarecido:**

Após ter sido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que sou voluntária deste estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias e que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Por ser verdade,

---

(Assinatura da Voluntária)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Responsabilidade da pesquisadora:**

Asseguo ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e ter impresso duas vias deste documento, sendo ambas assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo pesquisador e pelo participante. Também asseguo uma cópia deste documento ao participante/responsável legal. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante/ responsável legal.

---

(Assinatura da pesquisadora)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**APENDICE B****ROTEIRO**

## Sessão I

<b>ENGAJAMENTO EM ATIVIDADES RELACIONADAS AO DOMÍNIO FAZER ISSO A CADA ANO A PARTIR DA PRIMEIRA PRÁTICA ESPORTIVA</b>
<b>PERGUNTA</b>
1- Me conta um pouco das suas primeiras lembranças com o futebol; um pouco da carreira
2- Quando você começou a praticar esporte? (sessões de treinamento).
<p>3- ORIGEM SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Com quem você morou na infância e adolescência?;</li> <li>• O que eles fazem (ocupação);</li> <li>• qual é o nível de escolaridade dos pais;</li> <li>• Você estudou em escola pública ou privada?</li> <li>• Teve plano de saúde?</li> <li>• Quais eram os planos da sua família para o seu futuro?</li> </ul>
<p>4 - Você pratica alguma outra atividade? (inglês, curso extraclasse, trabalho, organização familiar, tempo de deslocamento)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Perguntar sobre a relação da mesma com essas práticas;</li> <li>• Quantas horas gastam;</li> <li>• Esse cansaço atrapalhava em outros momentos?</li> <li>• Como você se concentra para realizar as atividades? O treino te deixava cansada mentalmente? Isso tinha alguma influência na sua rotina?</li> </ul>
<p>5 - Quando começou a treinar?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Se treinar em equipe, pergunte se iniciou os treinos antes individualmente.</li> <li>• Passou por processo de seleção?</li> <li>• Passou por formação de base?</li> </ul>

<p>6 - Quantas horas treinava o esporte?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Treinava o ano todo?</li> <li>• Treinava nos finais de semana?</li> <li>• Seu treino é o mesmo o ano todo? Em alguns meses a rotina mudava? Você treinava outras coisas nesses períodos?</li> </ul>
<p>7 - Quando havia alguma mudança de rotina, como as férias, você continuava treinando? E brincando (ou praticando alguma outra atividade física)?</p>
<p>8 - Como foram os primeiros campeonatos que participou?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como eram organizados? eram na mesma cidade? Quando viajou para jogar pela primeira vez?</li> <li>• Eram campeonatos federados?</li> <li>• Você era federada?</li> </ul>
<p>9- Fazer linha do tempo.</p>

## SESSÃO 2

<p><b>FATORES QUE LIMITAM A QUALIDADE E QUANTIDADE DO TREINO FAZER ISSO A CADA ANO A PARTIR DA PRIMEIRA PRÁTICA ESPORTIVA</b></p>
<p><b>PERGUNTAS</b></p>
<p><b>QUALIDADE DOS RECURSOS DE TREINAMENTO</b></p>
<p>1- Você tinha bolsa?</p>
<p>2- Você tinha material?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tinha alguma ajuda para os materiais de treinamento?</li> </ul>
<p>3- Como eram as condições de treinamento a cada ano?</p>
<p>4- O treinamento era gratuito?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Se não, quem pagava a mensalidade?</li> </ul>
<p>5- Você fazia acompanhamento nutricional? Fez em algum momento?</p>
<p>6- Tinha auxílio para viajar quando havia competição fora?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Suplemento, fisioterapia, acompanhamento, e o tc.</li> </ul>

<p>7. estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Como é sua semana de trabalho no clube?</li> <li>• ver de descrever um dia comum;</li> <li>• Como é a estrutura que você tem no clube?</li> <li>• o que tem;</li> <li>• o que mudaria;</li> <li>• o que falta;</li> </ul> <p>Qual seria a estrutura ideal pra você?</p> <p>Qual seria a condição ideal da sua carreira para que você se dedique ao futebol?</p>
<b>*PERGUNTAR ANUALMENTE</b>
<b>SAÚDE E LESÃO</b>
<p>0. Você teve alguma lesão?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Alguma dor?</li> <li>• Que dor foi essa?</li> <li>• Quanto tempo durou e como tratou?</li> <li>• Quanto tempo ficou parado?</li> <li>• Como foi o retorno?</li> </ul>
<b>*PERGUNTAR ANUALMENTE</b>

### SESSÃO 3

<b>PERSPECTIVAS PARA CARREIRA PROFISSIONAL NO FUTEBOL DE MULHERES</b>
<p>Salário</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando você começou a receber remuneração?</li> <li>• Que tipo de remuneração você recebia?</li> <li>• era uma remuneração temporária para disputar os campeonatos?</li> <li>• Já ganhou algum tipo de apoio financeiro qualquer para ajudar a jogar?</li> <li>• desde material a apoio médico.</li> </ul>
<p>Ganho regular de salário?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando começou a ganhar regularmente.</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acontece durante os 12 meses do ano ou só enquanto está disputando campeonato?</li> <li>• Se for regular, tem ou teve interrupção em algum momento?</li> <li>• O que você faz quando há interrupção?</li> <li>• Qual é o tipo de vínculo com o clube?</li> <li>• carteira de trabalho; contrato, etc;</li> <li>• Tentar explorar.</li> </ul>
<p>Valor:</p> <p>não quero te perguntar qual é o seu salário porque é uma coisa indelicada, eu sei. Mas quanto ganha, em média, uma jogadora de futebol?</p>
<p>Transferências:</p> <p>Já passou por alguma? Como acontece? mudou com o passar dos anos?</p>
<p>Premiações:</p> <p>Como acontecem as premiações? Vocês recebem alguma parte das premiações dos clubes?</p>
<p><b>DUPLA CARREIRA</b></p> <p>Como é a sua rotina atualmente?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Você tem outra carreira para além da esportiva?</li> <li>• Você já teve uma outra carreira junto a atual?</li> <li>• Quando? Como era? por quanto tempo? o que motivou a conciliação? o que interrompeu a conciliação?</li> <li>• Como acontecia o gerenciamento da conciliação? e agora, o que mudou?</li> <li>• Qual é sua percepção sobre a necessidade das jogadoras se dedicarem a outra carreira (estudar/trabalhar) enquanto jogam?</li> <li>• Quais as condições de profissionalização atuais oferecidas pelo futebol de mulheres?</li> <li>• <b>Quais foram as mudanças que você sentiu no futebol do início de sua carreira até os dias atuais?</b></li> <li>• Sua família te apoia nas rotinas do esporte?</li> </ul>
<p>No seu clube, todas as meninas se dedicam exclusivamente ao futebol (deixar bem claro o que é dedicação exclusiva)?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Elas estudam?</li> <li>• Algumas trabalham?</li> </ul> <p>Você sabe quantas estão desenvolvendo essa conciliação de carreiras?</p>

Como você gere a sua carreira? Que atividades você desenvolve para cuidar dela? Você se cuida como, enquanto atleta? Que passos você dá para fazê-la crescer?

Quais são suas expectativas futuras para a sua carreira no futebol de mulheres?

- Como você se vê profissionalmente falando?
- Onde você se vê daqui a 10 anos?
- se ela perguntar em que sentido: na vida
- se não entrar em termos profissionais, perguntar;

Você pensa alguma coisa pra fazer para que, daqui a 10 anos, atingir essa situação?

- como você tá pensando em chegar nesse seu objetivo de vida;